

A IPB E SUA TEOLOGIA - CALVINISTA, PURITANA,
FUNDAMENTALISTA? REFLEXÕES A PARTIR DA TRADIÇÃO REFORMADA
SOBRE ECLESIOLOGIA E CULTURA NO CONTEXTO BRASILEIRO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

por

Marcello Fontes

Em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós - Graduação em Teologia
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
São Leopoldo, RS, Brasil
Janeiro de 2004

FONTES, Marcello. *A IPB e sua teologia: calvinista, puritana, fundamentalista? Reflexões a partir da tradição reformada sobre eclesiologia e cultura no contexto brasileiro*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004.

SINOPSE

Esta dissertação busca investigar a existência de uma Teologia Reformada brasileira no âmbito da eclesiologia e da relação com a cultura, trabalhando com a Igreja Presbiteriana do Brasil como base de dados para tal investigação. Na primeira parte, pesquisa-se como se formou o reformador João Calvino e que relação a sua formação humanista teve com os ensinamentos que desenvolveu, bem como tais ensinamentos poderiam ser aplicados à Teologia Reformada brasileira, escolhendo-se a graça comum para entender a relação com a cultura e buscando-se compreender a abrangência de sua eclesiologia. Na segunda parte, calvinismo, puritanismo e "neopuritanismo" são analisados sob a perspectiva de compreenderem-se possíveis rupturas ou continuidades. Tais situações serão verificadas na influência cultural do silogismo prático dos calvinistas e da relação de Calvino e dos puritanos com a ciência. A terceira parte apresenta Richard Shaul como contraponto ao modo de ser reformado designado como "neopuritano", aplicado à boa parte dos reformados brasileiros da IPB, na medida em que tenta construir uma Teologia Reformada da revolução, que seus seguidores, possivelmente seu maior legado, transformariam em Teologia da Libertação. Ele será comparado em sua visão eclesiológica com Ashbel Green Simonton, pioneiro da IPB no Brasil. Por fim, à guisa de conclusão, a quarta e última parte estudará a construção da atual Teologia Reformada da IPB, sua possível relação com o fundamentalismo, a partir dos puritanos ou não, e acima de tudo o grande receio quanto a sua brasilidade, buscando pistas para responder que tipo de eclesiologia afinal tem produzido a Teologia Reformada da IPB.

FONTES, Marcello. *IPB and his Theology: calvinist, puritan, fundamentalist? Reflections from reformed tradition about ecclesiology and culture in brazilian context*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004.

ABSTRACT

This dissertation seeks to investigate the existence of a Brazilian Reformed Theology in the area of ecclesiology and its relation to culture by using the Presbyterian Church of Brazil as the object of investigation. The first part investigates how the reformer John Calvin was educated and how his humanism related to the teaching he developed, as also its possible application to Brazilian Reformed Theology, choosing common Grace to understand this relation to culture in seeking to understand how wide was its influence in his ecclesiology. In the second part, Calvinism, Puritanism and "Neopuritanism" are analyzed toward possible divisions or continuity. Such situations will be studied as a possible cultural influence of the practical rationalization of the Calvinists and of the relation of Calvin and the puritans with science. The third part presents Richard Shaull as a contradiction to the style of being reformed "neopuritans", applical to a good part of the Brazilian reformed of the Presbyterian Church of Brazil, to the extent that he attempted to construct a Reformed Theology of Revolution that his followers, perhaps his major contribution, could transform into a Theology of Liberation. His ecclesiastical vision will be compared to that of Ashbel Green Simonton, pioneer of the Presbyterian Church of Brazil. The fourth and final part will study the construction of Reformed Theology in the Presbyterian Church of Brazil today, its possible relation to fundamentalism, beginning or not with the puritans, above all a real fear as to its Brazilianity, seeking ways to respond to the kind of ecclesiology the Reformed Theology of the Presbyterian Church of Brazil has produced.

DEDICATÓRIA

Ao *Rev. Floyd Eugene Grady*, missionário, pastor, professor e estudioso da Reforma há mais de cinqüenta anos no Brasil, amando e defendendo esta terra, que com sua mente arejada e sua coragem, inspirou-me e incentivou-me, não apenas com palavras, mas com gestos concretos e exemplos de vida, a trilhar cada vez mais o rumo da pesquisa e do estudo. Seus ensinamentos, exemplos e acima de tudo, sua amizade, têm sido um privilégio pelo qual sempre serei grato.

AGRADECIMENTOS

Ao *Deus Eterno e Soberano*, que me capacitou com sua graça.

Aos meus pais, *Silas e Odeti*, pelo carinho.

Aos amigos de todas as horas *Leandro e Sílvio*, que me acompanharam, mesmo à distância.

Ao *Presbitério do Rio Grande do Sul*, que sempre me apoiou.

A *EST*, pela bolsa parcial no primeiro ano de estudos.

A *CAPES*, pela bolsa plena, no segundo ano de estudos.

Ao meu orientador, *Prof. Dr. Rudolf von Sinner*, pela paciência e prontidão.

A todos os *professores e funcionários do IEPG*, pela atenção, respeito e educação que sempre me dedicaram.

A todos, muito obrigado.

Sumário

Sinopse.....	2
Abstract.....	3
Dedicatória.....	4
Agradecimentos.....	5
Introdução Geral.....	8
1. João Calvino, igreja e cultura a partir da implantação do presbiterianismo no Brasil	
1.1 Introdução.....	13
1.2 A inserção do presbiterianismo no Brasil.....	16
1.3 A formação humanista de João Calvino.....	22
1.4 João Calvino como humanista.....	27
1.5 Graça comum como princípio inclusivo da cultura.....	34
1.5 A eclesiologia de João Calvino: abrangente...	38
1.7 Conclusão: Quem é João Calvino para a Teologia Reformada brasileira?.....	46
2. Calvinismo, Puritanismo e “neopuritanismo”: continuidade e ruptura na Eclesiologia e relação com a Cultura	
2.1 Introdução.....	48
2.2 Calvino e os calvinistas: distorções ou desenvolvimento?.....	49
2.3 O Silogismo prático dos calvinistas e sua	

influência cultural.....	55
2.4 A relação de Calvino e dos puritanos com a Ciência.....	70
2.5 Conclusão: “neopuritanismo”.....	77
3.0 contraponto: cotejando a visão eclesiológica de Ashbel Green Simonton e Richard Shaul em busca de alternativas	
3.1 Introdução.....	84
3.2 Simonton e Shaul: visões eclesiológicas.....	87
3.3 Reforma Protestante e Teologia da Revolução: resgate da eclesiologia calvinista?.....	96
3.4 A influência de Richard Shaul na cultura teológica brasileira.....	102
3.5 Conclusão:Seria possível voltar a Calvino?...	108
4.Como se constrói a atual Teologia Reformada da IPB?	
4.1 Introdução.....	111
4.2 A relação com o fundamentalismo viria já do puritanismo?.....	112
4.3 O grande receio da Teologia Reformada da IPB quanto à sua brasilidade: medo da cultura?.....	122
4.4 O “neopuritanismo” da Teologia Reformada brasileira da IPB: que tipo de eclesiologia tem produzido?.....	131
5. Bibliografia.....	140

Introdução

O encontro de uma teologia brasileira não tem sido uma tarefa fácil para nenhum daqueles que se propõem a procurá-la. Há quem diga que ela não existe: apenas imita modelos importados repetidos à exaustão e maquia-se com o mínimo necessário para aparecer.

Para os protestantes, de um modo geral, esta tem sido uma tarefa ainda mais complexa. O pouco tempo de inserção no Brasil, quando comparado ao catolicismo romano, e a predominância de modelos externos de forma constante e insistente chegam a fazer pensar que a teologia protestante não poderá ser coisa de brasileiros, a não ser que finjam ser americanos ou europeus, quer em padrão comportamental, quer em idéias¹.

A tradição reformada, pelas suas características peculiares de inserção no Brasil tem tateado pela sociedade brasileira, mas como diz Antonio Gouveia Mendonça, "não se apresenta".² Este crônico comportamento não é exclusivo da tradição reformada, mas suas dificuldades com a cultura brasileira são emblemáticas de um protestantismo brasileiro em busca de identidade.

Justamente essa busca e as óbvias dificuldades causadas pela distância geográfica, histórica e social da matriz

¹ Sergio Buarque de HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 151.

² Antonio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste porvir*, p. 15.

européia do movimento reformador de João Calvino marcarão um desenvolvimento de uma Teologia Reformada "*sui generis*" no caso brasileiro.

Assim encontramos a tradição reformada brasileira: muitas perguntas e poucas respostas.

O propósito da pesquisa que gestou esta dissertação não foi fazer novas perguntas, mas tentar encontrar pistas de respostas para questionamentos já consagrados: Até que ponto os puritanos são herdeiros de Calvino? Por que desenvolvemos uma alergia às manifestações culturais brasileiras? Por que razão João Calvino permanece um ilustre desconhecido para os reformados brasileiros?

Os "neopuritanos", reformados contemporâneos que praticamente beatificam o "grande momento" puritano parecem já ter feito a sua escolha, embora mantenham um apego a Calvino que se explica a partir de uma necessidade de afirmação, mais por força e vontade do que por real identificação com suas idéias.

A escolha da Igreja Presbiteriana do Brasil como alvo de pesquisa dessa Teologia Reformada tupiniquim deu-se por sua importância numérica e histórica³. É, possivelmente, a maior denominação de linha reformada da América Latina, ombreando este posto talvez com a Igreja Presbiteriana Mexicana⁴. Será usada a sigla IPB para referir-se à Igreja

³ Jean-Jacques BAUSWEIN; Lukas VISCHER (Eds.). *The Reformed Family Worldwide. A Survey of Reformed Churches, Theological Schools, and International Organizations*, p. 82.

⁴ John H. LEITH. *A Tradição Reformada*, p. 66, 67.

Presbiteriana do Brasil. Nos documentos oficiais da Igreja, obtidos a partir do seu Digesto, surgirão outras siglas, que convêm explicitar:

SC: Supremo Concílio, órgão diretivo nacional da Igreja Presbiteriana do Brasil

CE: Comissão Executiva, eleita pelo plenário do Supremo Concílio, ou de um sínodo ou de um presbitério, para trabalhar em cumprimento às resoluções do mesmo

JURET: Junta Regional de Educação Teológica, responsável pela supervisão de um seminário.

JET: Junta de Educação Teológica, órgão nacional da denominação para coordenar o ensino teológico, ao qual todas as JURETs estão subordinadas.

BP: Jornal Brasil Presbiteriano, órgão oficial da denominação desde 1958.

SPS: Seminário Presbiteriano do Sul, o mais antigo da denominação e do Brasil⁵.

As várias notas biográficas foram fruto de pesquisas basicamente em dois endereços da Internet, e traduzidas pelo autor da dissertação: <http://www.biography.com> e <http://reference.allrefer.com/>.

⁵ Fonte: www.ipb.com.br, em 29 de Janeiro de 2004.

As traduções dos textos em inglês e da sinopse foram feitas pelo autor da dissertação, com auxílio do Rev. Floyd Eugene Grady.

A disposição dos capítulos na dissertação procurou obedecer a lógica da pesquisa proposta, quanto a eclesiologia e a relação com a cultura que se pretende estudar na Teologia Reformada da Igreja Presbiteriana do Brasil. É importante frisar que todos os capítulos, invariavelmente, nasceram de monografias apresentadas para avaliação no cumprimento dos créditos do programa de Mestrado do IEPG/EST. Assim, o primeiro capítulo parte da inserção do presbiterianismo no Brasil, observa suas peculiaridades e idiossincrasias, ao mesmo tempo em que busca perceber que a formação cultural de João Calvino e sua condição de humanista poderiam dar rumos e pistas diversos para esta Igreja, se a figura do Reformador de Genebra fosse mais bem acolhida nestes trópicos, não de forma iconoclastica ou imitativa, mas na compreensão da relevância e integralidade de sua ação no século XVI, as quais só se possibilitaram pela sua formação invejável. Também se escolhe a sua doutrina da graça comum para entender a relação com a cultura, além de se buscar compreender a abrangência de sua eclesiologia.

No segundo capítulo, busca-se comparar, calvinismo, puritanismo e "neopuritanismo", investigando-se possíveis continuidades e rupturas, tomando o silogismo prático dos

calvinistas e puritanos do séc. XVII como elemento chave para esta análise, que também passará pela relação de João Calvino e dos puritanos com a ciência.

O terceiro capítulo faz um contraponto entre as compreensões eclesiológicas de Ashbel Green Simonton, primeiro missionário presbiteriano a trabalhar efetivamente no Brasil e Richard Shaul, influente missionário, professor e teólogo que por aqui passou entre 1952 e 1965, com enorme influência não apenas sobre a Igreja Presbiteriana do Brasil, mas sobre a teologia protestante brasileira e latino-americana, de modo geral. A idéia é pensar uma visão eclesiológica reformada alternativa ao modelo presente, para a qual Simonton e Shaul têm contribuições.

Por fim, à guisa de conclusão a quarta e última parte estudará a construção da atual Teologia Reformada da IPB, sua possível relação com o fundamentalismo, a partir dos puritanos ou não, e acima de tudo o grande receio quanto a sua brasilidade, buscando pistas para responder que tipo de eclesiologia afinal tem produzido a Teologia Reformada da IPB.

Capítulo 1. João Calvino, igreja e cultura a partir da implantação do presbiterianismo no Brasil

1.1 Introdução

A Igreja Presbiteriana do Brasil orgulha-se de ser “Herdeira da Reforma” e tem sido classificada como “de tradição calvinista” por renomados estudiosos da Teologia, História da Igreja e Ciências da Religião⁶.

Não resta dúvida de que existem tais influências na Igreja Presbiteriana do Brasil. Inclusive, ela está catalogada como uma das maiores igrejas de linha reformada da América Latina e certamente a maior do Brasil⁷.

Mas a grande pergunta que se levantará aqui é que tradição reformada influenciou e influencia realmente a IPB na sua práxis teológica. Ao ser declarada de tradição calvinista, poder-se-ia deduzir que os conceitos teológicos desenvolvidos pelo reformador João Calvino e seus seguidores são sobejamente conhecidos e aplicados de alguma forma na Teologia Reformada esposada pela IPB.

No entanto, o que se constata é que João Calvino é um ilustre desconhecido na IPB, bem como idéias centrais de sua teologia. Tais fatos comprovam-se facilmente: mesmo sendo uma denominação com meio milhão de membros e possuindo uma Editora própria, a IPB não possui material relevante disponível sobre o teólogo francês do qual diz seguir a tradição teológica. A obra magna de Calvino, *As Institutas da Religião Cristã*, foi traduzida em linguagem hermética e anacrônica, mas mesmo esta obra está esgotada⁸. Existe uma parca obra biográfica sobre Calvino

⁶ Antônio Gouvêa MENDONÇA e Prócoro VELASQUES Filho. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 19 a 20.

⁷ John H. LEITH. *A Tradição Reformada*, p. 67.

⁸ “As Institutas de Calvino foram publicadas em 2 volumes. O volume 1, está esgotado há aproximadamente 6 anos, já o volume 2,

publicada pela Editora oficial da IPB, de caráter apologético e pouco acadêmico. Quanto a seus comentários, nem uma linha. Uma editora brasileira evangélica vem lançando alguns de seus comentários, os quais são traduzidos da tradução para o inglês e omitem notas de rodapé e maiores auxílios. Se um membro ou um pastor da IPB resolver conhecer Calvino de forma mais profunda, terá de recorrer a obras em inglês, francês, espanhol e alemão. Quanto a outros reformadores próximos de Calvino, como Zwinglio⁹ e Teodoro Beza, que constituem as figuras basilares de toda a tradição reformada, a situação é ainda pior. Qual a verdadeira razão disto?

O que o presente capítulo pretende demonstrar é que muito do pensamento de Calvino entra em choque com a teologia que vem se desenvolvendo na IPB. Constataremos isto a partir da concepção eclesiológica de Calvino e de sua postura frente à cultura a partir da doutrina da Graça Geral ou Comum. Por razões históricas e que nos remetem à inserção do protestantismo de missão no Brasil, em particular o presbiterianismo, iremos constatar que a grande influência que realmente pesa sobre a IPB é a do

está esgotado desde dezembro de 1999. O lançamento da próxima edição está programado para novembro deste ano. A tradução é do Rev. Waldyr Carvalho Luz, totalmente revisado(sic)". RAQUEL BALONECKER (raquelbalonecker@hotmail.com). Institutas de Calvino. 04 de Setembro de 2003. E-mail para Marcello Fontes (revmf@ig.com.br). Observações importantes: a Sra. Raquel Balonecker é diretora de vendas da Editora Cultura Cristã, editora oficial da IPB. A informação sobre os volumes é equivocada: a editora a lançou em 4 volumes. Até a elaboração final desta dissertação, em Janeiro de 2004, nenhum exemplar havia sido relançado.

⁹ Huldrych ou Ulrich Zwingli, (forma Latina: Ulricus Zuinglius) 1484 - 1531. Reformador protestante, nascido em Wildhaus, Suíça. Ele estudou em Bern, Viena, e Basel, foi ordenado em 1506, e tornou-se um capelão dos mercenários suíços. Em 1518, clérigo eleito da Catedral de Zürich, opôs-se à venda de indulgências e aderiu às doutrinas Reformadas, obtendo o apoio das autoridades civis. Em 1524 ele divergiu de Lutero quanto à questão da Eucaristia e rejeitou toda forma de presença corpórea. Segue-se a Guerra entre os cantões, na qual foi morto durante uma batalha perto de Kappel.

puritanismo, o qual certamente também é considerado um movimento derivado da tradição calvinista, mas um calvinismo tardio e que se desviou daquilo que o reformador de Genebra realmente almejava, particularmente em termos eclesiológicos e culturais.

Mais recentemente, o fundamentalismo tem soprado de maneira mais ou menos constante, desde Carl McIntire¹⁰, sobre o pensar teológico da IPB. Que Teologia Reformada nos restou?

Neste contexto, João Calvino tem muito a ensinar. Aquele que foi uma "uma figura seminal na história europeia, mudando a perspectiva de indivíduos e instituições ao amanhecer do período moderno, quando a civilização ocidental começou a assumir sua forma característica¹¹", precisa finalmente influenciar a teologia brasileira que diz proceder do movimento do qual ele foi um dos líderes. Pois mesmo os críticos mordazes de Calvino, que de quase tudo o acusaram, não puderam considerá-lo irrelevante. Ele é uma das figuras mais

¹⁰ Rev. Carl McIntire, líder ferrenho do movimento fundamentalista, morto em 19 de Maio de 2002. Fundou a Bible Presbyterian Church, que postulava posições anti-ecumênicas e literalistas na interpretação da Bíblia. McIntire tinha postura altamente beligerante contra todo e qualquer órgão ecumênico, como o Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Teve grande influência no processo de "fechamento ultraconservador" da Igreja Presbiteriana do Brasil como relata Guilhermino Cunha em seu artigo intitulado *Os herdeiros de Carl McIntire*. Fundou o Conselho Internacional das Igrejas Cristãs, com sede em Amsterdã, o qual se regia por uma Constituição em cujo Artigo VI, número 3, os fins são assim descritos:

"Buscar tornar conscientes todos os cristãos dos perigos insidiosos do modernismo e chamá-los à unidade no pensamento e no esforço contra toda a descrença e compromisso com modernismo de qualquer tipo, e contra o Catolicismo Romano, na esperança que com a bênção de Deus esse esforço resulte numa genuína Reforma do século vinte".

Através de um jornal, *The Christian Beacon*, e um programa de Rádio, *The 20th Century Reformation Hour*, McIntire conquistou muitos seguidores entre os protestantes americanos. No período da guerra fria, era um ferrenho anticomunista.

¹¹ "...a seminal figure In European history, changing the outlook of individuals and institutions at the dawn of the modern period, as western civilization began to assume its characteristic form. (tradução do autor) Alister E. McGrath, *A Life of John Calvin*, p. xi do Prefácio.

relevantes e influentes do mundo ocidental¹². Ao deixar de atentar para a pessoa, a vida, a obra e em especial a teologia de João Calvino, a Teologia Reformada brasileira da IPB permanecerá empobrecida. Num melhor desenvolvimento deste capítulo, pretende-se demonstrar como João Calvino e algumas de suas posturas são caprichosamente desconhecidas da IPB, possivelmente por não alimentarem o ideário teológico da denominação. A graça comum e a eclesiologia inclusiva demonstram isto, da forma como são elaboradas por Calvino.

1.2 A inserção do presbiterianismo no Brasil

Tem-se convencionado chamar as igrejas de origem calvinista de Igrejas Reformadas, a despeito de ser o calvinismo um movimento posterior à Reforma de Martinho Lutero. O termo "presbiteriano" surge com mais frequência nos E.U.A., de onde deságua no Brasil. Assim, ao referir-se à Teologia Reformada, está se falando naquela de origem e herança calvinista:

Chama-se "Reformado", principalmente nos países do continente europeu, o tipo de protestantismo que sofreu a influência de Calvino e de homens como Farel, Bucer e Knox - e assim é denominado, apesar de certa confusão que decorre desse nome, pois afinal todos os ramos do Protestantismo são "Reformados", porque vêm da Reforma. Na Grã Bretanha, e em vários outros países, eles são chamados "Presbiterianos", porque o seu governo é exercido por "presbíteros", e na Itália formam a tradicional igreja Valdense. Os reformados não só rejeitam no culto o que lhes parece proibido nas Escrituras, como em geral somente aceitam o que lhes parece ter a garantia dos textos bíblicos. Apresentam maior simplicidade em seu culto e determinados rigores em sua orientação geral. Teriam recebido, mais que os luteranos, influências da cultura latina e do humanismo¹³.

¹² Bernard COTTRET. John Calvin: a Biography, p. xiv, Introduction.

¹³ Epaminondas Melo do AMARAL. *Protestantismo e Reforma*, p. 89.

Segundo Antônio Gouvêa Mendonça, ao formular os ramos protestantes no Brasil, os reformados aparecem como presbiterianos, congregacionais e reformados europeus oriundos de igrejas de colônias de imigrantes. Os membros das igrejas procedentes da Reforma Calvinista aparecem assim especificados:

2. Presbiteriana (igrejas da Reforma Calvinista)

- 2.1 Igreja Presbiteriana do Brasil
- 2.2 Igreja Presbiteriana Independente do Brasil
- 2.3 Igreja Presbiteriana Conservadora
- 2.4 Igreja Presbiteriana Fundamentalista
- 2.5 Igreja Presbiteriana Unida
- 2.6 Igrejas reformadas de imigração (holandesa, húngara, etc)¹⁴

Dentro deste quadro, a Igreja Presbiteriana do Brasil é a mais antiga e mais numerosa. Completará 145 anos no próximo dia 12 de Agosto e tem aproximadamente 500.000 membros¹⁵. Está presente em todas as unidades da Federação, com menor ênfase na Região Sul do Brasil, em razão de acordos com outras denominações (luteranos e episcopais, principalmente) feitos no século XIX¹⁶ e início do século XX¹⁷.

Entretanto, qual seria a teologia apresentada nesta igreja? Seria de se esperar que fosse a Reformada, mas fatores históricos ímpares conduziram-na para outros rumos:

¹⁴ Antônio Gouvêa MENDONÇA e Prócoro VELASQUES. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 19 a 20.

¹⁵ Estatística da Igreja Presbiteriana do Brasil obtida junto à sua secretaria executiva. Disponível na Internet http://www.executivaipb.com.br/Estatistica_Dad.htm em 29 de Janeiro de 2004. Dados estimados: 486.438 membros.

¹⁶ Júlio Andrade FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil - volume I*, p. 268.

¹⁷ Júlio Andrade FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil - volume II*, p. 409-410.

¹⁸ Hêlerson SILVA. *A Era do Furacão: História Contemporânea da Igreja Presbiteriana do Brasil*.

O presbiteriano é puritano! A herança puritana é uma das mais fortes características trazidas na bagagem dos primeiros missionários norte - americanos.¹⁸

Com exceção dos reformados europeus oriundos de processos imigratórios, bem como grupos de europeus que estabeleciam suas comunidades de forma um tanto exclusiva, os demais são todos frutos de missões norte-americanas, que vieram impulsionadas por movimentos avivalistas de cunho puritano. O processo de ruptura entre a "velha" e a "nova" Escola teológica (Old School Presbyterians and New School Presbyterians) encontra-se no auge quando o primeiro missionário presbiteriano a firmar-se no Brasil, Ashbel Green Simonton (1833 - 1867) estava estudando no Princeton Theological Seminary:

Apesar de Simonton ter estudado em Princeton, então reduto do pensamento presbiteriano conservador do Norte, ele apresenta, como já foi dito, uma certa ambigüidade de pensamento e de ação refletindo a situação de tensão vigente entre os presbiterianos até bem depois de ele ter deixado o seminário.¹⁹

A igreja que Simonton implanta no Brasil é fruto da realidade ímpar que as igrejas da América do Norte viviam à época de formação e envio, bem como da realidade religiosa e cultural brasileira a qual ela tem de se adaptar. Esta igreja, confrontada com séculos de uma religiosidade católica dominante no país, e com fortes resistências a qualquer movimento religioso diverso, é anti-católica:

Uma religião cristã só de nome, distante de suas origens, mitológica, mais propícia aos ricos, contraditória, mantida por um cerimonial externo e responsável por boa parte da irreligiosidade reinante na sociedade e que caracterizava a Igreja Católica pelas facilidades que oferecia aos seguidores era a religião da maioria. Por

18

19

Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste porvir*, p. 180.

isso, Simonton exortava os seus ouvintes a se acautelar contra esta aparente superioridade.²⁰

Também o fato de ter o ex-padre José Manoel da Conceição se tornado "historicamente, o primeiro pastor protestante a ser ordenado no Brasil",²¹ com certeza arraigaram esta aversão. As condições de implantação puritana do presbiterianismo brasileiro, associado à sua maior penetração no meio rural, também contribuem para tornar esta igreja anti-litúrgica:

A forma de culto, conseqüentemente, foi desde o início, a mais simples possível: qualquer lugar, como uma sala tosca de chão batido ou o terreiro à sombra de uma árvore, era fisicamente a presença do sagrado. O pastor, quando presente, distinguindo-se simplesmente pelo paletó, gravata e suas perneiras de montar. Aparência meio citadina, meio sertaneja. Mas, de qualquer maneira, bem distante de qualquer visualização litúrgica.²²

Numa classificação que faz das igrejas protestantes no Brasil entre litúrgicas e não-litúrgicas, Prócoro Velásques Filho é taxativo:

As igrejas não-litúrgicas são aquelas que, em razão da herança puritana, pietista, e dos reavivamentos ocorridos nos séculos XVIII e XIX, caracterizam-se pela prática de um culto que foge a fórmulas prefixadas, aos rituais e ao aparato litúrgico. No caso brasileiro, o anticatolicismo que caracteriza essas igrejas atua como catalisador da reserva que têm em relação à tradição litúrgica: culto e demais rituais preestabelecidos são virtualmente condenados e quase sempre com a alegação que sugerem a missa católica (...) Configuram o protestantismo não litúrgico, que se expressa principalmente através de presbiterianos - desde os ultra-conservadores, como os presbiterianos do Brasil, até os progressistas e ecumênicos, como os presbiterianos unidos...²³

²⁰ Id., p. 84.

²¹ Id., p. 85.

²² Id., p. 213.

²³ Antônio Gouvêa MENDONÇA e Prócoro VELASQUES Filho. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 155 - 156.

Assim se insere a Igreja Presbiteriana, que deveria ser herdeira da Reforma, calvinista e ortodoxa: sem uma identidade muito claramente constituída, fruto de uma constante inquietação em relação à cultura brasileira, um moralismo que chega a beirar os usos e costumes em relação à bebida, cigarro e outros "vícios sociais" (sendo circunstancialmente mais tolerante com o fumo do que com as bebidas alcoólicas).²⁴ Mesmo a grande ruptura em 1903, que gera a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil não é suficiente para produzir alguma mudança significativa neste cenário. Seu principal líder, Rev. Eduardo Carlos Pereira (1855 - 1923), apesar de discordar da visão missionária americana, muitas vezes o faz por ser ainda mais conservador do que eles, desejando um maior poder proselitista à igreja, num ranço anticatólico ainda maior.²⁵

²⁴ "AG-1900-021 - Vícios Sociais - Todos os obreiros da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil devem combater com insistência os vícios, os exageros da moda e tudo quanto rebaixe o nível da espiritualidade. 1) BEBIDAS ALCOÓLICAS - A. Recomendar a todos os concílios inferiores envidem esforços para que os membros da nossa Igreja se esforcem para abandonar o uso, mesmo moderado, de todas as bebidas alcoólicas, exceto remédios. AG-1900-021. B. Recomendar a todos os membros da nossa Igreja que são fabricantes ou negociantes de bebidas alcoólicas que se esforcem para deixar esse ramo de negócio ou meio de vida, a fim de não concorrerem, nem direta, nem indiretamente para a ruína do corpo e da alma de seus semelhantes. AG-1900-021. C. Recomendar aos Presbitérios que tomem medidas positivas e eficazes para combater a fabricação e venda de bebidas alcoólicas por membros da Igreja. AG-1920-029. 2) FUMO - FUMANTES - A. Seria muito desejável que nenhum oficial da Igreja fumasse; mas, também julga que esse critério isolado afastaria desses cargos homens que tem outras qualificações para exercê-los e admitiria indivíduos aos quais faltariam outros requisitos essenciais. AG-1936-040 e AG-1936-041. B. O SC/IPB declara que tudo o que destrói o corpo, que é o Templo do Espírito Santo, é pecado e deve ser evitado; não obstante, reconhece que é a Igreja constituída de crentes que estão caminhando em santificação, uns mais e outros menos, devendo os conselhos esforcem-se por conseguir o melhoramento espiritual de maneira amistosa e fraternal. AG-1936-042. C. As resoluções constantes nas Atas de 1936, às páginas 40-42, já em vigor, quanto ao fumo e aos fumantes, devem ser reafirmadas e divulgadas pelos concílios. SC-1938-022". IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1951 - 1960*, p. 5.

²⁵ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste porvir*, p. 87 - 90.

O protestantismo que a IPB implanta no Brasil é, pela própria lógica, uma cópia do protestantismo, e em particular do presbiterianismo norte-americano²⁶, já distante de sua matriz européia:

Do ponto de vista doutrinal, o calvinismo que acreditavam difundir já era uma diluição de diluições anteriores. O presbiterianismo norte-americano já era ele mesmo uma adaptação do presbiterianismo britânico que, por sua vez, através de um século de lutas contra o catolicismo e o anglicanismo, se havia distanciado longamente de Calvino. E como quase sempre acontece com as igrejas distantes de sua fonte de inspiração - e por isso mesmo mais ortodoxas em vontade do que em espírito - o que era importante para estes missionários era a adesão aos textos denominacionais sob a forma da tardia e duvidosa Confissão de Fé de Westminster (...)²⁷

A Igreja Presbiteriana Unida, tardiamente surgida, muito embora ecumênica e progressista, tem uma influência reduzidíssima na sociedade brasileira, pelo seu tamanho, porém ainda é maior do que a das demais ultraconservadoras (Igreja Presbiteriana Conservadora e Igreja Presbiteriana Fundamentalista) e da nominalmente presbiteriana, porém pentecostal (Igreja Presbiteriana Renovada), que surgem na esteira dos movimentos fundamentalistas do séc. XX, como o de Carl McIntire, e do movimento pentecostal, respectivamente.²⁸

²⁶ "Não há o que se estranhar neste fato. O próprio professor É. G. Leonard constatou que o Brasil reuniu certas condições para o aparecimento de uma igreja reformada nacional, mas só conseguiu implantar um protestantismo importado. E, realmente, importamos muita coisa. Importamos até as divisões do presbiterianismo norte-americano. Os missionários presbiterianos ou representavam a Igreja do Sul dos Estados Unidos ou representavam a Igreja do Norte. Essa divisão nada tinha a ver com o Brasil e pouco importava aos brasileiros. Mas a Igreja Presbiteriana do Brasil experimentou muitas disputas e problemas internos por causa dessa divisão". Gerson Correia de LACERDA. *O Presbiterianismo brasileiro* p. 87, Apêndice B.

²⁷ Émile G. LEONARD. *O Protestantismo Brasileiro*, p. 132.

²⁸ Antônio Gouvêa MENDONÇA e Prócoro VELASQUES. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 39.

1.3 A formação humanista de João Calvino

Para compreendermos mais claramente o pensamento de Calvino, bem como para aclararmos seu papel de relevância no contexto do século XVI, é importante perceber que João Calvino era um homem do seu tempo e da sua cultura. Conhecer sua formação acadêmica e intelectual nos ajudará a ver onde foi ele buscar base para tudo o que teria a dizer ao mundo ocidental através de sua influência.

Como todo líder e religioso, Calvino têm sido alvo de biografias que, de uma forma ou de outra, têm composto uma aura hagiográfica sobre sua figura e sua vida²⁹, desde a elaborada por seu discípulo, amigo e sucessor Teodoro Beza. É, portanto, uma tarefa séria e necessária buscar informações menos "apaixonadas" e apologéticas e mais realistas sobre o Reformador de Genebra.

Um bom começo é compreender que "a vida de Calvino foi mais secular do que parece".³⁰ Isto significa compreender que, acima de tudo, ele foi um homem do seu tempo. Sua formação e as influências do humanismo o marcariam para sempre:

Olhemos para a mudança de pensamentos da universidade como vista na experiência educacional do Reformador Protestante de Genebra, João Calvino, durante sua década universitária (1523-33), um tempo de grandes mudanças políticas, culturais e religiosas na Europa ocidental. Na educação do jovem Calvino nós vemos o que centenas de outros homens desses dias também passaram a experimentar quando o novo humanismo estava transformando a universidade medieval.³¹

²⁹ Bernard COTTRET. *Calvin: A Biography*, p. 5.

³⁰ Id., p. 3.: "Calvins life was more secular than it seems."

³¹ Ford Lewis BATTLES, *Interpreting John Calvin.*, p. 47: "Let us look at the changing idea of the university as seen in the educational experience of the Protestant Reformer of Geneva, John Calvin, during his university decade (1523-33), a time of great political, cultural and religious change in Western Europe. In the Education of the young Calvin we see what hundreds of other men of that day also went through in a time when the new humanism was transforming the medieval university."

Calvino vivia na sua mocidade uma época que pôde ser descrita, conforme vimos, como marcada por transformações de vários níveis.

A educação de Calvino começa em Noyon, na Picardia, onde nasceu a 10 de Julho de 1509. Lá, seu pai, Gérard Cauvin³², homem de origem modesta, prospera e tem sonhos elevados para os filhos:

Geraldo distinguia-se pelo tom austero, característico que se refletiu no seu mais ilustre filho. Não seguiu a humilde profissão de seus maiores no Oise. Teve a sorte de entrar na burguesia. Fez-se íntimo com as melhores famílias. Conseguiu a nomeação de notário apostólico, passando em seguida a notário e promotor do Cabido, procurador-fiscal do condado e secretário do bispo Charles de Hangest, que o tratava com muitas atenções.³³

Calvino já é beneficiado em Noyon, pois além do Colégio (Collège dês Cappetes³⁴), teve uma suplementação pedagógica garantida pela influência do pai, o que certamente lhe renderia um diferencial na formação:

Como o estudo do colégio fosse insuficiente, obteve Geraldo, graças às suas boas relações, que o menino participasse de lições particulares que eram ministradas por um hábil preceptor aos filhos do senhor de Montmor, fidalgo aparentado com o bispo Carlos de Hangest.³⁵

Em 1523, Calvino parte para Paris, em meio ao surto de peste em Noyon. Ali vai se dar a formação mais concreta da mente do reformador. Primeiramente passa alguns meses no Collège La Marche, onde é ensinado por Mathurin Cordier (1479 - 1564), um excelente latinista que não somente lhe ensina o latim como lhe infunde gosto definitivo pelos clássicos. Mais tarde, Calvino vai dedicar a introdução de

³² "O nome Calvino, usado pelo reformador, era forma derivada do latim Calvinus". Vicente Themudo LESSA, *Calvino 1509 - 1564: Sua vida e sua obra*, p.24.

³³ Id., p.25.

³⁴ Id., p. 34.

³⁵ Id., p. 26.

seu comentário à epístola de 1 Tessalonicenses ao Mestre. Sua influência foi decisiva. Calvino jamais abandonou o primor estilístico que derivava do pleno conhecimento do latim. Seu talento exegético também começa aí a ser forjado.

Após poucos meses, Calvino ingressa no famoso Collège de Montaigu, por onde já haviam passado, entre outros, Erasmo e Rabelais³⁶, e ainda haveria de passar, alguns anos depois, Ignácio de Loyola³⁷. Em Montaigu, "Calvino estudou filosofia, isto é, lógica, debaixo dos cuidados de 'um certo espanhol'" ³⁸:

Entre os professores de Montaigu havia um teólogo espanhol, discípulo ferrenho de Aristóteles e partidário de um catolicismo estreito. De aparência ríspida, tinha, no fundo um coração afetuoso... Cedo ultrapassou Calvino os companheiros e o referido professor promoveu-o na classe de filosofia, sem que tivesse a idade exigida.³⁹

Mais tarde, nas Institutas, Calvino lançará duras críticas, vez ou outra, aos "filósofos". O que aqui podemos deduzir é que tudo se pode dizer destas críticas, menos que sejam feitas sem conhecimento de causa. A

³⁶ François Rabelais (1494-1553). Considerado um dos maiores romancistas de seu país, e mesmo do mundo, pois o conjunto de sua obra é considerado pelos especialistas em literatura, a primeira "obra-universo", assim como Mallarmé, no século XIX e o irlandês James Joyce, no século XX. Nasceu na província de Touraine, perto de Chinon, na França. Rabelais foi frade franciscano, posteriormente passou para a ordem dos beneditinos. Morreu como vigário na cidade de Meudon.

³⁷ Ignácio de Loyola, originalmente Iñigo López de Recalde (1491/5 - 1556). Teólogo e fundador dos jesuítas (Companhia de Jesus), nasceu no Castelo de seus ancestrais, em Loyola na província Basca de Guipúzcoa. Tornou-se um soldado, foi ferido, e enquanto convalescia, leu a vida de Cristo e dos santos. Em 1522 ele foi como peregrino a Jerusalem, estudou em Alcalá, Salamanca e Paris, e em 1534 fundou com seis associados a Sociedade de Jesus. Ordenado em 1537, foi a Roma em 1539, onde a nova ordem foi aprovada pelo Papa. Escreveu os influentes "Exercícios Espirituais", e foi canonizado em 1622.

³⁸ Theodore BEZA apud Ford Lewis BATTLES. *Interpreting John Calvin.*, p. 49: "...Calvin studied philosophy, that is, logic, under a 'certain Spaniard'"

³⁹ Vicente Themudo LESSA. *Calvino 1509 - 1564: Sua vida e sua obra.*, p. 41.

formação intelectual de Calvino incluiu um profundo interesse pela filosofia e pela capacidade de análise lógica.

Mas o rumo da vida acadêmica de Calvino muda, ao que tudo indica, devido ao desentendimento de seu pai com o Bispo de Noyon, se bem que há quem afirme que já se deveu a uma percepção das idéias reformistas no jovem Calvino por parte de seu pai, o qual lhe destinou ao estudo das leis para "afastá-lo da heresia".⁴⁰

João Calvino parte em 1528 para Orléans, onde ficava a melhor Universidade voltada ao estudo das leis.⁴¹ Serão anos fascinantes, marcados pelo encontro definitivo de Calvino com o humanismo.⁴² "Calvino deixa Paris como um jovem 'licenciado em Artes', para começar o estudo de direito civil em Orléans, sob os cuidados de Pierre de l'Estoile, 'o príncipe dos legisladores franceses'".⁴³ Parece que Calvino teve um encontro sempre muito feliz com grandes cabeças de seu tempo, que lhe moldaram como intelectual:

Em Orléans e subseqüentemente em Bourges, ele encontrou a forma de humanismo a qual capturou sua imaginação, e a qual ele iria mais tarde adaptar para seus próprios propósitos particulares.⁴⁴

A terceira universidade na qual João Calvino estudou foi a de Bourges, onde ele depara-se com um novo professor, "o helenista germânico Melchior Wolmar (1496-1561) [o qual] transmitiu a ele sua paixão pela literatura

⁴⁰ Id., p. 48

⁴¹ Ford Lewis BATTLES. *Interpreting John Calvin.*, p. 49.

⁴² Alister E. McGRATH. *A Life of John Calvin*, p. 51.

⁴³ Id., *Ibidem*: "... Calvin left Paris as a young *licencié en arts* to begin a study of civil law at Orleans under Pierre de l'Estoile, 'the prince of French lawyers'."

⁴⁴ *Ibidem*, p. 51: "At Orleans and subsequently at Bourges, he encountered a form of humanism which captured his imagination, and which he would later adapt for his own particular purposes".

grega"⁴⁵. Na verdade, a ida de Calvino para Bourges foi também motivada inicialmente pela presença ali de um especialista em direito romano, Andrea Alciati, que contrastava com Pierre de l'Estoile:

Pela visão da lei Romana dentro do vasto contexto da linguagem, literatura e história Latina, Alciati trouxe um novo método humanístico para passagens obscuras do *Corpus*.⁴⁶

Há ainda um último importante nome a ser citado, o de Guillaume Budé, de quem Calvino é devedor quanto ao estilo literário.⁴⁷ Sua grande influência percebe-se já no comentário ao livro de Sêneca, *De Clementia*, sua primeira obra.

Calvino ainda terá um último período de estudos em Paris, entre 1531-32, ao que tudo indica no Collège Fortet⁴⁸, mas a partir daqui as datações vão ficando ainda mais imprecisas, já que entre os biógrafos do reformador persiste muita contradição cronológica quanto ao seu período de estudos.⁴⁹

Claro que nessa análise da formação intelectual de Calvino, em particular quanto aos mestres que o influenciaram, há algum elemento de arbitrariedade na escolha (que os biógrafos reconhecem e explicitam, segundo as citações que o próprio Calvino fazia dos mesmos depois, denotando sua influência), pois ele teve muitos outros mestres. Mas o que se pretende aqui é elucidar padrões de influência sobre sua vida acadêmica. Até porque Calvino

⁴⁵ Bernard COTTRET. *Calvin: A Biography*, p. 23.

⁴⁶ Ford Lewis BATTLES. *Interpreting John Calvin*, p. 56: "By viewing Roman law within the larger context of Latin language, literature, and history, Alciati brought a new humanistic method to the obscure passages of the *Corpus*."

⁴⁷ Id., p. 59.

⁴⁸ Id., p. 51.

⁴⁹ Id., p. 62.

formou-se mais pela sua leitura do que pelo ensino direto.⁵⁰

O que se conclui é que o homem que impactou o mundo ocidental a partir da pequena Genebra estava muito bem preparado para isso. Ora, a formação de Calvino jamais lhe permitiria a mediocridade. Estava fadado à relevância.

1.4 João Calvino como humanista

João Calvino está definitivamente identificado com o movimento humanista. Mesmo que se fale em "conversão"⁵¹ de humanista a reformador, o que discutiremos adiante, seu envolvimento humanístico, à luz das suas influências literárias e docentes vistas no capítulo anterior é inegável.

Mas o que foi o humanismo? O significado desta expressão hoje é sensivelmente diferente:

No século vinte o termo "humanismo" tem vindo a significar uma filosofia ou percepção de vida que afirma a dignidade

⁵⁰ Id., p. 52.

⁵¹ Será importante desde já se definir como irá ser trabalhada a terminologia e a idéia de "conversão" no presente trabalho, visto que este termo pode ser equívoco, principalmente em se tratando das diversas correntes protestantes, ainda que não seja este o sentido apropriado aqui. Trata-se de uma definição de termo que se deve ter em mente quando ele for mencionado de aqui em diante, principalmente para se compreender que é assim que ele é compreendido no meio estudado. Partiremos aqui do uso que faz deste termo e idéia o grupo evangelical, ao qual a Teologia Reformada da IPB permanece claramente vinculada:

"A Conversão é tanto um evento quanto um processo. Significa a atuação do Espírito Santo sobre nós, por meio da qual somos movidos a responder a Jesus mediante a fé. Inclui, também, a obra contínua do Espírito Santo dentro de nós, purificando-nos da discórdia e da contumácia, remoldando nossa imagem de Cristo. Esta obra de purificação é levada a efeito à medida que nos arrependemos e nos apegamos novamente a Cristo. Não podemos ser convertidos por nosso próprio poder, mas podemos nos arrepender e voltar para Cristo mediante o poder do Seu Espírito. Não temos condições de manter nossa caminhada para Cristo com base em nossos próprios recursos; isto só é possível com a ajuda do Seu Espírito. A conversão ocasiona a promessa da santificação e revela o dom gratuito da justificação". Walter A. ELWELL (Editor). *Enciclopédia Histórico Teológica*, p. 353-354.

da humanidade sem qualquer referência a Deus. "Humanismo" tem adquirido reflexos muito fortemente secularistas, talvez mesmo ateístas.⁵²

Era totalmente diferente a concepção que se tinha deste conceito no século XVI. O humanismo teve seu período de apogeu entre 1480 e 1530. O que se pretendia, falando-se do soerguimento do humanismo nos tempos dos reformadores, não era uma confrontação da religião e do ateísmo. Os humanistas pesquisaram a filosofia e a história das antigas Grécia e Roma em busca de um novo ideal de homem. Boa parte dos humanistas era consideravelmente religiosa. Curiosamente, na Renascença italiana este termo não era propriamente utilizado. Mas já se marca a presença de uma de suas características, que é a valorização dos "clássicos", um interesse em redescobrir os valores culturais da antiguidade. Por isso, era marcadamente heterogêneo: muitos escritores humanistas eram platonistas, mas outros francamente aristotélicos; alguns republicanos e outros monarquistas. Portanto, ao se designar alguém como humanista, não se tratava de transportar informações essenciais concernentes à sua visão filosófica, política ou religiosa. Era, em primeiro lugar, um indicativo de que se estava engajado na consideração dos valores clássicos e na volta às fontes: "ad fontes", como dizia um dos princípios gerais que embasava o renascentismo humanista. Mas não como um fim em si mesmo, mas como meios para um fim: superar a estagnação intelectual e a esqualidez da Idade Média.⁵³

Talvez o maior nome do humanismo tenha sido Erasmo de Rotterdam⁵⁴. Ele fez muito pela Reforma, mesmo sem ter sido um reformador. Como acadêmico e estudioso, providenciou os

⁵² Alister E. McGRATH. *A Life of John Calvin.*, p. 52: "In the twentieth century the term `humanism` has come to mean a philosophy or outlook in life which affirms the dignity of humanity without any reference to God. `Humanism` has acquired very strongly secularist, perhaps even atheist, overtones.

⁵³ Id., p. 53-55.

recursos necessários a um estudo mais criterioso, atualizado e que possibilitou dar novo frescor aos textos bíblicos. Seu "Enchiridion" ou "Manual do Soldado Cristão" popularizou-se rapidamente a partir de 1515, apesar de já estar publicado desde 1503. Isto sem falar no Novo Testamento grego, talvez seu maior serviço prestado à causa da Reforma, editado em 1516. Com toda esta contribuição prestada antes do marco das 95 teses de Martinho Lutero, em 31 de outubro de 1517, talvez se justifique o conceito que se tornou popular na época: "Erasmus pôs o ovo que Lutero deveria chocar".⁵⁵

As relações de Calvino com Erasmo passam pela admiração e mesmo pela mesma educação no Collège de Montaigu, chegando até a camaradagem intelectual: Calvino envia a Erasmo um exemplar do seu comentário de Sêneca, e beneficia-se das edições das obras de Sêneca preparadas por Erasmo e publicadas em 1515 e 1529.

Calvino foi um humanista, o que se comprova pela sua preocupação em dominar línguas que lhe possibilitariam uma "volta às fontes" exegeticamente segura⁵⁶, bem como pela disposição de por em prática questões relativas à

⁵⁴ Erasmo, em latim Desiderius Erasmus Roterodamus (1469 - 1536), nascido nos Países Baixos, foi o maior sábio renascentista do norte da Europa. Para dar aos estudiosos uma melhor compreensão da Bíblia, publicou estudos sobre o Velho e o Novo Testamento, além da edição crítica do Novo Testamento em grego. Seus escritos procuraram também harmonizar o pensamento cristão com a filosofia grega. Erasmo lutou pela realização de reformas na igreja Católica, mas recusou-se a participar da Reforma protestante iniciada por Martinho Lutero em 1517. Em obras como "Colóquios" (1518) e "Elogio da Loucura" (1511) criticou, com espírito satírico, a ignorância de muitos clérigos, seu fracasso em educar o povo e seu apego às cerimônias e à letra da lei, ao mesmo tempo em que negligenciavam a caridade e o estudo da Bíblia. O "Manual do Soldado Cristão" revela seu ideal de vida cristã: a caridade nos atos de cada um. Escreveu a maior parte de suas obras em latim e grego. Erasmo figura como principal humanista do norte da Europa.

⁵⁵ Vicente Themudo LESSA. *Calvino 1509 - 1564: Sua vida e sua obra*, p. 56.

⁵⁶ Alister E. McGRATH. *A Life of John Calvin*, p. 57.

valorização do homem, como por exemplo percebe-se no "Plano Educacional de Calvino para Genebra de 1559".⁵⁷

Muito se tem falado da "conversão" de Calvino, de humanista a reformador.⁵⁸ Esta idéia, de uma guinada radical, presente na vida de Paulo e de Agostinho, parece querer ser vista a todo custo em Calvino também.⁵⁹ É certo que Calvino assume uma posição diferenciada de Erasmo, e passa a militar eclesiasticamente a partir de 1536, "eleito pastor e professor de Teologia em Genebra, pelos presbíteros e pelos magistrados com o assentimento do povo".⁶⁰ Mas haveria incompatibilidade ou incoerência entre sua atividade como reformador e sua postura intelectual humanista? Por tudo que já vimos que o humanismo representava à época da Reforma, em termos não de visão política, religiosa ou filosófica, mas de seriedade na busca das fontes e erudição clássica, não. Certamente Calvino toma decisões que lhe propiciam mudanças e demonstram descontinuidade. Ele mesmo fala da sua "conversão", sem usar este termo, gerando mais dúvidas do que certezas⁶¹. Pergunta-se então:

Ainda permanece o enigma - realmente, o relato de Calvino acerca da sua própria conversão gera mais mistérios do que soluções. O que a interferência histórica e humana tem explorado da 'providência de Deus'? E como é seu senso de vocação e sua conversão relatada? Teria Calvino tomado consciência de um chamado para servir a Deus como um ministro do evangelho antes, durante ou depois da sua conversão? O intensamente comprimido relato de 1557 sugere que eles podem ter sido simultâneos...⁶²

⁵⁷ Ford Lewis BATTLES. *Interpreting John Calvin*, p. 61-64.

⁵⁸ Alister E. McGRATH. *A Life of John Calvin*, p. 69-78.

⁵⁹ Id., *Ibidem*.

⁶⁰ Vicente Themudo LESSA. *Calvino 1509 - 1564: Sua vida e sua obra*, p. 57.

⁶¹ Id., p. 71.

⁶² Alister E. McGRATH, *A Life of John Calvin*, p. 71: "Yet enigmas remain - indeed, Calvin's account of his own conversion generates as many riddles as it resolves. What historical and human agencies were employed by the 'providence of God'? And how are his sense of vocation and his conversion related? Did Calvin become conscious of a call to serve God as a minister of the gospel before, during or after his conversion? The intensely

O que parece claro, embora muito discretamente registrado nos arquivos da Capela de Noyon em 4 de Maio de 1534⁶³, é a intenção de Calvino em romper não com o humanismo, mas com o catolicismo. Essa não foi uma decisão fácil, certamente. Por cerca de uma década, Calvino recebeu benefícios eclesiásticos da Igreja Católica Apostólica Romana. Este "lacônico registro" de 1534 registra sua renúncia ao último destes benefícios que ainda usufruía. A partir daí, certamente seu destino não se cruzaria mais com o da igreja na qual cresceu e de onde tinha até então gozado benefícios tanto intelectuais como financeiros. Se há um "background" do qual Calvino se desfaz, é o do catolicismo, não do humanismo.⁶⁴ Seus professores humanistas são por ele reverenciados em alguns comentários a livros bíblicos. Ele não os renega. Até porque alguns deles abraçaram a Reforma posteriormente.⁶⁵

As credenciais humanistas de Calvino têm diversas facetas. Ele demonstra manter a mesma formação humanista, inalterada, quando elabora um Plano Educacional para Genebra em 1559,⁶⁶ já há muito tempo reformador, tanto no currículo da escola privada, quanto da pública, na formação educacional prescrita por Calvino, parecida com a dele própria:

Em resumo, o programa é típico de um Humanismo Cristão na tradição de Erasmo, com a marca especial de Calvino.⁶⁷

compressed account In the preface of 1557 suggests that they may have been simultaneous..."

⁶³ Os arquivos do Capítulo de Noyon registram que ele renunciou ao benefício eclesiástico que possuía como capelão de La Gésine. Alister E. McGRATH, *A Life of John Calvin*, p. 73.

⁶⁴ Id., *Ibidem*.

⁶⁵ Ford Lewis BATTLES. *Interpreting John Calvin*, p. 61.

⁶⁶ Id., p. 61-64.

⁶⁷ Id., p. 63.

Pode-se falar também de Calvino como um dos que ajudaram a modelar o idioma francês. Lessa traz um testemunho de Philip Schaff (1819-1893), que expressa esta façanha com cores vivas:

A influência de Calvino não se limitou à esfera moral e religiosa; vai também ao desenvolvimento intelectual e literário da França. Ele ocupa uma posição preeminente na história da língua francesa como Lutero, em maior grau ainda, na história da língua alemã. Lutero deu aos alemães, no seu próprio vernáculo, uma versão da Bíblia, um catecismo e um hinário. Calvino não traduziu as Escrituras (embora de seus comentários se pudesse construir uma versão toleravelmente completa) e seu catecismo e alguns salmos versificados nunca se tornaram populares; ele, porém, escreveu em francês clássico e latim clássico, sobrepujando em ambas as línguas os escritores contemporâneos. Educado na Renascença, em lugar de cair no ciceronismo [sic] de Bembo, tornou a velha língua romana subserviente do pensamento cristão e elevou a língua francesa à dignidade de um dos principais órgãos da civilização moderna, notável pela direitura, clareza, precisão, vivacidade e elegância. A literatura e a língua francesa moderna datam de Calvino e de seu contemporâneo Rabelais. Estes dois homens, tão inteiramente diferentes, refletem os extremos opostos do caráter francês... Calvino criou o estilo teológico e polêmico, estilo que se adapta a discussões e visa convencer; Rabelais, o secular, que tem por fim deleitar e entreter. Calvino modelou as armas com que Boussuet e os grandes teólogos católicos - romanos do século XVIII pregaram com simplicidade o evangelho do Novo Testamento.⁶⁸

Chama-nos a atenção a relação de Calvino com a ciência e a cultura em geral. E o campo da influência de Calvino supera muito o âmbito religioso. Armstrong expressa isso muito bem:

Lutero separou a religião da política porque repudiava os métodos coercivos da igreja Católica Romana, que usara o Estado para impor suas próprias normas sua ortodoxia. Calvino não partilhava essa visão de um mundo sem Deus. Como Zwingli, acreditava que os cristãos deviam expressar sua fé participando da vida política e social, e não se recolhendo a um mosteiro. Ajudou a batizar a emergente ética do trabalho capitalista, proclamando que o trabalho é uma vocação sagrada, e não, como os medievais pensavam, um castigo divino para o pecado. Ao contrário de Lutero,

⁶⁸ Vicente Themudo LESSA. *Calvino 1509 - 1564: Sua vida e sua obra.*, p. 36.

não estava desencantado com o mundo natural. Achava possível ver Deus em sua criação e recomendava o estudo da astronomia, da geografia e da biologia. Tinha bons cientistas entre seus seguidores. Não via contradição entre a ciência e as Escrituras. Em sua opinião a Bíblia não fornece informações literais sobre geografia ou cosmologia, mas tenta exprimir uma verdade inefável em termos que os limitados seres humanos possam entender. A linguagem bíblica é infantil - uma simplificação deliberada de uma verdade complexa demais para ser articulada de outro modo.⁶⁹

Por tudo isso, Calvino não deixou de ser humanista para ser reformador, mas claramente associou, com toda a sabedoria e inteligência que lhe eram peculiares, as duas definições. E ele não estava sozinho: um estudo sobre Ulrich Zwingli mostraria resultados semelhantes.⁷⁰

1.5 Graça comum como princípio inclusivo da Cultura

Um dos mais fascinantes pontos da teologia de João Calvino é aquele contido nas Institutas da Religião Cristã (II, 2, 13-17), usualmente designado como "Graça Comum" ou "Geral". Esta Graça Comum opõe-se à "Graça Especial", que regenera os eleitos e é eficaz para a salvação. Calvino trabalha estas idéias de forma muito simples e didática. No entanto, seus sucessores poluíram tanto esta doutrina, encontrando mais subdivisões na mesma do que o próprio Calvino, que a deixaram quase irreconhecível.⁷¹

⁶⁹ Karen ARMSTRONG. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo, p. 87. Ressalta-se aqui que apesar do uso da obra de Karen Armstrong (ex-freira católica, professora em letras, que leciona hoje em instituições judaicas e muçulmanas) ser útil para comprovar o posicionamento de Calvino frente à cultura, não se pode concordar com a contraposição que a mesma pretende fazer entre Calvino e Lutero, afirmando inclusive que este último tinha uma visão de "um mundo sem Deus". Os muitos escritos de Lutero, tratando da ação de Deus nas mais variadas esferas humanas, nos impedem de ter esta equivocada visão.

⁷⁰ Id., Ibidem.

⁷¹ Charles HODGE. *Teologia Sistemática*, p. 972.

O que Calvino de fato demonstra após trabalhar o conceito da depravação total presente em todo homem, é a resposta a uma pergunta que deriva da experiência e da Escritura: Se toda criação está corrompida, como o mundo não se extingue no total estado de caos e ainda percebe-se relativa ordem social, moral e natural? A resposta para isso Calvino dá quando demonstra a corrupção da inteligência. Segundo ele há dois tipos de inteligências: a inteligência das coisas terrenas e das coisas celestiais:

Llamo cosas terrenas a las que no se refieren a Dios, ni a su Reino, ni a verdadera justicia y bienaventuranza de la vida eterna, si no que están ligadas a la vida presente y en cierto modo quedan dentro de sus límites. Por cosas celestiales entiendo el puro conocimiento de Dios, la regla de la verdadera justicia e los misterios del Reino Celestial.⁷²

Diante disso Calvino deixa claro que a inteligência que é totalmente corrompida é a inteligência das coisas celestiais. Quanto à inteligência das coisas terrenas, apesar de também limitada pelo pecado, esta ainda se mantém pela graça geral de Deus que age sobre toda a criação. Vejamos o que Calvino classifica como estando debaixo da inteligência das coisas terrenas:

Bajo la primeira classe se comprenden el gobierno del Estado, la dirección de la propia familia, las artes mecánicas y liberales.⁷³

A janela que se descortina diante desta doutrina defendida pelo reformador de Genebra é a valorização das manifestações culturais e criativas do ser humano, colocando-as inclusive como alvo da ação do Espírito Santo. Certamente foi por esta compreensão que Calvino manteve-se amigo de cientistas e outros estudiosos e nunca

⁷² Juan CALVINO. Inst. II, 2, 13, p. 184.

⁷³ Id., Ibidem.

teve dificuldade em lidar com a cultura. Calvino compreendia que tudo é trabalho do Espírito. Battles é um dos poucos teólogos reformados que destaca a simplicidade e profundidade do pensamento de Calvino nesta questão:

Em minha visão, Calvino tinha um claro espectro acerca do alcance da atividade do Espírito em sua mente em todo tempo, mas não especificamente e expressamente apresentava essa estrutura numa sustentada e explícita sessão das Institutas. Isto é verdade para muitas noções fundamentais de Calvino; elas são pressupostas como condição, usadas com princípios de trabalhos, mas não elaborados.⁷⁴

Esta compreensão é essencial quando nos deparamos com o desenvolvimento de um calvinismo tardio que não valoriza a cultura, as artes e a ciência, buscando sempre a dicotomia entre espiritual e secular, tal como muitas vezes presenciamos no protestantismo reformado brasileiro.

É inevitável perceber que João Calvino não tinha medo de idéias fossem elas quais fossem. Admirava mesmo os que se opunham a ele, embora, como homem do seu tempo, ainda estivesse preso ao conceito de que "era dever do magistrado punir as ofensas contra religião do mesmo modo que os crimes contra o Estado (...) o que de alguma sorte contribuiu para a fogueira de Serveto pelas autoridades de Genebra".⁷⁵

Esse destemor de Calvino é facilmente explicável quando rememoramos o conteúdo do item 1.4 desta dissertação: Calvino tinha uma base por demais sólida. Seus discípulos deveriam aprender com ele a não ter medo das idéias e até mesmo aprender e admirar mesmo aquilo que procede de um pensamento não necessariamente cristão:

⁷⁴ Ford Lewis BATTLES. *Interpreting John Calvin*, p. 170: "In my view, Calvin had a clear spectrum of the range of the Spirit's activity in his mind at all times, but did not specifically and expressly set forth this structure in a sustained and explicit section of the Institutio. This is true of very many of Calvin's fundamental notions; they are taken for granted, used as working principles, but not elaborated".

⁷⁵ Vicente Themudo LESSA. *Calvino 1509 - 1564: Sua vida e sua obra*, p. 50.

Por lo tanto, cuando al leer los escritores paganos veamos em ellos esta admirable luz de la verdad que resplandece em sus escritos, ello no debe servir como testimonio de que el entendimiento humano, por más que haya caído y degenerado de su integridad y perfección, sin embargo no deja de estar aún adornado y enriquecido com excelentes dones de Dios. Si reconocemos al Espíritu de Dios por única fuente y manancial de la verdad, no desecharemos ni menospreciaremos la verdad donde quiera que la halláremos; a no ser que queramos hacer uma injuria al Espíritu no pueden ser menospreciados sin que Él mismo sea menospreciado y rebajado.⁷⁶

Através de toda a sua vida e obra, João Calvino demonstrou não só não temer a cultura e as artes como buscou nelas subsídios para fortalecer-se como instrumento de Deus na obra reformadora de Genebra. Já vimos que Calvino formou-se de dentro do caráter humanista e prosseguiu como humanista em seu ministério em Genebra. A força e a coesão do pensamento de Calvino jamais se deveu a alguma espécie de isolamento ou restrição intelectual por ele imposta a si próprio ou aos estudantes que a Academia de Genebra formaria, mas ao apego que como humanista Calvino possuía pelo preparo pessoal. Não havia distinção para Calvino de um preparo piedosamente devocional e outro intelectual. O zelo de Calvino era devocional e cultural. Melhor do que ninguém, ele compreendeu: ainda que corrompidas, essas graças da natureza são dons do Espírito Santo:

Sin embargo, no hay que olvidar que todas estas cosas son dones excelentes del Espíritu Santo, que dispensa a quien quiere, para el bien del género humano. Porque si fue necesario que el Espíritu de Dios inspirase a Bezaleed y Aholiab la inteligencia y arte requeridos para fabricar el tabernáculo (Ex.31,2;35,30-34), no hay que maravillarse si decimos que el conocimiento de las cosas más importantes de la vida no es comunicado por el Espíritu de Dios.⁷⁷

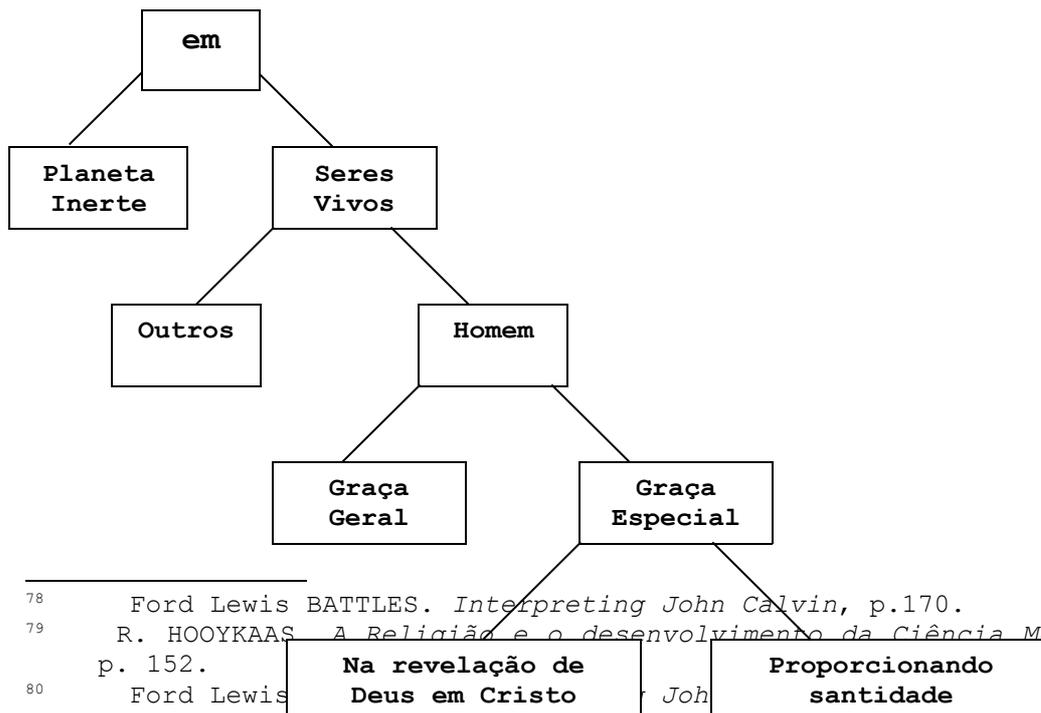
⁷⁶ Juan CALVINO. Inst. II, 2, 14, p. 185 e 186.

⁷⁷ Id., p. 186.

Tudo é trabalho do Espírito. Este parece ser um bom resumo para a compreensão de Calvino acerca da obra do Espírito Santo que age tanto regenerando, justificando e reabilitando a inteligência para as coisas celestiais no homem corrompido, quanto distribui habilidades, talentos, capacidades, saúde, governos e artes, tanto a regenerados quanto não regenerados. Mas essas atividades são inseparáveis uma das outras e igualmente essenciais para criação de Deus⁷⁸:

Sua doutrina da "graça comum" impediu-o de desaprovar, em bloco, toda a herança literária e cultural dos gregos. Ele era um humanista talentoso e realista demais para aceitar que a queda tivesse levado o homem a uma total depravação no campo científico. Na opinião de Calvino, a luz da verdade brilha também para os pagãos, e "se acreditamos que o Espírito de Deus é a única fonte da verdade, não podemos rejeitar ou desprezar a verdade, onde quer que ela se revele, sob pena de ofendermos o Espírito de Deus"[esta citação dentro da citação parece ser de João Calvino, embora o autor do texto citado não especifique de que obra a retirou].⁷⁹

Trabalho do Espírito de Deus no Cosmos⁸⁰



⁷⁸ Ford Lewis BATTLES. *Interpreting John Calvin*, p.170.

⁷⁹ R. HOOYKAAS. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 152.

⁸⁰ Ford Lewis

1.6 A Eclesiologia de João Calvino: Abrangente

João Calvino parece ter sido apanhado de surpresa pela Reforma. Depois de estar preparando-se para o sacerdócio na Igreja Católica Apostólica Romana e dele desistir, encontrando-se com o humanismo e as ciências jurídicas, as circunstâncias o acabam conduzindo para ser um dos pilares do movimento que sacode a igreja cristã no século XVI. Muitas igrejas derivaram desse movimento de reforma e a unidade não tem sido a marca dos protestantes nos últimos séculos. Mas serão as igrejas que se auto-intitulam calvinistas realmente praticantes da eclesiologia de João Calvino?

Pela compreensão que demonstra da igreja universal, que tem como fundamento a eleição, Calvino já demonstra seu anti-sectarismo e uma visão muito ampla do que Deus opera através desta igreja.⁸¹

Estabelecendo os princípios de sua eclesiologia, Calvino vai explicar porque cremos "a" igreja, insistindo assim nessa particular definição do Credo Apostólico em detrimento de cremos "na" igreja. Cremos a igreja por causa da sua universalidade, que extrapola a igreja visível e engloba todos os eleitos de Deus em todos os tempos. A seguir, passa a demonstrar que a eleição é o fundamento desta universalidade. Isto garante a indestrutibilidade da igreja, a despeito das aparências contrárias, pois Deus sempre a protegerá soberanamente e manterá seu remanescente fiel produzindo o fruto que dela se espera⁸². Não é possível dividi-la, pois Cristo não pode ser dividido. Ela é católica e universal. A comunhão dos santos, outro artigo do Credo Apostólico, é tratada como demonstração desta universalidade e catolicidade, pois é o

⁸¹ Juan CALVINO. Inst. IV, 1, 1, p. 803.

⁸² Id., Inst. IV, 1, 2, p. 804.

que dá autoridade à igreja. Os eleitos são congregados na companhia de Cristo, comunicando mutuamente os dons de Deus recebidos, o que não retira o caráter multiforme da graça de Cristo, através dos dons diversos distribuídos aos homens. Esta comunhão fundamenta-se na eleição de Deus, que não pode falhar, e com a firmeza de Cristo, que não permitirá que nenhum daqueles que são seus apartem-se dele. A comunhão é maravilhosa, porque por meio dela todos os dons que Deus reparte entre os membros são também nossos.⁸³

Calvino afirma que sua intenção é falar principalmente da igreja visível, e por isso crê que o título de mãe de todos os crentes é adequado a ela, pois fora da igreja verdadeira não há remissão de pecados nem salvação. Enfatizando esta realidade, adverte do risco pernicioso e mortal representado pelo afastamento da igreja.⁸⁴

É muito interessante a observação que se faz acerca do poder de Deus para aperfeiçoar os seus num só momento, preferindo, entretanto, que se chegue à estatura e idade perfeita pouco a pouco, e isto através da pregação e do ensino, que são extremamente valorizados por Calvino, pois ele entende que Deus os valoriza. Não deixar que falte profeta é o método pedagógico de Deus. E a utilidade do ministério da Palavra manifesta-se inclusive à medida que leva em conta nossa fraqueza, pois por meio dele Deus fala conosco pela boca de intérpretes que são homens como nós. E a Palavra de Deus não ficará desmerecida ou desvalorizada por conta disto. Somente a pregação edificará igreja, pois ela é como o resplandecer do rosto de Deus que era a Lei.⁸⁵

⁸³ Id., Inst. IV, 1, 2, p. 805.

⁸⁴ Id., Inst. IV, 1, 4, p. 806.

⁸⁵ Id., Inst. IV, 1, 5, p. 807-808.

Entretanto, Calvino é muito cuidadoso em demonstrar que temos de fato um "tesouro em vasos de barro" (2 Coríntios 4:7), pois a eficácia do ministério da Palavra deve-se apenas ao Espírito Santo. Ele foge do excesso de dignidade e valor que alguns (segundo o tradutor, luteranos e zwinglianos) dão aos pregadores. O poder vem somente de Deus e a glória e toda dele.

A Escritura, segundo Calvino, fala da igreja de dois modos: como visível e invisível. Na igreja visível pode até haver muitos falsos crentes e hipócritas, que nela permanecem até que a disciplina se manifesta a eles de forma justa e aberta, mas na invisível apenas os verdadeiros eleitos tomam parte. Aqui assinala o importantíssimo e por vezes pouco lembrado preceito de que somente Deus conhece quem são estes, e até mesmo admite que há eleitos não congregados (e que talvez não se congreguem?):

Así que, según la oculta predestinación de Dios - como dice San Augustin -, hay muchas ovejas fora e muchos lobos dentro. Porque Él conoce y tiene señalados a aquellos que ni lê conocen a Él, ni a si mismos.⁸⁶

É uma prerrogativa exclusivamente divina, muitas vezes inadvertidamente tomada por homens e instituições. Se bem que Deus mostra aqueles que devemos ter como seus, através da verdadeira igreja, que se reconhece através dos sinais e marcas por Deus mesmo estabelecidos, a saber a pregação sincera da Palavra de Deus e a administração dos Sacramentos conforme instituídos por Cristo. Qualquer um que rompa a unidade desta verdadeira igreja, erra gravemente e comete um crime detestável. É preciso, entretanto, julgar muito criteriosamente as marcas da verdadeira igreja:

⁸⁶ Id., Inst. IV, 1, 8, p. 811.

No es, pues, necesario retener con gran diligencia las marcas de que hemos hablado, y estimarlas como el Señor las estima. Porque no hay cosa que con más ahinco procure Satanás, que hacermos llegar a una de estas dos cosas: o abolir las verdaderas marcas con las que podríamos conocer la Iglesia de Dios, o, si esto no es posible, inducirnos a menospreciarlas no haciendo caso de ellas, y así apartarnos de la Iglesia.⁸⁷

Segue-se então uma fantástica demonstração do aspecto inclusivo do pensamento eclesiológico de Calvino, designado *Princípios de Unidade*. Ele destaca a existência de pontos fundamentais e secundários, e que estes últimos não deveriam ser jamais motivo de conflito:

Vamos diciendo que el puro ministerio de la Palabra y la limpia administración de los sacramentos son prenda y arras de que hay Iglesia allí donde vemos tales cosas. Esto debe tener tal importancia, que no podemos desechar ninguna compañía que mantiene estas dos cosas, aunque en ella existan otras muchas faltas.⁸⁸

Há necessidade de termos uma tolerância para com a imperfeição dos costumes, destacando-se o perigo da arrogância daqueles que supõem ter uma santidade superior devido aos seus costumes serem mais “puros” ou “perfeitos”. Segue-se a refutação de objeções que os por ele chamados “perfeccionistas” apresentam: a santidade da igreja na totalidade de seus membros, pois a igreja é santa: Calvino apresenta a realidade do joio e do trigo e o perigo de se querer arrancar o joio antes do tempo; a intolerabilidade dos vícios na igreja: Calvino mostra como comunidades como as de Corinto e da Galácia incorreram em vícios e faltas gravíssimas, em alguns casos até aberrantes, desvios doutrinários e mesmo difamações ao próprio Apóstolo Paulo e nem de longe foram por ele consideradas falsas igrejas, mas buscou-se pelo ensino a

⁸⁷ Id., Inst. IV, 1, 11, p. 813.

⁸⁸ Id. Inst. IV, 1, 12, p. 814.

sua correção; a necessidade de ruptura com o pecador: Calvino demonstra que esta ruptura deve ser uma decisão coletiva e não individual e se porventura individualmente a tomarmos, não devemos obrigar a coletividade a seguir-nos, pois uma coisa é fugir da companhia dos maus e outra renunciar por ódio a eles a comunhão da igreja.⁸⁹ Aqui Calvino faz uma pausa para demonstrar que a causa da intransigência sectária é o equivocado espírito da disciplina eclesiástica que muitas vezes se estabelece entre os homens. Citando Agostinho, afirma que a correta regra e espírito da disciplina devem vigiar principalmente a unidade do Espírito e o vínculo da paz, pois senão terá efeito destrutivo e não curativo. Prosseguindo com as objeções dos perfeccionistas, fala agora da santidade da igreja na pessoa de seus membros: Calvino de imediato declara que sendo assim, não poderemos chamar nenhuma igreja de verdadeira, pois a corrupção e o pecado fazem parte da situação humana, por vezes manifesta mesmo na igreja.⁹⁰ É interessante o testemunho evocado dos profetas, que, apesar de condenar duramente toda uma série de práticas pecaminosas de seu tempo, incluindo aí reis e sacerdotes, não instituíam novas igrejas e nem declaravam falsos os altares buscando novos lugares para sacrificar, antes entendiam que mesmo sendo os homens assim, Deus usaria sua Palavra na boca dos profetas para transformá-los.⁹¹ Calvino também vai condenar a ânsia condenatória dos perfeccionistas, ensinando que em entrando na igreja, os crentes são purificados de seus pecados, recebendo ali diariamente o perdão dos mesmos, através daquilo que ele chama de "ministério das chaves", citando Mateus 16:19 e 18:18.⁹² Segue-se outra objeção, esta dos anabatistas, com a hipótese de que existe uma impossibilidade de perdão

⁸⁹ Id., Inst. IV, 1, 15, p. 817.

⁹⁰ Id., Inst. IV, 1, 16, p. 818.

⁹¹ Id., Inst. IV, 1, 19, p. 820.

⁹² Id., Inst. IV, 1, 21, p. 821.

depois do batismo: Calvino deslinda aqui a formulação anabatista de que os crentes são regenerados pelo batismo externo a uma vida perfeita, através do mandato de Cristo para que peçamos perdão, contida na Oração Dominical, além de numerosos exemplos do Antigo Testamento. Também as objeções derivadas daí, que não se perdoam pecados voluntários ou os que não são cometidos por debilidade recebem de Calvino a refutação lógica e bíblica de que não podemos fechar com nossa desumanidade a porta da misericórdia que Deus tão liberalmente nos oferece.⁹³

No Capítulo 2 do Livro IV, Calvino irá comparar a falsa com a verdadeira igreja. Ele lembra que as marcas distintivas são a pregação da palavra e a ministração dos sacramentos segundo a Instrução de Jesus, e que, estando estes sinais presentes, mesmo diante de faltas, falhas e vícios, não devemos considerar falsa tal igreja. Não há igreja, segundo Calvino, aonde a mentira destrói os pontos fundamentais da doutrina cristã e aonde não é honrada a Palavra de Deus. Permeando tudo isto, Calvino criva de duríssimas acusações a Igreja Católica Apostólica Romana, por motivações e razões históricas e apologéticas que precisam ser entendidas em seu respectivo contexto⁹⁴. Uma das principais questões aqui é com o papado e a sucessão apostólica, declarada falsa para Calvino. Entretanto, mesmo chegando a considerar o Papa o "Capitão do Reino do Anticristo", Calvino ainda vê no papado algum vestígio de igreja. Está mais à frente do que muitos calvinistas modernos.⁹⁵

No capítulo 3, Calvino irá demonstrar como as Escrituras demonstram ser necessário a eleição e o ofício dos doutores e ministros da igreja, pois para governar sua igreja, Deus se serve do ministério dos homens. Esta é uma

⁹³ Id., Inst. IV, 1, 23, p. 822-823.

⁹⁴ Id., Inst. IV, 2, 1 - 2, p. 826-828.

⁹⁵ Id., Inst. IV, 2, 11, p. 835.

opção sua, que deseja fazer dos homens seus despenseiros e embaixadores. Deus usa este ministério para manter unida sua igreja. A dignidade e a excelência dos ministérios da Palavra demonstram-se através de exemplos como os de Paulo, chamado pelo próprio Jesus, mas batizado e ensinado por homens, não anjos.⁹⁶ A diversidade dos ministérios da Palavra é tratada à luz da Carta aos Efésios, Capítulo 4, versículo 11. Calvino descarta a atualidade de Apóstolos contemporâneos, parecendo abrir uma única exceção para Lutero, segundo o tradutor.⁹⁷ Este ofício, juntamente com o de evangelista, constituem os ofícios não necessários em todo o tempo da igreja. Os pastores e doutores seriam ofícios permanentes. Doutores são comparados aos antigos profetas e pastores aos apóstolos, por semelhança. O pastor incumbe-se do serviço de uma igreja, pois não é um apóstolo. Calvino deixa claro que as palavras bispo, pastor, ancião e ministro designam o mesmo cargo no Novo Testamento. O cargo de diácono é compreendido por Calvino de forma dupla: os que distribuem e os que praticam misericórdia. Ele cita as mulheres aqui. Mais uma vez, está mais aberto a este tema do que os calvinistas modernos⁹⁸, muitos dos quais nem os ofícios de diaconisa permitem à mulher.⁹⁹

Tratando da vocação, Calvino a declara interna e externa. Tanto o indivíduo como a comunidade precisam estar seguros desta vocação. A vocação é imprescindível para o exercício de qualquer ministério na igreja. Calvino defende a interessante tese de que os pastores devem ser

⁹⁶ Id., Inst. IV, 3, 6, p. 842.

⁹⁷ Id., Inst. IV, 3, 4, p. 840.

⁹⁸ "AG-1930-037 - Diaconisas - 1) Uma senhora não pode ser eleita e ordenada diaconisa. Todavia, constitucional a eleição, pelo Conselho, de senhoras para cargos piedosos e de caridade, na Igreja. AG-1930-037. 2) O Art. 51, faculta às igrejas e não às Assembléias eclesiásticas eleger ou nomear mulheres piedosas para cuidarem dos enfermos, etc., não significando isso, que se deve ordená-las. AG-1936-044". IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1951 - 1960*, p. 7.

⁹⁹ Juan CALVINO. Inst. IV, 3, 9, p. 843.

eleitos por homens, sendo eles outros pastores, mediante a aprovação da igreja. Por fim, há espaço para uma breve descrição de como Calvino entende que deva ser a Liturgia da Cerimônia de ordenação destes ministros. A imposição de mãos e a parênese ao ordenado e à comunidade acerca do valor e da importância do ministério são aqui lembradas, com a importante colocação de que tal cerimônia não é mágica: precisa ser o coroar de um processo deflagrado pelo próprio Espírito Santo na pessoa e na igreja.¹⁰⁰

1.7 Conclusão: quem é João Calvino para a Teologia Reformada brasileira?

Olhando para a vida e a obra de João Calvino, será possível que encontremos similaridades entre o que este humanista e reformador francês legou aos seus discípulos e o que eles têm feito?

A sociedade ocidental em geral discute o pensamento, a influência e o legado de João Calvino. Porque no Brasil mesmo com mais de 600.000 protestantes reformados ele permanece um ilustre desconhecido? Poder-se-ia alegar dificuldades acadêmicas, práticas, pessoais, financeiras, mas fica difícil crer que seja apenas isso que leva a que, se alguém resolver conhecer sobre a vida e obra de João Calvino em nosso vernáculo, tenha praticamente nada, a não ser traduções de difícilíssima leitura já esgotadas¹⁰¹ ou poucas obras que são tradução da tradução.

A luz de tudo que observamos, parece haver um desinteresse proposital pela teologia do reformador francês, pois talvez partes dela incomodem o estilo "neopuritano" dos protestantes reformados brasileiros em geral. Só isso explica o pronto interesse pela tradução de

¹⁰⁰ Id., Inst. IV, 3, 14 - 16, p. 846-848.

¹⁰¹ Ver nota 6, na Introdução Geral (1.1).

obras de teólogos que escreveram a menos de cem anos atrás e o total "esquecimento" de Calvino. Não se trata aqui, de forma alguma, da defesa ou anulação de um homem, mas de um movimento, que foi a Reforma do século XVI. Hoje, o reformado que quiser conhecer o "neopuritano" Martin Lloyd Jones¹⁰² terá até dificuldade em escolher por onde começar. Já conhecer a obra e mesmo um pouco da vida de João Calvino permanece um luxo para poucos, necessitando trabalho árduo e a capacidade de falar vários idiomas que não o português.

Nossa intenção é fazer um pouco desse trabalho, a fim de que nos reaproximemos das fontes, como preceitua o bom e velho adágio humanista. Ouçamos Senarclens:

A Reforma tem raízes profundas na mais antiga tradição da igreja. Em parte, ou totalmente, ela pode ser ilustrada por esta ou aquela confissão de fé, ou definição conciliar, pelos escritos deste ou daquele teólogo. Ela constitui a resposta firme de comunidades e de numerosos cristãos à revelação de Deus em Jesus Cristo e, como tal, continua sendo uma possibilidade presente e futura. Pode-se até dizer que ela corresponde à linha mestra da História da igreja Cristã constantemente reorientada, como Israel, para uma submissão maior ao seu único Senhor. Os melhores momentos são sempre aqueles em que Deus ataca a igreja para despojá-la de seus ídolos, conduzi-la ao arrependimento e à confissão mais clara da única obra salvífica de seu Senhor crucificado. Se a Reforma é mais que simples movimento histórico passageiro, surge inevitavelmente a questão: tal atitude é ainda presente em nossos dias? Os critérios que a caracterizam são, hoje, respeitados e aplicados com a vigilância digna dos reformadores?¹⁰³

¹⁰² David Martyn Lloyd-Jones (1899 - 1981). Pregador e escritor, nascido em Newcastle Emlyn, Carmarthenshire, SW Wales. Ele praticou a Medicina em Londres, então adentrou ao ministério cristão na Igreja Anglicana. Após 11 anos em Aberavon, tornou-se colega e sucessor de G. Campbell Morgan na Capela de Westminster, Londres, onde pregou por 30 anos. Suas obras publicadas incluem os Estudos no Sermão do Monte (2 vols, 1959-60).

¹⁰³ Jacques de SENARCLENS. *Herdeiros da Reforma*. São Paulo: ASTE, 1970, p. 123.

Quanto mais se conhece a Reforma e o reformador, maiores condições de responder sim a estas questões são possibilitadas.

Capítulo 2. Calvinismo, puritanismo e presbiterianismo: continuidade e ruptura na Eclesiologia e relação com a Cultura

2.1 Introdução

A compreensão das diferenças, concordâncias e divergências entre Calvino, calvinistas, puritanos e presbiterianos são de suma importância para que possa haver uma contribuição significativa rumo aos aspectos eclesiológicos e culturais de uma Teologia Reformada brasileira.

Os reformados brasileiros frequentemente confundem estas expressões, e a tendência do senso comum é entender que não existem diferenças sensíveis entre o que pensou o reformador francês, seus sucessores (afinal, assumiram seu próprio nome), puritanos e por fim presbiterianos. Quanto de continuidade e ruptura existem nestes movimentos, em particular na sua eclesiologia e compreensão da cultura, é o que procuraremos averiguar. Seria importante aqui especificarmos mais uma vez o que queremos dizer com "reformado":

De fato, temos no Brasil um protestantismo que faz questão de afirmar sua origem na Reforma Protestante do século XVI. Todavia, esse protestantismo é "herdeiro da reforma" mais em "vontade do que em espírito". A afirmação da filiação à reforma é feita com tanta intensidade que, muitas vezes, são esquecidas as enormes influências do protestantismo norte-americano, principalmente do século XIX, sobre o nosso protestantismo. Esse tipo de esquecimento gera a impressão de que os missionários norte-americanos nos legaram o conteúdo da reforma do século XVI de forma quase intacta.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Gerson Correia de LACERDA. *O Presbiterianismo brasileiro* In John H. LEITH, *A tradição Reformada*, p. 82, Apêndice B. Ver também Epaminondas Melo do AMARAL. *O Protestantismo e a Reforma*, p. 89, conforme nota 13 do Capítulo 1.2.

Como se vê, os conceitos misturam-se mesmo numa definição não tão recente. Aqui se vê uma identificação automática de presbiteriano com reformado. Mais adiante veremos se é uma associação necessariamente tão simples e até mesmo automática.

2.2 Calvino e os calvinistas: distorções ou desenvolvimento.

A evolução da corrente de pensamento inaugurada por Calvino, já a partir de seu sucessor, Theodore Beza,¹⁰⁵ apresenta certo grau de descontinuidade e ruptura. O que se poderia perguntar é como alguém como Theodore Beza, tão próximo de João Calvino, desenvolveu pontos de vista tão diferentes, como parece ter sido o caso da postura mais indiferente de Calvino com relação à ordem dos decretos, "uma questão que Calvino considerava especulativa"¹⁰⁶ e que poderia constituir-se num infralapsarianismo, e o supralapsarianismo convicto e militante de Theodore Beza:

O máximo que a posição de Calvino poderia aproximar-se da posição de Beza, seria dizer que os homens são escolhidos dentre uma "massa corrupta". Porém, ele não disse nada mais, nem explicou como chegou a essa conclusão. Beza, por outro lado, alegou que tanto os eleitos quantos os réprobos foram predestinados a partir de uma massa "ainda informe". O supralapsarianismo, então, afirma que os decretos da eleição e da reprobção têm prioridade

¹⁰⁵

Théodore de Bèze, 1519 - 1605. Religioso e reformador, nascido em Vézelay, França. Estudou grego e direito em Orléans. Tornou-se conhecido como escritor de engenhosos (mas indecentes) versos em Juvenilia (1548), mas depois de uma enfermidade, teve uma visão séria da vida, e foi a Genebra encontrar-se com Calvino. Ele era professor de Grego em Lausanne (1549-54), e com Calvino fundou a academia em Genebra (1559), e tornou-se professor de Teologia e o primeiro reitor dali. Com a morte de Calvino (1564), ele tornou-se o líder da igreja de Genebra.

¹⁰⁶

R. T. KENDALL. *A modificação puritana da Teologia de Calvino*, p. 254.

cronológica sobre os decretos tanto da criação como da queda; dessa forma, para o supralapsarianismo, a predestinação se refere aos destinos de pessoas ainda não criadas, e muito menos decaídas.¹⁰⁷

Possivelmente a resposta para tal dúvida possa começar a ser construída quando desmistificamos a influência absoluta e mesmo ditatorial que muitas vezes tem sido atribuída a Calvino com relação a Genebra.¹⁰⁸ Somos apresentados por R. T. Kendall ao fato de que na verdade os nomes Calvino, calvinismo e Genebra passaram a constituir uma espécie de "grife", a partir da segunda metade do século XVI, sem que para tanto necessariamente as posições teológicas de João Calvino estivessem ali contidas. Falando sobre a influência que Calvino poderia ter exercido sobre os exilados durante o reinado de Maria Tudor (1553 - 1558), Kendall diz:

"Não se pode saber o quanto eles foram diretamente influenciados por Calvino em Genebra. Estes exilados precisavam de entender (sic) o francês para ouvir Calvino pregar na igreja de São Pedro e precisavam ter fluência em latim para ouvir suas aulas aos estudantes de teologia".¹⁰⁹

Outro grande exemplo de Genebra como uma "grife" associada a João Calvino é a famosa Bíblia de Genebra (traduzida em parte do original pelo primo de Calvino, Pierre Robert Olivétan, tendo a primeira edição lançada em 1535), tornando-se mais popular na Inglaterra (teria sido usada inclusive por Shakespeare) do que a Bíblia Episcopal. João Calvino, segundo Kendall, não teve "nenhuma ligação direta com a produção nem com as anotações da Bíblia de Genebra".¹¹⁰ Apesar de fatos como este reforçarem sua influência, principalmente na

¹⁰⁷ Id., p. 254, 255.

¹⁰⁸ Ricardo Willy RIETH, *João Calvino (1509-1564) e seu conceito de um governo teocrático*, p. 3.

¹⁰⁹ R. T. KENDALL. *A modificação puritana da Teologia de Calvino* In W. Stanford REID, *Calvino e sua Influência no mundo Ocidental*, p. 246.

¹¹⁰ Id., p. 247.

Inglaterra, ela é, segundo Kendall, por vezes superestimada:

Uma das coisas mais fáceis para um admirador de Calvino fazer é superestimar sua influência direta na e sobre a Inglaterra. Embora seja certamente possível errar pela subestimação de sua influência, muito do que pode levar a um exagero de sua influência ocorre devido a associação popular de que "Calvinismo" seja também Calvino.¹¹¹

É principalmente nos aspectos eclesiológico e soteriológico que Kendall vê um "calvinismo" que ia muito para além do que pensava o próprio Calvino:

Foi esta questão de ir além de Calvino que, na verdade, se tornou conhecido (sic) por Calvinismo, pelo menos na Inglaterra. O homem que, mais do que qualquer outro, foi a mente que arquitetou o Calvinismo inglês foi o sucessor de Calvino em Genebra, Theodore Beza (1519 - 1605). Talvez, Beza não desejasse que sua teologia fosse conhecida como Calvinismo, mas sua ação de sistematizar e dar estrutura à teologia teve o efeito de perpetuar um fenômeno que levava o nome de Calvino, mas que, dificilmente, era o pensamento puro de Calvino.¹¹²

Assim, o calvinismo torna-se uma influência considerável não só na Inglaterra, mas em boa parte da Europa reformada, sem, no entanto, paradoxalmente, levar consigo o pensamento de João Calvino em questões sutis, como as já vistas em relação ao infra e supralapsarianismo, mas de reflexos e conclusões que seriam importantes tanto no presente quanto no futuro. O fato é que "As sutis, porém definidas alterações de Beza não pareciam ter importância para a maioria das pessoas. Certamente alguém tão próximo de Calvino não poderia ser tão diferente do mestre!"¹¹³

Em suma, Calvino e sua reputação dão um brilho todo especial a qualquer coisa que proceda de Genebra.

¹¹¹ Id., p. 245.

¹¹² Id., p. 247, 248.

¹¹³ Id., p. 248.

Os defensores de que o calvinismo e subsequente puritanismo não representam nenhuma ruptura em relação ao pensamento original de João Calvino argumentam em termos de um "desenvolvimento" do pensamento do reformador francês:

A questão, portanto, não consiste tanto em admitir a existência de distinções entre o ensino de Calvino e dos puritanos com relação à doutrina da segurança da salvação, mas em avaliar a extensão ou a natureza dessas distinções. Esperar que Beza, Perkins e demais calvinistas ingleses nada tivessem a acrescentar ao ensino de Calvino sobre o tema é superestimar Calvino, subestimar seus seguidores e desconsiderar as circunstâncias históricas peculiares em que viveram. Concluir, contudo, que o tratamento puritano dado ao tema contradiz diretamente o ensino de Calvino, representando um desvio - e não um desenvolvimento - da sua teologia, requer evidências históricas mais convincentes do que as que Kendall oferece (...)¹¹⁴

Este é um argumento bastante presente muitas vezes: Calvino não era perfeito e infalível! Mesmo os seus posicionamentos precisariam desenvolver-se, evoluir. Mesmo diante de pontos como o supralapsarianismo calvinista em que, segundo Kendall, há clara oposição ao pensamento de Calvino e não o suposto desenvolvimento, surge uma explicação:

Quanto à ordem dos decretos de Deus, Cunningham observa que o assunto não é revelado nas Escrituras e que a sua investigação está além da nossa capacidade. Além do que, a mente de Deus sequer esta sujeita à sucessão de tempo, como a nossa. Nesse ponto, ele conclui que embora a posição supralapsariana de Beza seja evidente, a posição de Calvino não é clara. Provavelmente, Calvino sequer considerou a questão, embora a concepção infralapsariana seja mais coerente com o seu ensino em geral.¹¹⁵

Os calvinistas que sucedem João Calvino desde Theodore Beza parecem permanecer numa dependência do uso

¹¹⁴ Paulo R. B. ANGLADA. *A Confissão de Fé de Westminster é realmente calvinista?*, p. 14.

¹¹⁵ Id., p. 13.

do nome e da teologia do reformador, preocupando-se enormemente em estabelecer vínculos entre sua produção teológica e o pensamento de João Calvino. Esta "chancela" de herdeiros de João Calvino parece ser muito importante tanto para os calvinistas quanto para os puritanos. Para Franklin Ferreira, foi a chamada "neo-ortodoxia" que estabeleceu um descrédito entre João Calvino e os principais credos reformados, como a Confissão de Fé de Westminster:

Em tempos recentes, tem havido, em parte devido à influência neo-ortodoxa, uma tentativa de colocar os credos históricos reformados posteriores em oposição a Calvino, numa tentativa de desacreditá-los.¹¹⁶

Parece haver, principalmente por parte dos modernos calvinistas, que por vezes assumem a denominação de "puritanos", uma compreensão de que existe um plano mundial orquestrado para dissociar a teologia de João Calvino do calvinismo e do movimento puritano. Talvez isto explique por que há uma preocupação com a desqualificação de quem ousa posicionar-se discordando da ligação Calvino, calvinismo, puritanismo, numa postura muito pouco acadêmica, como se preocupa em fazer Paulo Anglada, antes mesmo de explicar sobre o assunto que pretende:

(...) me proponho, *primeiramente*, a apresentar R. T. Kendall ao leitor brasileiro, mencionando informações relevantes sobre a sua formação, obras, posições teológicas e práticas eclesiásticas, provavelmente desconhecidas de muitos; e, *em segundo lugar*, a investigar o ensino de Calvino com relação ao assunto, especialmente no que diz respeito à interpretação de Kendall quanto à questão. [destaques em itálico do autor do artigo]¹¹⁷

¹¹⁶ Franklin FERREIRA. *O Movimento Puritano e João Calvino*, p. 27.

¹¹⁷ Paulo R. B. ANGLADA. *A Confissão de Fé de Westminster é realmente calvinista?*, p. 6.

Da mesma forma, Franklin Ferreira ataca veementemente aqueles que ousam demonstrar as divergências entre os puritanos e Calvino, dizendo que eles sim é que extrapolaram:

É inegável que Karl Barth (1886 - 1968) foi grandemente responsável pelo renovado interesse nos reformadores, principalmente Lutero e Calvino, mas ele, assim como Emil Brunner (1889 - 1966), incorreram em outro erro, o de reinterpretarem os ensinamentos dos reformadores segundo seus próprios pressupostos, fazendo os reformadores dizerem mais do que eles ensinaram, distorcendo o seu pensamento, além de coloca-los em oposição aos seus herdeiros, os puritanos [grifo meu]. Isto fica bem claro ao se estudar o texto de Barth "A eleição de Deus, em graça". Mesmo usando os reformadores e confissões da Reforma, as conclusões a que ele chegou são opostas à posição reformada como exposta nos Cânones de Dort, de 1618-19 [grifo meu]. Além deles, Jack Rogers (professor do Fuller Theological Seminary nos Estados Unidos), no campo das Escrituras, e Thomas F. Torrance (professor de Dogmática na Universidade de Edinburgo até 1952), no campo da salvação, tentaram colocar a Confissão de Westminster contra Calvino.¹¹⁸

Analisaremos mais adiante o porquê desta obsessão pela junção Calvino - calvinismo - puritanismo, com ênfase para a cristalização deste último como o "Grande Momento". Parece, entretanto, que seria muito mais fácil admitir as divergências e assumir uma postura independente de João Calvino, ainda que em determinadas questões, o que seria, além de mais coerente, muito mais simples. Mas isto parece ser algo que os calvinistas, principalmente os "neopuritanos", decididamente não estão dispostos a fazer.

¹¹⁸ Franklin FERREIRA. *O Movimento Puritano e João Calvino*, p. 33, 34.

2.3 O silogismo prático dos calvinistas e sua influência cultural.

“Se Pighius me pergunta como eu sei que sou eleito, eu respondo que Cristo é para mim melhor que mil testemunhos”.¹¹⁹ Assim João Calvino, segundo R. T. Kendall, defenderia a fé como sendo a própria certeza da salvação, e não algo distinto. Ainda que outros discordem da ênfase dessa proposição, afirmando que Calvino não excluía a dúvida e valorizava a constante preocupação com a santificação¹²⁰, o que se pode observar, em particular da teologia desenvolvida por William Perkins,¹²¹ é a clara compreensão de que certas evidências relativas à eleição deveriam ser especialmente observadas. Este silogismo prático seria a “base da segurança”¹²², um conjunto de normas de procedimento que, continuamente demonstradas a si próprio e aos outros, sob forma de santificação, deveriam evidenciar a eleição. Segundo Kendall, tais posturas e mesmo a expressão em si, Perkins tomou “de empréstimo”¹²³ de Zacharias Ursinus.¹²⁴ A raiz de tal

¹¹⁹ R. T. KENDALL. *A modificação puritana da Teologia de Calvino* In W. Stanford REID, *Calvino e sua Influência no mundo Ocidental*, p. 254.

¹²⁰ Paulo R. B. ANGLADA. *A Confissão de Fé de Westminster é realmente calvinista?*, p. 16 e 17.

¹²¹ William Perkins (1558-1602), pregador de destaque, fez grandes contribuições ao movimento puritano, apesar da sua curta existência. Nasceu em Marton, Warwickshire, e estudou no Christ's Collège, em Cambridge, na Inglaterra. Sua influência decisiva foi como professor. Sua copiosa obra teológica apresentou a primeira sistematização da teologia de João Calvino para a língua inglesa, numa linguagem clara e popular.

¹²² R. T. KENDALL. *A modificação puritana da Teologia de Calvino*, p. 256.

¹²³ Id., *Ibidem*.

¹²⁴ ZACHARIAS URSINUS (1534-1583), teólogo alemão e um dos autores do Catecismo de Heidelberg, nasceu em Breslau em 18 de Julho de 1534, e veio a se tornar discípulo de Melanchthon em Wittenberg. Ele posteriormente estudou Divindade em Genebra, sob orientação de Calvino, e Hebraico em Paris orientado por Jean Mercier. Em 1561 foi designado professor no Collegium Sapientiae em Heildelberg, onde, em 1563, instado pelo eleitor-paladino, Frederico III, elaborou um Catecismo em

posicionamento era a ênfase na expiação limitada, um ensino que, segundo Kendall, Calvino não apresentou em suas obras, numa distorção de seu pensamento que teria se originado em Beza:

Ele (Calvino) [inserção explicativa minha] apontava Cristo às pessoas pela mesma razão que Beza não podia fazê-lo: a questão da "extensão" da expiação. Calvino lhes indicava diretamente a Cristo, porque Cristo morreu indiscriminadamente por todas as pessoas. Beza não podia indicar Cristo diretamente às pessoas porque (segundo ele) Cristo não morreria por todos; Cristo morreu apenas para os eleitos. Se se diz a alguém que sua única esperança de ser salvo é tornar-se um daqueles por quem Cristo morreu, há a possibilidade de se estar confiando no Cristo que não morreu por este alguém. Beza tirou o decreto da eleição da eternidade e o fixou na morte de Jesus na cruz¹²⁵.

Parece que outros calvinistas, inclusive no Brasil, têm consciência de que os cinco pontos de Dort¹²⁶ não são unanimidade mesmo no meio reformado:

Daí também decorre a soteriologia, expressa pelo Sínodo de Dort nos chamados "cinco pontos do calvinismo":

- Depravação total
- Eleição incondicional
- Expição limitada
- Graça irresistível (vocação eficaz)
- Perseverança dos santos

Ainda que haja *muita controvérsia a respeito desses pontos, até mesmo entre os calvinistas* [grifo meu], todo reformado consciente não pode deixar de afirmar a plena dependência do pecador, morto em sua desobediência e alienação. Isto é, sua plena dependência da iniciativa e da atuação soberana de Deus no que diz respeito à salvação. A salvação do pecador é, do início ao fim, uma obra de Deus, através do Espírito Santo (monergismo).¹²⁷

cooperação com Kaspar Olevian. A morte do Eleitor em 1576 levou à remoção de Ursinus, que de 1578 até sua morte em 1583 ocupou uma cátedra em Neustadt-an-der-Haardt.

¹²⁵ R. T. KENDALL. *A modificação puritana da Teologia de Calvino* In W. Stanford REID, *Calvino e sua Influência no mundo Ocidental*, p. 253.

¹²⁶ A Decisão do Sínodo de Dort nos Cinco Pontos Principais de Doutrina em Disputa nos Países Baixos é popularmente conhecida como "Os Cânones de Dort". Consiste em declarações de doutrina adotadas pelo grande Sínodo de Dort que se reuniu na cidade de Dordrecht de 1618 a 1619.

A ênfase na expiação limitada seria a principal causa do desenvolvimento do silogismo prático no seio do calvinismo, a partir daquilo que Beza e Perkins desenvolveram. Conceitos como "fé temporária" e "santificação" revestem-se de um caráter peculiar, que irá marcar todo o desenvolvimento do calvinismo, puritanismo, presbiterianismo e "neopuritanismo", explicando em boa parte a difícil relação com a cultura que a Teologia Reformada apresenta no Brasil, pois muitas práticas "culturais" irão se chocar com a expectativa do modelo de santidade, calcado ainda que inconscientemente no silogismo prático, cujas raízes teológicas aqui estão sendo demonstradas.¹²⁸

Para considerar a expiação limitada contrária ao ensino de Calvino, Kendall busca subsídios nas Institutas da Religião Cristã, nos comentários do Novo Testamento, especialmente dos evangelhos, com ênfase ao comentário que Calvino faz do texto de João 3.16: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna":

Pois ainda que Ele necessariamente odeie o pecado, como poderíamos estar convencidos de que Ele nos ama até que aqueles pecados pelos quais Ele está justamente irado

¹²⁷ Alderi de Souza MATOS. *Resgatando os aspectos essenciais da identidade Reformada*. Disponível na Internet: <http://www.academiacalvinia.com.br/Arquivos/IdentReformada.htm>. 29/11/2003. Alderi de Souza Matos é o historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil.

¹²⁸ Esta investigação quanto à soteriologia de João Calvino e seu desenvolvimento ou distorção é necessária, pois influirá no conceito de santificação que permeia a Teologia Reformada atualmente praticada no Brasil pela Igreja Presbiteriana do Brasil, que muitas vezes tem se incompatibilizado com a cultura, como veremos mais adiante.

conosco tenham sido expiados? Pois antes de nós podermos ter qualquer sentimento quanto à Sua gentil paternidade, o sangue de Cristo necessita interceder para reconciliar Deus conosco¹²⁹.

Kendall também irá basear-se no que Calvino apresenta no início do Livro III das Institutas, quando assume que a questão da abrangência da expiação está em meio a controvérsias. Calvino nunca procurou retirar o sentido de expressões como "todos" e "mundo", dizendo que todos não são todos e mundo não significa mundo. Em comentários a textos como Isaías 53:12 ("Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu") e Hebreus 9:28 ("assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação"), ao contrário, ele explica que o significado das palavras que foram traduzidas como "muitos", na verdade é "todos".¹³⁰

Mas parece que o mais forte argumento para a compreensão de que Calvino compreendia a expiação de forma não limitada aparece em sua refutação aos princípios do Concílio de Trento:

Quando Calvino toma a pena na mão para refutar os Decretos do Concílio de Trento ponto por ponto na *Acta synodi tridentinae: cum antidoto* (1547), ele declara que não tem comentário acerca do decreto que afirma que

¹²⁹ "For since He necessarily hates sin, how shall we be convinced that He loves us until those sins for wich He is justly angry with us have been expiated? Thus before we can have any feeling of His fatherly kindness, the blood of Christ must intercede to reconcile God to us". John CALVIN, *Commentary John 3:16* apud R. T. KENDALLL, *Calvin and english calvinism to 1649*, p. 14.

¹³⁰ R. T. KENDALLL. *Calvin and english calvinism to 1649*, p. 13, nota de rodapé n° 3.

Cristo morreu por todos os homens¹³¹

É justamente nesse silêncio de Calvino que os que querem ver no calvinismo de Beza e Perkins uma sequência do pensamento do próprio Calvino irão procurar basear-se. Calvino não teria dito coisas suficientes a respeito da extensão da expiação. Paulo Anglada, citando William Cunningham¹³², tenta sustentar tal tese:

Com relação à extensão da expiação, Cunningham admite que não encontra nos escritos de Calvino "afirmativas explícitas a qualquer limitação no objeto da expiação, ou no número daqueles por quem Cristo morreu." Mas observa também que "nenhum calvinista, nem mesmo o Dr. Twisse, o maior defensor do supralapsarianismo, jamais negou que há um sentido em que se pode afirmar que Cristo morreu por todos os homens." Cunningham afirma, contudo, estar persuadido "de que não há evidência satisfatória de que Calvino sustentou a doutrina de uma expiação universal, ilimitada ou indefinida." Pelo contrário, considera que "há suficiente evidência de que ele não sustentou esta doutrina." É verdade, afirma Cunningham, que Calvino frequentemente afirma a livre oferta do Evangelho indiscriminadamente a todos os homens, sem distinção ou exceção. Mas a doutrina da extensão da expiação "não foi formalmente discutida" por Calvino, nem parece que ele tenha considerado o problema.¹³³

À luz das refutações ao Concílio de Trento e da ausência de comentário acerca da expiação universal e das outras evidências que Kendall apresenta, as considerações de Cunningham no mínimo carecem de um pouco mais de solidez e demonstração clara dos argumentos. Parece muito pouco provável que Calvino fosse tão ingênuo, ignorante ou desinteressado quanto à questão da extensão da expiação. Para dizer-se o mínimo, Calvino demonstra dúvidas acerca

¹³¹ Id., p. 14 e 15: "When Calvin took pen In hand to refute the Decrees os the Council of Trent point by point In *Acta synodi tridentinae: cum antidoto* (1547), he stated that he had no comment on that decree wich afirmed that Christ died for all men".

¹³² William Cunningham (1805 - 1861), teólogo reformado e professor de História Eclesiástica na Faculdade de New Collège, Edinburgo.

¹³³ Paulo R. B. ANGLADA, *A Confissão de Fé de Westminster é realmente calvinista?*, p. 13.

deste ensino. Seu silêncio é na verdade muito eloquente, neste caso em particular. Sobre silêncios eloquentes, nos fala Rubem Alves:

E é muito difícil aventurar-se a dizer algo sobre aquilo que não é dito. Entretanto, é preciso notar que os silêncios também querem dizer algo. Como Gunnar Myrdal observa, "nós quase nunca nos defrontamos com uma falta de conhecimento acidental. A ignorância, como o conhecimento, é dirigida para propósitos. Uma carga emocional de conflitos valorativos exige racionalização, criando cegueira em certos pontos e estimulando a necessidade de conhecimento em outros (...)"¹³⁴

É importante ressaltar que a IPB abraça completamente o ensino da expiação limitada, como autêntica herdeira da Confissão de Westminster:

A Fé Reformada, ecoando as Escrituras, ensina que somente algumas pessoas serão salvas. Também nos ensina que somente Deus salva os pecadores, e então nos ensina que aqueles que são salvos são aqueles que Deus quis que fossem salvos. Como Jesus disse ao Pai, falando sobre si: "assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste" (João 17:2). "Assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas." (João 10:15).¹³⁵

O ensino enfático da expiação limitada está contido na "tabela de Beza"¹³⁶, que foi recebida e elaborada por Perkins em sua obra magna "A Golden Chain"¹³⁷ (A Corrente

¹³⁴ Rubem ALVES. *Protestantismo e Repressão*, p. 178.

¹³⁵ SECRETARIA EXECUTIVA DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Convicções da Fé reformada*. Disponível na Internet. http://www.executivaipb.com.br/Conviccoes_FeReformada.htm. 29 de Janeiro de 2004.

¹³⁶ "(1) o amor de Deus por seu eleito com seu ódio pelo reprovado, (2) uma chamada efetiva ao eleito **vis - à - vis** a uma chamada ineficaz do não eleito, (3) um amolecimento do coração do eleito contraposto ao endurecimento do coração do réprobo, (4) fé como oposta à ignorância, (5) justificação e santificação **versus** injustiça e contaminação, e (6) a glorificação do eleito comparada com a justa condenação do réprobo". R. T. KENDALL. *A modificação puritana da Teologia de Calvino*, p. 252.

¹³⁷ "A GOLDEN CHAIN:

dourada). Ali também desenvolve-se o tratamento da doutrina da "chamada ineficaz", de Perkins, que baseava-se na pergunta "até onde um réprobo pode ir?" Aqui ocorre um desenvolvimento da compreensão de Calvino da "fé temporária":

A tese de Perkins ocupava-se da natureza da fé "salvadora" (que apenas os eleitos de Deus têm), como oposta à fé "temporária" (que os reprovados ou não eleitos podem possuir). A preocupação fundamental da teologia de Perkins centraliza-se na seguinte questão: Como pode alguém saber que é eleito e não reprovado? A doutrina da predestinação dupla era uma pressuposição nos escritos de Perkins. Por isso, sua doutrina da fé é desenvolvida no contexto do ensino de que todos os homens são eternamente predestinados ou para a eleição ou para a reprovação. À salvação ou à destruição, céu ou inferno. Em *Whether a man*, (Caso o homem), Perkins começa com o inalterável decreto da reprovação. Seu título compreensível é dado como uma advertência aos cristãos professos para que se examinem a si próprios a fim de que não ocorra que eles possuam apenas uma fé temporária - uma posição arrogante à qual os réprobos, embora condenados desde o princípio, podem se ater. Perkins começa com "Certas proposições, declarando quão longe alguém pode ir na profissão do evangelho, e, mesmo assim, ser um homem ímpio e um réprobo". Por trás de sua referência a "quão longe" um reprovado possa ir, está sua posição de que o não eleito pode exceder, "em certos frutos, ao eleito" e que isso acontece pelo que ele denomina uma "chamada ineficaz".¹³⁸

Aqui é que se pode começar a compreender aonde irão chegar as conclusões desta teologia que influencia toda a formação do calvinismo inglês, no aspecto cultural. Nada nos garantiria que de fato não somos réprobos, portanto um zêlo constante pela verificação de que certos "valores" estariam sendo preservados seria talvez a única maneira de

ou,

A Descrição da Teologia:

Contendo a Ordem das Causas da Salvação e Condenação, segundo a palavra de Deus. Uma visão da qual pode ser vista no Quadro anexo.

Até aqui é utilizada a ordem que M. Theodore Beza utilizou para confortar consciências aflitas".

R. T. KENDALL, *A modificação puritana da Teologia de Calvino* In W. Stanford REID, *Calvino e sua Influência no mundo Ocidental*, p. 251.

trazer alguma tranquilidade ao homem. Quais seriam estes valores e como eles transmutam-se para a sociedade americana e com a inserção do presbiterianismo no Brasil, para a brasileira, veremos logo adiante. Importa agora compreender que o estigma do medo abate-se sobre o fiel que segue tais preceitos doutrinários, que culminarão no silogismo prático:

Todo o sistema teológico de Perkins está construído sobre a tabela de Beza - a "corrente dourada" de Romanos 8:30. *Whether a man* (Caso o homem) começa com a pressuposição de que a chamada ineficaz do não eleito é tão poderosa que o sujeito manifesta - a si mesmo e a outros - todas as aparências do eleito: tais como zêlo, boas obras e santificação. As implicações pastorais deste ensino são enormes. *Um cristão sincero podia muito bem ter medo de ser um réprobo* [grifo meu].¹³⁹

Dessa forma, já que é praticamente impossível determinar com absoluta segurança mesmo a própria eleição, e já que não se poderá apontar-se para Cristo, pois ele somente morreu pelos eleitos, e não se pode saber com certeza se encontra-se ou não o crente nessa condição, o silogismo prático surgirá como um recurso último e lógico: a fé estaria centrada numa "boa consciência", segundo Ursinus, e a consciência não seria "nada mais que" "um Silogismo Prático" da mente.¹⁴⁰ Tais compreensões seriam responsáveis pela elaboração de um moralismo centralizado naquilo que poderia ser, na interpretação do senso comum, demonstrativo de uma boa consciência. A santificação ganharia assim características peculiares no calvinismo que se origina na teologia de Perkins:

Em outras palavras, o "silogismo prático" tornou-se a base da segurança. Perkins não indicava Cristo às pessoas, mas indicava esta reflexão sobre si próprio. Esta última veio a ser conhecida como ato reflexo. Era um empreendimento subjetivo e introspectivo. Perkins também

¹³⁹ Id., p. 252.

¹⁴⁰ Id., p. 256.

não conduzia as pessoas a Cristo antes de elas, primeiramente, terem satisfeito as exigências do "silogismo prático". Perkins chegou ao ponto de igualar o "silogismo prático" ao testemunho do Espírito. Mas "se o testemunho do Espírito de Deus não for tão poderoso no eleito", então a pessoa deve olhar para a segurança de sua eleição "pelo outro efeito do Espírito Santo: a saber, a santificação".¹⁴¹

A grande influência de tal pressuposição no desenvolvimento do calvinismo e no puritanismo, principalmente, seria a "batalha" pela definição de que conjunto de comportamentos melhor demonstraria uma vida "santificada" continuamente, de tal forma a aplacar as consciências individuais e alheias. A Teologia Reformada brasileira vai apresentar as conseqüências práticas de tal concepção, herdeira que é do calvinismo e do puritanismo. Rubem Alves¹⁴², trabalhando aquilo que denomina *Protestantismo da Reta Doutrina (PRD)*, assim demonstra tais influências:

De que forma o convertido aprende o comportamento adequado ao seu novo ser? Como se constitui a sua consciência moral? Por que processos se torna ele capaz de distinguir entre o bem e o mal? Repete-se o que ocorreu na aprendizagem do universo protestante. O novo crente não sabe, espontaneamente, o que fazer. É a igreja que detém o monopólio do conhecimento ético. Ela sabe o que é o bem e o mal. E, portanto, somente ela pode enunciar os mandamentos. "Tu deves", "Tu não podes". A igreja determina o indicativo. A igreja determina o imperativo. A relação de domínio mestra - aprendiz, que caracterizou a socialização ao universo protestante, assume agora a forma paralela de relação, também de domínio, entre a instituição que ordena e o indivíduo que obedece. Assim como a consciência epistemológica do indivíduo foi negada, a fim de que, pela subordinação ao conhecimento do bem e do mal cristalizado na consciência coletiva, ele encontre a resposta à sua pergunta: "Que

¹⁴¹ Id., Ibidem.

¹⁴² Rubem Alves, (n. 1933), teólogo, educador, psicanalista, escritor e professor, ex-pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, que o perseguiu e denunciou a partir de 1964, obrigando-o a retirar-se do país para evitar maiores problemas com a ditadura militar que se instituiu. Sua tese de doutoramento em teologia, "A Theology of Human Hope", publicada em 1969 pela editora católica Corpus Books é, no seu entendimento, "um dos primeiros brotos daquilo que posteriormente recebeu o nome de Teologia da Libertação".

devo fazer para herdar a vida eterna?" O ato constitutivo da moralidade do PRD se caracteriza, portanto, pela substituição da consciência ética individual pela coconsciência ética coletiva. Em outras palavras: o ato constitutivo da moralidade deste Protestantismo é aquele pelo qual a igreja se impõe como consciência viva, vigilante e poderosa do crente.¹⁴³

O protótipo do moralismo piedoso que deflagraria influências na maneira de relacionar-se com a cultura de seu tempo no protestantismo reformado já estava presente desde o final do século XVI, com Perkins. Ele "isolou" alguns efeitos comportamentais que seriam modelo de santidade, para fins do silogismo prático então desenvolvido:

Perkins menciona os seguintes "efeitos" da santificação: (1) sentir amargura no coração, quando ofendemos a Deus pelo pecado, (2) lutar contra a carne, (3) desejar sinceramente a graça de Deus, (4) considerar que a graça de Deus é a jóia mais preciosa, (5) amar aos ministros da Palavra de Deus, (6) invocar a Deus sinceramente e com lágrimas, (7) desejar a segunda vinda de Cristo, (8) evitar qualquer ocasião de pecado (sic), e (9) perseverar nestes efeitos "até o último fôlego de vida".¹⁴⁴

A questão presente no oitavo "efeito" vai desenrolar-se de forma diversa através dos tempos. O que seria a "ocasião de pecado"? Como tal concepção iria afetar o relacionamento com a cultura? Aqui teremos que fazer algumas escolhas, pois o campo é vastíssimo. Procurou-se o que mais evidentemente tem sido motivo de choques com a cultura brasileira, desde a implantação do presbiterianismo no Brasil. Ficaremos, pois, com o aspecto comportamental que vai relacionar fé e cultura no âmbito da música. Falando sobre como a Teologia Reformada brasileira tem abordado tal relação, chegaremos também a

¹⁴³ Rubem ALVES. *Protestantismo e Repressão*, p. 169, 170.

¹⁴⁴ R. T. KENDALL, *A modificação puritana da Teologia de Calvino* In W. Stanford REID, *Calvino e sua Influência no mundo Ocidental*, p. 256, 257.

outro elemento cultural igualmente ligado à música: a dança.

Música e dança são aspectos essenciais da cultura de qualquer povo, mas no Brasil tais aspectos revestem-se de importância ainda maior, pela relevância que a musicalidade brasileira vai assumindo mundo afora.¹⁴⁵ Mas o universo reformado brasileiro parece ter estabelecido, dentro dos conceitos que a igreja elaborou para apresentar a seus fiéis como norma do que "é lícito", uma aversão a este aspecto da cultura. Música e dança tornam-se "tabus" no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil,¹⁴⁶ como bem demonstra Rubem Alves:

Parece-me que é a partir da moralidade sexual que devemos entender uma outra prática disciplinar protestante; a de considerar a dança como um pecado e a de julgar e impor penas àqueles que dançarem. Os livros de atas dos Conselhos das igrejas revelam um elevado número de ações disciplinares contra pessoas que foram a bailes. A Justificação para tal atitude, segundo um pastor, se deve ao fato de "ser impossível a um homem normal, tendo nos seus braços uma mulher, sentindo o seu corpo, evitar o aparecimento de paixões ímpuras e desejo sexual". "O problema do baile", afirmava outro, "continua a desafiar a honestidade dos conselhos. Ao que sabemos, só existe um folheto de Miguel Rizzo "A Dança e a Psicanálise" para combater o perigo sexual do baile". O rigor disciplinar protestante frente ao baile parece indicar que, segundo a sua interpretação, o baile é uma versão estilizada e simbólica do ato sexual e que, portanto, ir ao baile é expor-se voluntariamente à tentação que inevitavelmente macula a pureza que deve marcar a personalidade crente.

¹⁴⁵ Rubem ALVES, *Protestantismo e Repressão*, p. 176.

¹⁴⁶ "Pode um estudante crente tomar parte no baile ... que a sua turma faz no dia de sua formatura escolar?"

Resposta: "Quanto ao baile nunca é lícito a um crente tomar parte nele. É uma festa mundana e inconveniente, que só faz mal aos sentidos."

"É lícito a crentes dançar e levar seus filhos a bailes familiares ou de formaturas?"

Resposta: "A dança moderna, ou seja, os bailes em geral, profanos e mundanos, ou familiares, ou de clubes, ou de 'gafieiras', ou de formaturas, não cabem dentro de Filipenses 4.8-9 e I Coríntios 10.31. Devem ser evitados definitivamente pelos crentes."

Jornal Brasil Presbiteriano. 25 de setembro de 1952. p. 4. OP. 10 de agosto de 1956. p.3.

Associa-se, portanto, a idéia de dança a algo que denota falta de apreço para com a santidade, e, como conseqüência silógica e prática, uma possível evidência de que se é um réprobo. O gosto e o apreço pela dança seriam a cabal prova de que não se deseja "evitar qualquer ocasião de pecado", já que a dança é assim qualificada, baseada em conceitos espirituais que opõem sociedade e cristianismo de forma radical.¹⁴⁷ E esta aversão, que aqui se tipifica na dança, aplica-se a todo um ideário eleito

¹⁴⁷

"Moços tem havido também que vão ao médico debilitados, inaptos para o casamento, e uma das perguntas do clínico é: 'Tem ido a bailes?'" "É que a dança faz mal. Vai mexendo nos nervos e desconcerta o organismo." "O baile mata devagar." "Um jovem meio fraco foi ao médico e este achou-o mal: tuberculose no começo. Notou que o doente dançava e bebia um pouco, fez-lhe ver que era só largar do baile e da bebida, havia de sarar. Não pode o moço, entretanto, vencer a tentação. Tornou a dançar e usou bebidas, meses depois morria tristemente." "Um antigo e famoso quadro nos apresenta dois caminhos: um, à direita, estreito, é o da salvação; o outro, à esquerda, espaçoso, conduz à perdição. No da esquerda, notamos o botequim, homens bebendo, e o bordel, o teatro, o clube de dança, prédio de onde pende a bandeira do mundanismo; depois com os pés nos dois caminhos. Ou a gente os tem no estreito, para a salvação, ou os põe no largo e entra na perdição. Ou a moral cristã ou a dança. Numa palavra: Cristo ou o baile." WEY, João Conrado. Do folheto *O Baile*. 1949. [Esta bibliografia é própria e citada pelo autor da citação]

"Hoje quero falar-vos do baile, para firmar o princípio de que são absolutamente incompatíveis um e outro, o baile e o crente. Não podem viver juntos. Não podem fazer ligas. Repelem-se. Repudiam-se como forças na sollicitação das suas energias indomáveis e crescentes: o crente, na escalada santificadora, rumo ao céu, imitando, dedicado e perseverantemente, o seu Salvador e Mestre, ao qual mais e mais deve servir com sinceridade de coração; o baile, na descida despudorada, rumo ao inferno, posto ao serviço do príncipe das trevas, de que é fiel servidor e vassalo, incumbido da perdição de inocências iludidas e arrastadas na voragem de seduções habilíssimas." De conferência do Dr. Flamínio Fávero. [Esta bibliografia é própria e citada pelo autor da citação]

"Si é certa a lei que a psychanalyse expõe: si todas as creações humanas se relacionam com energias interiores que as determinam e explicam, surge expontânea em nosso espírito, ao falar em bailes, uma pergunta oportuna. A que disposição íntima se liga o prazer que a dança produz? (...) Conclue-se daí que a disposição que impulsiona os pares que se unem para a dança é especialmente o pendor natural que os representantes de um sexo tem para com os de outro". Miguel RIZZO. '*Dança e Psychanalyse*', p. 12-13 apud Rubem ALVES, *Protestantismo e Repressão*, p. 177,.

de "ocasiões de pecado" pela Teologia Reformada da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Será assim também com a música. Ela, quando não é direcionada ao culto ou possui mensagem evangélica, é denominada "música do mundo" e a não aceitação desta divisão (música sagrada e música do mundo) tem chegado a trazer conseqüências sérias para os que ousam fugir a tal dicotomização, como demonstra decisão da Comissão Executiva do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, em virtude de processo movido por um conselho contra um pastor:

CE-88-093 - Recurso do Conselho da Igreja Presbiteriana de Jaú contra a decisão do Presbitério de São Carlos - Doc. XXV - Quanto ao Doc. 43 - Recurso do Conselho da Igreja Presbiteriana de Jaú contra decisão do Presbitério de São Carlos. A CE-SC/IPB considerando: 1) Que embora o assunto tenha sido amplamente discutido em âmbito presbiterial. 2) Que o Sínodo, ao receber o recurso do Conselho da Igreja Presbiteriana de Jaú, contra a decisão do Presbitério de São Carlos, não o acolheu. 3) Que o Sínodo, em sua Reunião Ordinária de Julho de 1987, ao tomar conhecimento do fato, nomeou uma comissão especial para conciliar as partes, porém, não consta o resultado obtido. 4) Que os ministros envolvidos reconheceram o erro cometido e declararam, por escrito, perante o concílio, não mais repetir os fatos que provocaram as reclamações do Conselho da Igreja Presbiteriana de Jaú, sem contudo esclarecer, satisfatoriamente, as suas posições doutrinárias. 5) Considerando ainda que os ministros envolvidos decidiram em causa própria, tanto na Comissão Executiva quanto no Presbitério, por quanto eram respectivamente Presidente, Secretário Executivo e 2º Secretário do Presbitério. A Comissão Executiva resolve: 1) Acolher o recurso em apreço. 2) Reconhecer o zelo doutrinário do Conselho da Igreja Presbiteriana de Jaú. 3) Reconhecer o problema doutrinário que há nos limites do Presbitério de São Carlos, a saber: a) Afirmação do Rev. Marcos Roberto Inhausen num boletim das SAF local em São Carlos de que o Presbiterianismo Brasileiro "é o ópio do povo", pois anestesia o crente quanto às necessidades do próximo, vendendo a idéia de que participação assídua é a plenitude da vida cristã. b) Afirmação do Rev. Luís Longuini Netto em artigo publicado pelo "Jornal Contexto": "Entendo que a divisão entre música sagrada e profana, não existe. Para nós cristãos tudo é sagrado". Ao fazer referências a música de Ivan Lins intitulada "Bandeira do Divino", afirmou: "tenho pensado muito nesta canção, por isso resolvi tentar uma análise para resgatar o conteúdo bíblico ao lado das formas populares de religiosidade". [grifo meu] c) A inovação litúrgica do

Rev. Werner Sundfeld ao ministrar a ceia a crianças e a todos os presentes indistintamente. Na justificativa, interpelado pelo Conselho da 2ª igreja de São Carlos, afirmou que reconhecia a sua transgressão constitucional e estava disposto a não mais repetir o fato, enquanto fosse Pastor da 2ª igreja de São Carlos. 4) Observar que o Presbitério não fez nenhum pronunciamento oficial para dirimir as dúvidas doutrinárias em questão. 5) Determinar que o Sinodo de Campinas tome providências para que o Presbitério de São Carlos dê a sua posição teológica doutrinária sobre o assunto, no prazo de 120 dias, enviando cópia do seu pronunciamento a esta CE-SC/IPB.¹⁴⁸

O simples fato de cultivar-se um gosto por "música profana" já é em si demonstração mais que concreta da degeneração do indivíduo. Um crente regenerado não aprecia outra música senão a "sagrada". Ela deve lhe bastar. A intolerância aumenta ainda mais se a música contiver qualquer resquício de doutrina contrária ao tipo ideal do Protestantismo da Reta Doutrina, ainda que bela e apenas instrumental, e executada não na igreja, mas em instituição ligada a ela:

CE-SC/IPB-2000- Doc. CII - Quanto do DOC 035 oriundo do Presbitério Bandeirantes, sobre formatura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde se tocou a "Ave Maria" de Gounod, a CE/SC, Considerando: 1. Que a aludida formatura tratou-se na verdade de uma festa informal promovida pelos formandos, sendo de exclusiva responsabilidade dos mesmos; 2. Que medidas já foram tomadas pela Reitoria e Chancelaria da Universidade Presbiteriana Mackenzie para coibir tais práticas devido ao compromisso confessional da Universidade; 3. Que os Diretores foram responsabilizados em obter conhecimento prévio dos programas em solenidades que envolvam o nome do Mackenzie; Resolve: 1. Tomar conhecimento; 2. Considerar atendidas as informações solicitadas; 3. Dar ciência ao Presbitério desta resolução.¹⁴⁹

Tais concepções, que apesar do resultado último recair sobre a cultura, têm seu nascedouro no bojo de uma

¹⁴⁸ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1985 - 1992*, p. 143, 144.

¹⁴⁹ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1996 - 2000*. Disponível na Internet. 29/01/2004.
<http://www.executivaipb.com.br/Documentos/Digesto/Digesto%2096-2000.doc>. 29/01/2004.

concepção soteriológica calvinista tardia, praticamente inviabilizam a participação do indivíduo em esferas de ação e relação que muito dizem à cultura brasileira, em particular. Mas isto não é problema para a Teologia Reformada da IPB, pois o crente deve mesmo ser diferente, mesmo à custa do deterioramento de suas relações e de inviabilizar-se qualquer inserção na sociedade e na cultura em que se está presente:

O que importa, em última análise, não é a situação concretamente criada pelo ato, que envolve não apenas o ato como também um sem - número de pessoas, mas a relação da identidade lógica entre o princípio eterno e a ação... O crente não age para atingir certos resultados. O que importa é o alvo de perfeição sobre a sua vida... Ao fazerem assim, afirmam os crentes, a minha ação se torna em testemunho: revelo que sou totalmente determinado por Deus e a sua palavra. Em meio às teias de ações pragmáticas, movidas por interesse, que caracterizam o mundo, o crente revela um outro espírito, qual seja, o de absoluta e consistente submissão a uma norma. Importa mais obedecer a Deus que aos homens. Neste sentido, podemos dizer que a ética protestante é fundamentalmente anti-humanista, pois ela coloca o homem entre parêntesis na sua reflexão sobre o problema da ação, e se dedica exclusivamente à preservação da estrutura de normas atemporais que devem reger o comportamento.¹⁵⁰

Não é importante ser relevante para o contexto contemporâneo. Não importa se a igreja está na América Latina ou na Oceania. A ação pragmática do crente e da igreja não deve misturar-se de forma alguma com a cultura, pois pode ser extremamente perigoso! Desta concepção, virá o "receio quanto à brasilidade" da Teologia Reformada brasileira, que veremos adiante.

¹⁵⁰

Rubem ALVES. *Protestantismo e Repressão*, p. 207, 208.

2.4 A Relação de Calvino e dos puritanos com a Ciência

Dentro do espectro da sua relação com a cultura, o pensamento reformado apresenta um capítulo à parte quando focalizamos sua relação com a ciência, de modo geral. Assim como muito do que diz respeito ao pensamento e à influência de Calvino, haverá aqui opiniões divergentes, desde aqueles que consideram João Calvino um opositor das artes, desprovido de qualquer sensibilidade, até aqueles que crêem ser ele e sua teologia os "pais" da moderna ciência.¹⁵¹

A personalidade mais esguia e taciturna de Calvino, principalmente quando comparada à exuberante e impulsiva personalidade de Lutero, além da evidente ausência de maiores dotes musicais no primeiro e abundância destes no último, suscitaram a idéia errônea de um João Calvino desinteressado nas artes, insensível e antiestético, embora uma investigação mais acurada permita entrever além dessa noção, que acaba por mostrar-se meramente preconceituosa e não considerando as circunstâncias do tempo e do trabalho do reformador francês, bem como sua personalidade.¹⁵²

Opiniões condratidórias surgem também quanto aos puritanos, mas parece evidente que o movimento abrigou e abriga mais cientistas do que supostos inimigos da Ciência:

O Sociólogo americano, professor R. K. Merton, salientou que, em 1938, entre o grupo de dez cientistas que, durante a Commonwealth, constituíram o núcleo que daria origem à Royal Society, sete eram acentuadamente puritanos. Sessenta e dois por cento dos membros da Royal Society eram de origem nitidamente puritana, um

¹⁵¹ A. Mitchell HUNTER. *The Teaching of Calvin. A Modern Interpretation*, p. 272.

¹⁵² Id., p. 273, 274.

percentual que se torna mais significativo em razão de constituírem os puritanos uma minoria da população.¹⁵³

Na verdade, tal asserção é reveladora, pois, por via de regra, sempre atribuiu-se ao puritanismo uma aura de atraso, tacanhice e reacionarismo:

Os mesmos puritanos que fizeram a Assembléia de Westminster também destruíram os órgãos das igrejas da Inglaterra; instalaram um regime de terror revolucionário com o assassinato de centenas de pessoas, a começar pelo Rei Carlos I (1649), o mesmo que convocara a Assembléia de Westminster, que foi por eles decapitado. Quando se transferiram para as colônias americanas, implantaram a escravidão e mantiveram a segregação racial nas igrejas até quase o final do século XX.¹⁵⁴

Alguns defendem que a ênfase de Calvino na predestinação seria maléfica à Ciência; outros, ao contrário, entendem que isso é que foi benéfico. Mais uma vez, será preciso desvencilhar suposições baseadas num senso comum que não se comprova nos fatos:

C. E. Raven¹⁵⁵ observou que "a ênfase de Calvino sobre a predestinação e os extremos a que foram levados seus seguidores não propiciaram um clima favorável a estudos científicos ou a qualquer preocupação mais acentuada com o mundo da natureza". Entretanto, segundo Merton¹⁵⁶, "o fato de o próprio Calvino ter depreciado a ciência somente aumenta o paradoxo de ter ele dado origem a um

¹⁵³ R. HOOYKAAS. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 128.

¹⁵⁴ Guilhermino CUNHA. *Os herdeiros de Carl McIntire*, p. 14.

¹⁵⁵ Charles E. Raven (1848-1951). Foi Regius Professor de Divindade, em Cambridge, de 1932 a 1950, e serviu como vice-chanceler da Universidade. Ele também foi capelão da Coroa desde 1919, e membro da Academia britânica. Especializou-se nas relações entre ciência e religião.

¹⁵⁶ Robert. K. Merton (n. 1910), um dos pioneiros da sociologia moderna, nascido em Filadélfia, E. U. A., Merton começou a carreira erudita de fato como um humanista e trabalha na história de ciência do décimo sétimo século da Inglaterra. Talvez a característica mais surpreendente da carreira deste estudioso foi seu alcance e variedade. Ele trabalhou em sociologia teórica e empírica; escreveu trabalhos históricos importantes; ele investigou uma variedade empolgante de assuntos e, entretanto, permanece ativo como um estudioso e como uma força criativa na organização intelectual da vida americana.

vigoroso movimento que fomentou o interesse precisamente nesse campo". Esta observação é apenas uma das muitas afirmações precipitadas sobre a relação entre princípios teológicos e científicos, especialmente das que foram expandidas a respeito de Calvino. Enquanto Merton deduzia da doutrina da predestinação de Calvino uma teoria que sugeria uma preferência pela ciência entre seus seguidores, Raven atribuía o efeito oposto à mesma causa. Nas tentativas, tanto teológicas como sociológicas, de relacionar o calvinismo e o puritanismo com o capitalismo, ou com a ciência e a tecnologia, encontramos, com muita frequência, deduções plausíveis ou aparentemente lógicas inferidas de premissas pouco consistentes. Estas interpretações são posteriormente apresentadas como fatos, muitas vezes sem nenhuma preocupação com provas concretas.¹⁵⁷

João Calvino, um humanista convicto, jamais desprezou a ciência: pelo contrário, seus escritos reforçam a noção de um profundo interesse pelo progresso da mesma e consideração por aqueles que a este fim se dedicavam. Veremos que ele não via nenhuma necessidade de exclusão do pensamento científico e nem da submissão deste às autoridades eclesiásticas:

Calvino era de opinião que aqueles que negligenciavam o estudo da natureza eram tão culpados como aqueles que, ao investigarem as obras de Deus, se esqueciam do seu Criador. Reprovava veementemente aqueles "fantásticos" antagonistas da ciência que diziam que o estudo apenas torna os homens soberbos e que não reconheciam que isto levava ao "conhecimento de Deus e à orientação da vida". Reiteradas vezes afirmou que a pesquisa científica é algo que penetra muito mais profundamente nas maravilhas da natureza do que a mera contemplação. Ao fazer esta declaração, não se referia à "física" especulativa de sua época, mas às sólidas disciplinas empíricas então existentes, ou seja, a astronomia e a anatomia, que revelavam, segundo ele, os segredos do macrocosmo e do microcosmo.¹⁵⁸

Calvino, segundo Hooykaas, entendia que investigar cientificamente é, antes de tudo, um dom dado pelo próprio Deus na graça comum aos homens, e aqueles que recebem tais talentos e têm tempo, devem, por exemplo, estudar

¹⁵⁷ R. HOOYKAAS. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 133.

¹⁵⁸ Id., p. 137, 138.

astronomia¹⁵⁹. Já Kepler¹⁶⁰ diz que tais pessoas têm o dever moral de utilizá-los "para a glória de Deus".¹⁶¹

É interessante salientar a independência de pensamento científico que permeou a época de Calvino e dos demais reformadores. A liberdade que se pode perceber naquela época parece contrastar com o patrulhamento ideológico que por vezes se instala nos meios reformados atuais, em especial na IPB¹⁶²:

Nos países protestantes, os cientistas não eram obrigados a aceitar o juízo de não-cientistas em matéria de ciência. Ao mesmo tempo em que, nos Países Baixos, o grande teólogo Gisbertus Voet (1588-1676) proclamava que a filosofia aristotélica constituía uma base indispensável da teologia ortodoxa, seus não menos ortodoxos oponentes, da corrente cocceana, ou separavam a teologia da filosofia, ou mostravam uma tendência para o cartesianismo. Enquanto Voet defendia o sistema geocêntrico como o único compatível com as Sagradas Escrituras, sua influência era contrabalançada por outros teólogos protestantes, que preferiam ou mesmo propagavam o copernicanismo, sem qualquer intervenção de sínodos ou de consistórios eclesiásticos.¹⁶³

¹⁵⁹ Id., ibidem, citando João Calvino, *Comentário sobre Gênesis 1:16*.

¹⁶⁰ Johannes Kepler (1571-1630). Astrônomo, nascido em Weil-der-Stadt, Alemanha. Estudou em Tübingen, e em 1593 foi indicado professor de Matemática em Graz. Em 1596, principiou uma correspondência com Tycho Brahe, então em Praga, e a partir de 1600/1 trabalhou com ele, demonstrando que noções planetárias eram mais simples do que havia sido imaginado. Ele anunciou sua primeira e segunda leis do movimento planetário em *Astronomia nova* (1609, *New Astronomy*), que formou o "background" das descobertas de Isaac Newton. Sua terceira lei foi promulgada em *Harmonice mundi* (1619). Sucedeu Brahe como astrônomo da corte do Imperador Rudolf II, e em 1628 tornou-se astrólogo de Albrecht von Wallenstein em Zagan, na Silesia.

¹⁶¹ Id., ibidem, citando *Carta de J. KEPLER para Herwart von Hohenberg*, de 26-03-1598.

¹⁶² "CE-SC/IPB-2002-DOC. CCX - VOTO DE DISSENTIMENTO - Solicitamos registrar dissentimento quanto à decisão da CE/SC/IPB em sua Reunião Ordinária de 2002, que reconsiderou matéria - alegando nulidade que decidia pelo afastamento do cargo de membro da JURET/JMC [Junta Regional de Educação Teológica do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição] do presbítero que, documentalente, declarou não crer na inspiração da Palavra de Deus, ao afirmar que o relato da criação, narrado nos primeiros capítulos de Gênesis não é literal". Igreja presbiteriana do Brasil. *Digesto Presbiteriano 2001 - 2003*. Disponível na Internet. <http://www.executivaipb.com.br/Documentos/Digesto/Digesto%202001-2003.doc>. 29/01/2004.

E o próprio espírito da Reforma protestante parece ter se infundido nos pesquisadores da época, que demonstravam uma obstinação quase que devocionista à causa da objetiva verdade científica, considerando respeitosamente todas as opiniões dos "doutores da igreja", mas parecendo enxergar a interferência eclesiástica como algo tão nocivo quanto foi considerada a igualdade da Palavra de Deus com a Tradição por Martinho Lutero:

Muitas vezes os cientistas mostravam-se essencialmente mais protestantes do que os teólogos. Kepler foi um devotado luterano, mas a autoridade de Lutero não o levou a aceitar a interpretação luterana da eucaristia como sendo a única possível ou admissível. Esta mesma liberdade ele mantinha em questões científicas: "Santo é Lactâncio, que negava que a Terra fosse esférica; santo é Agostinho, que admitia a esfericidade da Terra, mas rejeitava a existência de antípodas; santo é o Ofício, que aceitou os antípodas, embora rejeite o movimento da Terra ... porém mais santa ainda para mim é a Verdade, que revela que a Terra é uma pequena esfera, que os antípodas existem, e que a Terra está em movimento".¹⁶⁴

Mas será certamente no âmbito da Ciência e Exegese bíblica que João Calvino se distingue, com sua equilibrada posição acerca da ciência e da Escritura, a despeito de alguns considerarem ser ele o pai do literalismo e do biblismo que veio a desenvolver-se no calvinismo tardio e alcançou a Teologia Reformada brasileira.¹⁶⁵ Parece que

¹⁶³ R. HOOYKAAS. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 145.

¹⁶⁴ Id., p. 146, citando J. KEPLER, *Astronomia Nova (1609)*, introdução.

¹⁶⁵ "Se os primeiros reformadores não adotaram como princípio orientador um rígido literalismo bíblico, podemos dizer, todavia, que Calvino usou do literalismo, deixou de fazer necessárias discriminações no apelo à autoridade dos escritores sagrados, e abriu o caminho que haveria de conduzir bem cedo o Protestantismo ao terreno que ele tem vivido longamente e largamente - o de um biblismo que não raro é comparável a uma verdadeira bibliolatria. E a Bíblia passou a ser um dos instrumentos do formalismo". Epaminondas Melo do AMARAL. *O Protestantismo e a Reforma*, p. 120.

tais fatos desmentem-se pela boca do próprio Calvino e de teólogos por ele influenciados:

O ponto de vista diametralmente oposto, que também fez uso de uma referência a Salomão, foi adotada pelo teólogo puritano John Wilkins, o qual, influenciado por Calvino, escreveu: "Seríamos felizes se pudéssemos isentar a Escritura de controvérsias filosóficas; se nos contentássemos em deixá-la ser perfeita dentro da finalidade para a qual foi concebida, como uma Regra de nossa Fé e Obediência, e não tentássemos transformá-la também em Juiz dessas Verdades Naturais que devem ser descobertas por intermédio de nossa própria Indústria e Experiência". O Espírito Santo poderia facilmente ter-nos informado sobre elas - no entanto, "Ele preferiu deixar que os filhos dos homens trilhassem esse caminho". Isto significa que Wilkins e outros como ele descartaram a Bíblia não como uma diretriz para a pesquisa científica, mas apenas como uma fonte de informação concreta.¹⁶⁶

João Calvino insistiu no fato de que a Bíblia não deveria ser vista como um livro científico ou com o intuito de informar cientificamente. Tal biblicismo, que é veementemente atacado por Epaminodas Melo do Amaral, não parece ter sua origem direta em Calvino, como ele crê¹⁶⁷:

Entretanto, a idéia do estabelecimento de uma ciência natural "bíblica" não teve uma aceitação geral entre os adeptos da Reforma. A idéia foi rejeitada por escritores influentes, tais como Ramus e Francis Bacon, Kepler e Wilkins. Na opinião de Bacon, buscar o "céus e a terra" na palavra de Deus era tentar encontrar coisas transitórias entre as eternas; procurar filosofia na divindade era como procurar os mortos entre os vivos. Em geral, o "biblicismo" dos cristãos protestantes não dizia respeito a assuntos científicos, e, ao buscarem os dados

¹⁶⁶ R. HOOYKAAS. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 150-151.

¹⁶⁷ "Dominados por esse literalismo é que tem surgido numerosos mestres, inflamados de orgulho e presunção, a manejar textos infalíveis à vontade, assim caricaturando a Reforma. Ele é que tem desenvolvido o espírito polêmico, provocado a fragmentação eclesiástica, e contribuído fartamente para que o espírito de vida, nas igrejas, fique abafado pela aridez religiosa. É como conseqüência desse formalismo - ou melhor, dessa bibliolatria - que alguns cristãos fazem das Escrituras verdadeiro ou mágico: ou sujeitando-as a acasos de sortes e expedientes, ou, como tem acontecido em meios incultos, rebaixando-as ao papel de simples amuleto". Epaminodas Melo do AMARAL. *O Protestantismo e a Reforma*, p. 121.

da ciência unicamente no livro da criação, eles seguiam o exemplo de um dos seus maiores mestres: João Calvino.¹⁶⁸

Ao contrário, João Calvino desenvolve a teoria de que Deus aproxima-se ao máximo dos homens ao revelar sua Palavra, assim como um pai fala com filhos pequeninos, buscando ao máximo ser compreendido.¹⁶⁹ Ele não via dificuldades entre aquilo que a astronomia, por exemplo, descobria e aquilo que a Bíblia relatava, pois a Bíblia dirigia-se ao povo e não aos doutores:

O motivo da diferença entre Moisés e os astrônomos era, em sua opinião, que Moisés escrevia de uma maneira popular, e descrevia tudo o que as pessoas comuns, dotadas de bom-senso, fossem capazes de compreender, enquanto os astrônomos investigam tudo o que a perspicácia da mente humana pode penetrar... A Bíblia era, portanto, um "livro para leigos"; "aquele que desejasse aprender astronomia, ou outras artes recônditas, que fosse a outros lugares".¹⁷⁰

Àqueles que ainda insistirem em enxergar em Calvino raízes literalistas que espelhariam um fundamentalismo posterior, recomenda-se cautela, pois o método interpretativo de Calvino não se presta a tais deduções, mesmo nos textos até hoje "polêmicos" no seio da IPB:

O sólido bom-senso de Calvino também fica patente quando ele interpreta as "águas acima do firmamento" do Gênesis 1 com sendo nuvens. Elas não são nem um oceano verdadeiro, como julgavam os literalistas, nem anjos, como queriam os exegetas alegóricos (como Orígenes): "Pois parece contrário ao bom-senso, e inacreditável mesmo, que houvesse água acima do firmamento". Calvino preferiu interpretar essas águas da mesma maneira "como os ignorantes e incultos teriam também percebido". Não acreditava que a autoridade da Escritura exigisse aceitação de princípios não-rationais, no que diz respeito à natureza: "a afirmação de alguns de que

¹⁶⁸ R. HOOYKAAS. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 151-152.

¹⁶⁹ Karen ARMSTRONG. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, cristianismo e islamismo*, p. 86.

¹⁷⁰ R. HOOYKAAS. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*, p. 153.

abraçam pela fé o que aqui leram a respeito de águas acima do firmamento, embora o seu entendimento não o alcance, não está de acordo com os desígnios de Moisés".¹⁷¹

Nessa área da relação com a ciência, portanto, a Teologia Reformada brasileira teria muito que aprender de João Calvino e mesmo dos puritanos, homens de seu tempo e que, sem desmerecer a piedade e a fé reformada, não se preocuparam em tornar-se apologetas da Palavra de Deus em relação à ciência, mas demonstraram uma maturidade invejável na compreensão dos propósitos da Bíblia e nos propósitos da Ciência:

É meritório para Calvino que, embora reconhecendo a discrepância entre o texto bíblico e o sistema científico do universo em sua época, não tenha repudiado, em razão disso, as conclusões da pesquisa científica. Portanto, já que o sistema aristotélico ou ptolomaico, embora não presente na Bíblia, pode, não obstante, ser verdadeiro, as tentativas de encontrar na Bíblia os argumentos para rejeitar outros sistemas astronômicos perdem todo o valor. É possível, então, admitir também que o sistema de Copérnico seja verdadeiro, embora não esteja na Bíblia.¹⁷²

2.5 Conclusão: "neopuritanismo"

A investigação da relação de um homem com o movimento que toma seu nome levará a interessantes conclusões, que devem refletir a impossibilidade óbvia de uma continuidade plena. Alguns homens possuem em seu pensamento e atitudes as condições de impulsionar processos históricos da maior relevância, e João Calvino parece ter sido um destes homens.¹⁷³ O estudo da relação entre Calvino e os calvinistas, em particular com o desenrolar desta tradição mundo afora até o nosso país, pelas vias já contempladas,

¹⁷¹ Id., p. 154.

¹⁷² Id., p. 156-157.

¹⁷³ Alister E. McGRATH. *A Life of John Calvin*, p. 204.

deixa claro que a pretensão de uma ligação mais plena com o reformador de Genebra e seus posicionamentos e práticas é uma pretensão que nem os genebrinos de hoje poderiam ter, quanto mais brasileiros¹⁷⁴:

Herdeiros da Reforma! Tomado da maioria das constituições eclesiásticas protestantes, este título encerra antes de mais nada, uma indagação: somos ainda os herdeiros e os continuadores da Reforma do século XVI? Ao afirmar que sim, temos, quase todos, a convicção íntima de que o fazemos de toda boa consciência. Do ponto de vista da continuidade no tempo, essa filiação é, sem dúvida, verdadeira. Mas se invocarmos esse argumento, nossa convicção não difere muito do dogma católico da sucessão apostólica. Já os judeus usavam desse tipo de raciocínio: "Temos Abraão por pai" (Mt 3.9). A verdadeira correspondência entre nossa fé e a dos reformadores é, acaso, tão evidente e segura que se possa considerar desde logo supérflua qualquer verificação a respeito?¹⁷⁵

O que denota e caracteriza de forma insistente o "neopuritanismo" da Teologia Reformada brasileira, que tanto apego tem ao movimento puritano a ponto de organismos importantes da IPB assim se denominarem em pleno século XX?¹⁷⁶ Os "neopuritanos" da IPB estão convencidos de que o puritanismo não só é herdeiro pleno de toda a tradição de João Calvino,¹⁷⁷ como que ainda a melhorou, como já vimos. O "neopuritanismo" tem relacionado fé reformada e movimento puritano como

¹⁷⁴ Gerson Correia de LACERDA. *O Presbiterianismo brasileiro* In John H. LEITH, *A tradição Reformada*, p. 81, Apêndice B.

¹⁷⁵ Jacques de SENARCLENS. *Herdeiros da Reforma*. São Paulo: ASTE, 1970, p. 13.

¹⁷⁶ O Jornal Oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil teve como nome "O Puritano" Em 08 de Junho de 1889 "O Puritano" começa a ser editado. Circulou até 1958, quando foi sucedido pelo "Brasil Presbiteriano".

¹⁷⁷ A ARPAV – Associação Reformada Palavra da Verdade é uma instituição confessional reformada, ligada à Igreja Presbiteriana Central do Pará. O propósito da instituição é a promoção do Reino de Deus no Brasil, particularmente na cidade de Belém, onde está sediada, por meio da proclamação e ensino da Palavra de Deus, conforme historicamente interpretada pela Reforma Protestante do Século XVI, pelo Movimento Puritano no século seguinte, e pelos legítimos herdeiros da fé reformada, desde então. Disponível na Internet. <http://www.geocities.com/arpav/>. 29 de Janeiro de 2004.

indissolúveis, e possui instituições, organismos e encontros para promover tais idéias e convicções:

A Igreja Presbiteriana Central do Pará, a Associação Reformada Palavra da Verdade e o Centro de Estudos John Knox têm a satisfação de convidá-lo(a) para participar da *IV Conferência Reformada ARPAV*, a ser realizada em Belém, nos dias 28 de Junho a 01 de Julho de 2001. Para esta *IV Conferência Reformada ARPAV*, estamos organizando novamente em Belém, o *Simpósio Os Puritanos*, realizado há dez anos em São Paulo, com a presença de preletores reformados brasileiros e estrangeiros de reconhecida erudição e fidelidade à Palavra de Deus. O *Projeto Os Puritanos*, além de realizar este simpósio anual, publica uma revista bimensal de circulação nacional e livros de autores reformados nacionais e estrangeiros. As publicações da *Editora Os Puritanos* e de outras editoras reformadas, como a Editora FIEL, PES, Cultura Cristã e Paracléticos estarão disponíveis para compra, a preços bastante razoáveis por ocasião da Conferência.

A ARPAV é uma instituição religiosa confessional reformada ligada à *Igreja Presbiteriana Central do Pará*. Além da realização dessas conferências reformadas, a ARPAV atua na área educacional, como entidade mantenedora do *Centro de Estudos John Knox*, cooperando com a FITRef - *Faculdade Internacional de Teologia Reformada*, e na divulgação de literatura reformada. Por ocasião do congresso estaremos inaugurando as novas instalações da nossa livraria. Para maiores informações sobre as atividades da ARPAV, da *Igreja Presbiteriana Central do Pará* e do *Centro de Estudos John Knox*, consulte nossa home-page: www.arpav.org e da FITRef: www.fitref.org O propósito do *Projeto Os Puritanos*, da ARPAV e da FITRef, é a promoção do reino de Deus no nosso país, por meio do ensino da Palavra de Deus e divulgação da fé reformada.

A *IV Conferência ARPAV/Os Puritanos* contará com a participação de um preletor brasileiro e dois norte-

americanos. Todos eles reconhecidos pela erudição e fidelidade à Palavra de Deus e à fé reformada.¹⁷⁸

O que marca os "neopuritanos" é a recusa de aceitar que tenham modificado, devido às circunstâncias e a ênfase histórica do momento, uma só vírgula do ensino de João Calvino e dos próprios puritanos. E, apesar de considerarem Calvino como matriz, quando falam de retorno às origens é aos puritanos que se referem, e não aos ensinamentos do reformador de Genebra. Aqueles que, criticamente, demonstram as divergências entre Calvino, calvinistas e puritanos, são tratados como provocadores e heterodoxos em sua visão, como já vimos.¹⁷⁹

Os malabarismos que têm sido feitos através dos séculos para conformar o ensino de Calvino ao próprio calvinismo e puritanismo, como vimos na questão do infra e supralapsarianismo, bem como na questão da amplitude dos decretos, deixam claro uma compreensão do que é ser discípulo ligada ao literalismo, marca aliás, do biblismo tão condenado por Epaminondas Melo do Amaral. Para os "neopuritanos", a imitação parece ser superior à adequação. O apego a uma inerrância por vezes quase cega, que leva a conclusões inadequadas, que não se encaixam no que seria o âmbito de uma contracultura, a ensinar valores

¹⁷⁸ IV Conferência Reformada ARPAV/ Os Puritanos. Disponível na Internet. <http://www.geocities.com/Athens/Aegean/3189/conferencia01.htm>. 29 de Janeiro de 2004.

¹⁷⁹ Franklin FERREIRA. *O Movimento Puritano e João Calvino*, p. 33, 34.

a uma sociedade corrompida, mas em contra-sensos, por vezes perigosos:

AG-1912-017 - Dia do Senhor - 1) A responsabilidade recai sobre os conselhos quando se trata de membros da Igreja ou de pessoas que desejam professar a sua fé, e sobre o Presbitério quando se trata de ministros. Os princípios que nos devem governar acham-se nas perguntas 57 a 62 do Breve Catecismo e no Catecismo Maior 116 a 121. De conformidade com estes princípios todos os casos devem ser resolvidos. Sin. 1900-033. 2) Recomendar aos conselhos das igrejas que tenham em consideração o que dizem os nossos símbolos de fé, nas respostas às perguntas 116 a 121 do Catecismo Maior. AG-1912-017. 3) Recomendar aos ministros que pelo púlpito e pela imprensa combatam energicamente as eleições aos domingos. AG-1912-019. 4) Recomendar aos membros da Igreja que sejam eleitores, abstenham de concorrer às eleições no domingo. AG-1915-023. 5) Os ministros da Igreja não devem descuidar-se da santificação do domingo, particularmente sobre eleições. A firmeza de convicções e de procedimento neste particular ser mais forte elemento de que podemos dispor para conseguir esta reforma: à cessação de eleições em domingo. AG-1915-023. 6) O SC/IPB, consultado responde: a Palavra de Deus, os símbolos de fé e a disciplina são bastante claros sobre o assunto. AG-1918-023. 7) Não é da alçada do Supremo Concílio proibir que os crentes votem no Dia do Senhor, porquanto a índole da Reforma não se coaduna com a feitura de um índice purgatório. Todavia julga tal prática uma transgressão do referido dia e acha que a ação do púlpito deve levar a consciência cristã a evitar voluntariamente o voto nesse dia. AG-1922-036. 8) Os crentes não deverão correr às urnas para votar, no dia do Senhor, senão quando as suas consciências testificarem diante de Deus que, por esse ato, não estão quebrando a guarda do Dia do Senhor. AG-1926-028. 9) A profanação do Dia do Senhor pode ser feita por meio de jogos e diversões que, apesar de inocentes noutros dias, são incompatíveis com o repouso e santidade do dia do Senhor. AG-1930-033. 10) a) A guarda do dia do Senhor é matéria resolvida pela própria Escritura. É um dos sinais públicos de conversão e de obediência, mesmo com sacrifício, aos mandamentos da lei de Deus. b) Não é compatível com a profissão de fé do Evangelho que um comerciante crente abra seu estabelecimento no domingo, porque é quebra evidente da lei divina. c) Nos casos de necessidade real ou de obra de beneficência o serviço do crente no dia do Senhor pode e deve ser resolvido à luz de sua consciência e com o auxílio fraternal do Conselho da Igreja. SC-1938-022.¹⁸⁰

É assim também com relação à cultura, e mesmo a ciência. Sem contemporizações e, por vezes, sem bom senso

¹⁸⁰ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1951 - 1960*, p. 6.

e compreensão do valor social e da cultura local, mesmo quando está em jogo o sustento de uma família:

'O Sr. Blackford da parte da comissão encarregada de visitar o Sr. Cassiano Gomes de Castro Junior participou que em uma entrevista com o dito Sr. Ele confessou que era verdade estar ele empregado na música da Polícia na Cidade da Bahia, onde tem de trabalhar nos Domingos, tocar em festas da Igreja Romana e funçanatas mundanas, e disse que por causa disto não podia freqüentar os cultos. Mostrou-se inteiramente indiferente às admoestações e ponderações que lhe foram feitas no sentido de seus deveres e compromissos para com a Igreja; respondendo que por ora não havia remédio". Cassiano foi suspenso da comunhão 'até que ele se arrependa destas suas faltas e dê a devida satisfação ou até que haja ulterior resolução a respeito'. (Actas da Igreja Evangélica Presbyteriana da Cachoeira da Província da Bahia, 9.7.1887).¹⁸¹

Mas e João Calvino e sua amizade com os humanistas? E os cientistas puritanos que não confundiam suas descobertas com dogmas? Por que os "neopuritanos" não buscam essa semelhança com aqueles de quem dizem ser herdeiros? Ninguém exige, e nem poderia exigir fidelidade absoluta de protestantes de um país da América Latina aos valores da Reforma ocorrida há praticamente 500 anos, num outro continente e em outra cultura, mas os "neopuritano"s parecem ter escolhido o caminho do literalismo em todas as suas formas, inclusive nas colocações e no sentido de cada postura que, tendo sentido numa época, talvez não possua hoje. O caminho para o protestantismo reformado brasileiro seria descobrir um meio de interagir e alcançar "a mente dos brasileiros", como um dia almejaram Ashbel Green Simonton e José Manoel da Conceição¹⁸². Ser calvinista ou puritano será, então, ter a mesma relevância e ressonância que tais movimentos tiveram em seu tempo, não apenas copiá-los "ipsis literis". No próximo capítulo, buscaremos um contraponto com um dos homens que tentou isto: Richard Shaul.

¹⁸¹ Boanerges RIBEIRO. Protestantismo e Cultura Brasileira, p. 167,168.

¹⁸² Boanerges RIBEIRO. Protestantismo e Cultura Brasileira, p. 53.

Capítulo 3. O contraponto: cotejando a visão eclesiológica de Ashbel Green Simonton e Richard Shaul em busca de alternativas

3.1 Introdução

Ao pensar em que referenciais poderiam ser úteis para comprovar que uma outra forma de ser reformado é possível no Brasil, diferente da "neopuritana", o nome de Richard Shaul surge quase que de imediato. Minha geração não teve convívio com ele, mas acho importante enfatizar que "descobri" Shaul através da Dissertação de Mestrado de meu professor de História da Igreja no Seminário Presbiteriano do Sul, Héleron Silva¹⁸³, bem como das reminiscências e relatos de seu (de Shaul) amigo, companheiro missionário e professor do Seminário Presbiteriano do Sul na década de 50, Rev. Floyd Eugene Grady.

Milard Richard Shaul nasceu em Felton, York County, ao sul da Pensilvânia, em 24 de Novembro de 1919, numa família agrária e simples. Era um "lar calvinista."¹⁸⁴

Em 1952, chega ao Brasil oriundo do Princeton Theological Seminary, Doutor em Teologia e com uma relativa experiência missionária anterior na América Latina, na Colômbia. Shaul vem para ensinar, não plantar uma Igreja. Declara que nunca pode se identificar com os que fazem da fé uma religião de salvação, pois esta religião era parte de sua vida, desenvolvida numa sólida família calvinista, atingida e empobrecida ao extremo pela

¹⁸³ Héleron da SILVA. *A Era do Furacão: História Contemporânea da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

¹⁸⁴ Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*, p. 21.

grande depressão, quando Shaul1 tinha dez anos de idade, o que fez com que aprendesse a conviver com duras situações que determinariam todo o curso de sua vida, não apagando da memória este período duro de sua vida, mas fazendo dele uma alavanca para sua ação como cristão:

Essa experiência afetou profundamente a minha vida e misturou-se à minha experiência religiosa. Desenvolvi uma grande sensibilidade para com o sofrimento dos pobres onde quer que estivessem. Era intolerante para com injustiças e exploração. A minha vida religiosa tornou-se assim decisivamente orientada para o social. Tornei-me apaixonadamente comprometido em fazer tudo ao meu alcance para transformar o mundo¹⁸⁵

Chegando ao Brasil, Shaul1 fascina-se com o aquilo que ele considerava o "limiar de uma nova era",¹⁸⁶ a suposta irrupção social que poderia ocorrer a qualquer momento. Após uma experiência rica, mas relativamente frustrante na Colômbia, ele está sedento para aplicar aquilo que aprendeu principalmente com Paul Lehmann, amigo íntimo de Dietrich Bonhoeffer e colega de Karl Barth. Com ele, Shaul1 declara ter aprendido a pensar teologicamente, bem como compreender que "a teologia neo - ortodoxa que havia aprendido poderia transformar-se numa força poderosa para analisar as mudanças sociais e poder participar delas".¹⁸⁷

Desde sua primeira formação, ainda na Pensilvânia, em Sociologia, seu interesse esteve centrado em aspectos sociais. Sua experiência na Colômbia, se por um lado frustrante no aspecto de realizações plenas, aguçou ainda mais seu interesse por aquilo que ele fareja na América Latina como um todo e chama de "Revolução Social". Para ele, este movimento é um pouco autóctone, derivado de uma reação ao colonialismo de séculos, particularmente na

¹⁸⁵ Richard SHAULL. *De dentro do furacão: Richard Shaul1 e os primórdios da Teologia da Libertação*, p. 185.

¹⁸⁶ Ibid, p. 184

¹⁸⁷ Ibid, p. 188

América Latina. A concentração de poder e renda é, para ele, a razão maior da eclosão desta revolução:

A não ser na América Latina, a luta anticolonialista começa, agora, a perder o seu vigor. Contudo, a luta das nações fracas e pobres por uma oportunidade de participar mais plenamente da vida internacional e das riquezas de um mundo interdependente está apenas começando.¹⁸⁸

Rápidas transformações sociais são a marca deste novo tempo do qual Shaul crê ser testemunha. Mais do que testemunha, ele deseja tornar-se um profeta, pois o cristianismo precisa identificar-se com as massas sofredoras. Por isso, não adianta atacar o comunismo, pois, segundo Shaul, é ele "que tem tomado a dianteira na luta contra a injustiça e contra a exploração, ao passo que nós temos vivido gozando complacentemente das coisas boas da terra".¹⁸⁹ Aos americanos, ele explica que não adianta olhar para as convulsões sociais no terceiro mundo explorado e vislumbrar o comunismo como causa do problema, pois isto é um engano: é preciso que se reconheça a revolução como uma realidade global, que Shaul crê ser a primeira e verdadeira revolução mundial na história. O cristianismo precisa engajar-se nela, ou será irrelevante:

É também a primeira vez que, em todos os lugares e em todas as instituições, simultaneamente, se faz sentir inadequação e inadaptação. Não foi o comunismo que causou a revolução, mas ele nasceu como um dos mais sérios esforços para compreender e controlar a revolução e se apresentou como uma das mais poderosas forças mundiais, que se impôs, deliberadamente, a tarefa de dirigir a revolução. Qualquer movimento político ou religioso que espera agir com relevância ou exercer influência decisiva em nossos dias precisa compreender essa revolução e procurar dar a ela melhores respostas do que o faz o comunismo¹⁹⁰.

¹⁸⁸ Richard SHAULL. *As transformações profundas à luz de uma Teologia Evangélica*, p. 12.

¹⁸⁹ Richard SHAULL. *O Cristianismo e a Revolução Social*. p. 51.

Este pendor revolucionário e inconformista, ao mesmo tempo que marca a influência de Shauli sobre toda uma geração, determina a intolerância para com suas idéias por parte da liderança da IPB, que também passava por "rápidas transformações" na época de Shauli, mas em sentido oposto, caminhando para um isolacionismo que não poderia conviver com pessoas como Shauli e aqueles que se tornaram seus discípulos.¹⁹¹

Ao buscar-se um cotejamento entre Shauli e Simonton, não se irá ignorar o abismo temporal e histórico-social que os separa, mas creio que as observações de Shauli sobre Simonton ajudam a perceber que, apesar de banhado no puritanismo avivalista americano, o primeiro missionário tinha visões eclesiológicas e sonhos para a igreja que plantava que, se fossem apenas continuados, teriam chance de produzir um reflexo diferente da Teologia Reformada sobre o Brasil. Talvez aí tenha se dado a ruptura que precisa ser redescoberta e religada.

3.2 Simonton e Shauli: visões eclesiológicas

Diante de um necessário contraponto, a partir da valorosa contribuição de Richard Shauli à teologia não apenas reformada, mas brasileira, a herança de João Calvino, do Calvinismo e do Puritanismo poderá ser mais bem compreendida no desenvolvimento e pensamento de uma Teologia Reformada brasileira se buscarmos compreender que eclesiologia foi para cá trazida desde o início do estabelecimento daquilo que viria a ser a IPB¹⁹² para isso,

¹⁹⁰ Richard SHAULL. *De dentro do furacão: Richard Shauli e os primórdios da Teologia da Libertação*, p. 54.

¹⁹¹ Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shauli e a Teologia no Brasil*, p. 139-142.

¹⁹² "No domingo, dia 12, celebramos a Ceia do Senhor, recebendo por profissão de fé Henry E. Milford e Camilo Cardoso de Jesus. Assim foi a nossa organização em igreja de Jesus Cristo no

lançaremos mão de conhecer um pouco da vida, formação e influências recebidas pelo Rev. Ashbel Green Simonton, ajudados inclusive por Richard Shaul. Começando pela vida:

Simonton nasceu no dia 20 de janeiro de 1833 em West Hanouver, Condado de Dauphin, no sul da Pensilvânia. Seu nome foi uma homenagem ao Rev. Ashbel Green, líder presbiteriano e presidente do colégio de Nova Jersey, a futura universidade de Princeton. O menino era filho mais novo do Dr. William Simonton, um médico presbiteriano de ascendência escocesa-irlandesa, que por duas vezes foi eleito para o Congresso dos Estados Unidos. Sua esposa, Martha Davis Snodgrass, era filha do Rev. James Snodgrass, que por 58 anos pastoreou uma Igreja Presbiteriana daquela região.¹⁹³

Assim, o implantador daquela que é hoje a maior Igreja Reformada da América Latina era alguém cujo fervor missionário despertou através de influências avivalistas¹⁹⁴:

Brasil. Foi uma ocasião de alegria e prazer. Muito antes que minha pequena fé esperava, Deus permitiu-nos ver a colheita dos primeiros frutos de nossa missão. Senti-me agradecido, de certa maneira, mas não tanto como deveria sentir-me. A comunhão foi ministrada pelo Sr. Schneider e eu, em inglês e português. O Sr. Cardoso, a seu próprio pedido e de acordo com o que nós também julgamos melhor depois de muito pensar e hesitar, foi batizado. Seu exame foi bastante satisfatório para o Sr. Schneider e para mim, e não deixou dúvidas quanto à realidade de sua conversão." Alderi Souza de MATOS (organizador). *O Diário de Simonton 1852-1866*, p. 152.

¹⁹³

Id., p. 8.

¹⁹⁴

"10 de março de 1855. Nestes últimos dois meses tem-se manifestado intenso interesse religioso nas várias igrejas da cidade. Isso está ocorrendo especialmente nas igrejas metodistas e luteranas, nas quais tem havido constantes reuniões nas últimas duas ou três semanas e grande número de pessoas tem-se confessado pecadoras diante de Deus. Em nossa igreja vários se uniram à comunhão nas duas últimas reuniões, e nesta semana há reuniões todas as noites. Anteontem convidaram-se os interessados na salvação da própria alma, que quisessem conversar sobre o assunto, a ficar mais tempo, e um bom número ficou. Ontem novamente foi feito o convite e considerei meu dever ficar, juntamente com mais umas vinte pessoas. É um passo importante e, creio, um passo na direção certa. Religião é um assunto importante, infinitamente mais importante que qualquer outro que atraia a nossa atenção. Sempre acreditei e entendi assim e inúmeras vezes também o tenho sentido. Já vivi o bastante e também já refleti muito; sei que não se trata apenas de ser a eternidade maior que o tempo (e por isso o eterno é mais importante que o temporal), mas que também nesta vida ser cristão é mais alta sabedoria, e tentar satisfazer a alma

Poucas semanas mais tarde, ao completar vinte e dois anos, Simonton preocupava-se por ainda não ter fixado o objetivo da sua existência. Em pouco tempo, tais dúvidas seriam dissipadas por um grande *reavivamento religioso* ocorrido em sua região. Há mais de um século, desde o tempo dos puritanos da Nova Inglaterra, o fenômeno dos avivamentos havia se tornado uma característica marcante do protestantismo norte-americano. Esses avivamentos, que surgiam periodicamente em diferentes lugares, geravam um grande interesse por questões de ordem espiritual em indivíduos, igrejas e comunidades inteiras.¹⁹⁵

As dificuldades de Simonton com o catolicismo já existiam desde os E.U.A., conforme podemos perceber num relato que faz em seu diário de 22 de Setembro de 1854:

Enquanto olhava esse espetáculo (Simonton aqui se refere a uma missa católica que assistia nos E.U.A. - nota

imortal com honrarias ou riquezas do mundo é a suprema insensatez. Todas as vezes que essas reflexões ocuparam a minha mente, eu desejei ser um cristão. Houve ocasiões em que debilmente resolvi e tentei ser o que devia. Dediquei-me à oração pessoal e à leitura da Bíblia, e continuei por longo tempo. Durante o reavivamento em Princeton, senti-me interessado e esforcei-me para aumentar meu interesse no amor do Salvador. Mas logo o sentimento passou e fiquei como antes, ou pior. Agora, quando as reuniões tiveram início e eu vi outros tratando da salvação de sua alma imortal, decidi, confiado nas promessas da Palavra de Deus, fazer um esforço honesto; se fracassar, estou liquidado. Não me sinto desusadamente emocionado, e a melhor prova que tenho de que o Espírito de Deus está trabalhando em mim é o fato de que me levou a esta resolução. Meu objetivo quando permaneci foi principalmente fazer a declaração pública de minha intenção de colocar-me ao lado do Senhor e abafar o orgulho teimoso que me impedia de fazê-lo. Foi o que fiz, e agora, confiando nas promessas de Deus, orarei para ter forças, prosseguir e cumprir o meu dever. Esperei quieto durante muito tempo para ser convertido; agora resolvi, na força por Deus prometida, marchar em frente e me esforçar para servi-Lo, brilhe ou não a luz em meu caminho; vou confessar diante dos homens meu desejo e resolução de abandonar o mundo e procurar participar do sangue expiatório do Salvador. Outros choram seus pecados, mas eu não posso, apesar de estar convencido de que minha culpa é tão arraigada como uma mancha. Embora tenha compreensão intelectual firme e clara de minha condição, meu coração está insensível. Certamente isso significa, na linguagem expressiva da Escritura, ter um coração de pedra. Mas como não se exige um grau específico de emoção para que o pecador seja salvo, e como a promessa é que "aqueles que fazem minha vontade me conhecerão", estou resolvido a perseverar até a luz brilhar no meu caminho. Alderi Souza de MATOS (organizador). *O Diário de Simonton 1852-1866*, p. 82-83.

195

Alderi Souza de MATOS. *Simonton e as bases do presbiterianismo no Brasil*. Disponível na Internet. <http://www.academiacalvinia.com.br/Arquivos/Simonton.htm>. 30/11/2003.

explicativa do autor da dissertação) de devoção cega, fiquei refletindo sobre suas causas e significado. Uma coisa me pareceu evidente: o homem é um animal religioso. Tem consciência de sua própria fraqueza e é-lhe tão natural sentir-se dependente do cuidado e direção de um poder superior, como o sente a criança em relação a seu pai. Além desse sentimento comum aos seres humanos, existe o sentimento de culpa. Há um monitor em cada peito, alertando que o homem ofendeu esse Ser do qual é dependente e da necessidade de aplacá-lo. Ora, a religião católica atende ou tenta atender a esses dois sentimentos e posso muito bem entender seu poder, quando as pessoas realmente crêem nela. Posso perceber porque para determinadas mentalidades a fé católica é mais satisfatória que a protestante. Uma das razões é esta: diferentemente da protestante, ela não coloca a alma consciente de culpa diretamente na presença de um Deus irado, para ali deixá-la sobrecarregada de sua responsabilidade individual e pessoal. Entre Deus e o homem, e no largo abismo que os separa, está o sacerdócio; o preço do favor divino é a obediência aos sacerdotes. Eles assumem a responsabilidade, mediam entre o homem e seu verdadeiro Mediador. Que poder deve ter esta religião quando sinceramente crida! Em troca da obediência cega, alivia o homem de suas enormes responsabilidades diante de Deus.¹⁹⁶

Segundo Eduardo Galasso Faria, o presbiterianismo que Simonton traz ao Brasil apresenta um modelo eclesiológico que é fruto do desalento sofrido pela igreja americana após a Guerra de Secessão (1861-1865), após ter se identificado com o ideário liberal. Passa-se a buscar uma igreja mais "espiritual", com ênfase pré-milenarista, já que o Reino de Deus parece não se cumprir na História, com ênfase no indivíduo e no individualismo, que cria que ao converter-se o indivíduo, a sociedade se converteria, gerando um forte dualismo que foi capaz de afastar o crente do "mundo" em todos os sentidos, gerando uma ética social e comportamental muitas vezes alienada.¹⁹⁷

Na verdade, o que se percebe é que a influência do calvinismo de Beza e Perkins aqui se faz mais uma vez presente. Simonton tinha uma preocupação quase doentia com

¹⁹⁶ Alderi Souza de MATOS (organizador). *O Diário de Simonton 1852-1866*, p. 79.

¹⁹⁷ Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*, p. 161, 162.

sua vida espiritual e piedade, que obviamente foram transplantadas para a igreja nascente:

Tive novas experiências de minha fraqueza e impotência, e necessidade da graça divina. Estou buscando experiências mais profundas das coisas divinas. Preciso cultivar minha própria piedade, ou nada poderei fazer pelos outros. Sou tão vazio de amor a Cristo e ódio ao pecado que temo haver algo errado comigo - e que pouco poderei fazer aqui. Deus é santo e eu não sou. Irá ele usar tal instrumento? ¹⁹⁸

Será interessante ver Richard Shaul, missionário americano vindo ao mesmo país cerca de um século depois, analisar a implantação da IPB e a eclesiologia de Simonton, análise que mesmo feita com todo cuidado, por ocasião do centenário do presbiterianismo no Brasil (1959), acabou sendo o estopim dos problemas com a liderança da IPB e do Seminário.¹⁹⁹

Shaul não considera Simonton equivocado ou despreparado, mas antes acrescenta que "suas limitações são as limitações do Calvinismo predominante em seu tempo".²⁰⁰ Não quer também julgá-lo, pois obviamente tem uma perspectiva que não seria possível a Simonton naquela época.²⁰¹ Aliás, o fato é que Simonton demonstra um discernimento quanto ao futuro da igreja que, se tivesse sido tomado também por seus seguidores na obra missionária, pouparia dissabores e mesmo uma divisão, como a que ocorreu em 1903²⁰²:

¹⁹⁸ Alderi Souza de MATOS. *O Diário de Simonton 1852-1866*, p. 130.

¹⁹⁹ "Essas idéias de Shaul, portanto, representavam uma crítica em relação à igreja e seus venerados fundadores e logo despertaram a indignação de muitos. Entre os missionários norte-americanos e os líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil interpelações começaram a ser feitas e se tornaram denúncias, sendo apresentadas em reuniões do próprio Supremo Concílio". Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*, p. 170, 171.

²⁰⁰ Id., p. 166, citando artigo de Richard Shaul "Ashbel Green Simonton, a Calvinist in Brazil".

²⁰¹ Id., *ibidem*.

²⁰² Em 1903, após o início da assembléia geral do Sínodo, Eduardo Carlos Pereira lidera um grupo que se retira, por discordâncias

Nesse interesse fundamental em cultivar uma via congregacional poderosa, Shaul viiu um dos elementos essenciais para o progresso da obra missionária. Uma de suas preocupações foi com o desenvolvimento de estruturas eclesiais apropriadas. Mas o que Simonton fez foi simplesmente importar, sem críticas, estruturas que mais tarde trariam sérios problemas. Atenção especial foi dada à formação de um ministério bem preparado, com pastores nacionais, para liderar a igreja. Com um discernimento pouco comum, Simonton percebeu que a obra dos missionários estrangeiros teria de ser temporal e de importância para o desenvolvimento da igreja. Em suas palavras: "Se esses obreiros vêm de países estrangeiros, são obrigados a aprender uma nova língua e se adaptar aos costumes de um novo país. Este fato em si nos faz crer que a maior parte dos obreiros tem de ser deste país".²⁰³

A principal crítica de Shaul a Simonton é a sua falta de envolvimento em relação às questões sociais, políticas e mesmo culturais. Em seu Diário Simonton fala muito sobre tais questões, o que tem impressionado historiadores atuais:

Uma das principais considerações que tinha em mente era que, qualquer que fosse a vocação a seguir, ele devia exercê-la com um forte senso de responsabilidade social. Essa preocupação é claramente vista em uma tocante passagem do seu *Diário* em que ele se preocupa com a situação dos pobres nas vésperas do Natal de 1854. Diz ele: "Neste inverno provavelmente haverá mais sofrimentos entre as classes pobres do que jamais houve. Milhares de trabalhadores já foram despedidos nas cidades e nos aglomerados industriais; os aluguéis e a comida estão caros... o carvão custa mais que nunca. Se o inverno todo for tão severo como em dezembro, muita gente vai sofrer muito".²⁰⁴

metodológicas e teológicas quanto à condução da igreja que envolvia principalmente o domínio americano. A questão maçônica também colabora para o impasse. Surge então a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB). Júlio Andrade FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil - volume I*, p. 578 - 580.

²⁰³ Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*, p. 167.

²⁰⁴ Alderi Souza de MATOS. Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil. Disponível na Internet. <http://www.academiacalvinia.com.br/Arquivos/Simonton.htm>. 30 de Novembro de 2003.

Shaul, contudo, não se impressionava com meros escritos. Esperava uma ação mais profética e direta, e creu não a encontrar porque a rejeição puritana do mundo e suas mazelas, na mente do missionário do século XIX, não se misturavam com a pregação da palavra e impossibilitou qualquer compreensão maior da missão da igreja e responsabilidade social:

Uma outra questão referia-se à relação entre evangelho, igreja e mundo, nessa experiência inicial do protestantismo. E o que aconteceu foi uma mistura de preocupação calvinista com o mundo e, ao mesmo tempo, uma rejeição pietista do mesmo. Em seu *Diário*, Simonton se mostrou bastante preocupado com questões políticas, o problema da escravidão e da guerra civil nos Estados Unidos. Orava pensando nesses problemas, mas, em seus sermões, não abordava esses assuntos e a ênfase era posta apenas na salvação do indivíduo. Não se preocupou com o que ocorria na política brasileira e nem com a relação entre o evangelho e os problemas sociais.²⁰⁵

O que para Shaul é defeito, para Boanerges Ribeiro é qualidade, numa discordância significativa:

Não se visa a uma reforma na organização social; vai funcionar no seio da sociedade brasileira um subgrupo religioso de cujo comportamento e propagação, espera-se, poderá resultar eventualmente a reforma de toda sociedade. Propõe-se uma conversão religiosa de indivíduos que, em consequência, passarão a ser forasteiros e peregrinos na própria pátria e entre os de sua parentela, integrantes de novo grupo ilhado e, até onde possível, auto-suficiente. (...) Simonton é republicano entusiasta, mas não está no Brasil para subverter a monarquia; é antiescravagista visceral, e não faz segredo disso, mas não vai dedicar-se à campanha abolicionista no País. Ele visa à inserção no sistema religioso brasileiro de uma nova denominação integrada por pessoas que tenham experiência pessoal de que Deus perdoou seus pecados porque creram em Cristo.²⁰⁶

²⁰⁵ Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*, p. 169,170.

²⁰⁶ Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 26, 27.

Uma eclesiologia calvinista, para Shaul, poderia ter uma importância sem igual para o Brasil, se ela não significasse a mera cópia de atitudes ou idéias de João Calvino e seus seguidores, mas fossem buscadas as raízes e a essência do que havia levado tais homens a agir como agiram. O retorno, portanto, não era apenas a uma pessoa ou uma época, ou a um "grande momento", mas à relevância propiciada pela ação corajosa do passado no presente:

O pensamento de Calvino podia "ter importância nevrálgica em nossa época". Isso porque havia uma "semelhança entre o século XVI e o nosso" e ele encontrou, na Palavra de Deus, o sentido da resposta para os problemas dos seus dias, expressando isso em "novas formas de vida para o homem e para a comunidade cristã, transformando, desta maneira, o evangelho numa força dinâmica e criativa no mundo moderno". Mas não podemos simplesmente voltar a Calvino: "temos diante de nós uma tarefa muito mais difícil e ao mesmo tempo mais criativa - a de procurar fazer para nosso tempo o que Calvino fez para o seu".²⁰⁷

No decorrer de seus estudos Shaul descobre que a Teologia de Calvino "era diferente do que tinha encontrado em Berkhof, Hodge e Strong".²⁰⁸ Ele estava convencido de que Calvino, diferentemente de Lutero, preocupava-se com que a fé cristã estivesse relacionada "com todos os aspectos da vida humana, as estruturas mais adequadas à vida da igreja e da sociedade".²⁰⁹ Ele baseia suas conclusões naquilo que enxergou ter Calvino realizado em Genebra:

(...) procurando descobrir como o evangelho de Cristo poderia contribuir para a criação das formas mais adequadas da vida social, econômica e política da cidade. E isto se demonstra (...) com o seu interesse pelos refugiados, o seu desenvolvimento de diaconato na igreja para atender às necessidades materiais do povo, daquilo que ele fez para melhorar a vida econômica de Genebra e, entre outras coisas, o estabelecimento do primeiro centro

²⁰⁷ Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*, p. 189.

²⁰⁸ Id., *Ibidem*.

²⁰⁹ Id., *Ibidem*.

de medicina, com serviço médico oferecido gratuitamente a todos os cidadãos.²¹⁰

Resumindo as duas visões eclesiológicas, Simonton baseava-se na máxima já citada: converta-se o homem e a sociedade se converterá. Sua base é individualista e altamente conversionista, típica das influências avivalistas que recebeu nos E.U.A. e que o convenceram a vir para o Brasil, como se pode perceber enfaticamente em trechos de um documento intitulado "Os meios necessários e próprios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil", encaminhado e lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro no dia 16 de Julho de 1867:

Pretendemos tornar conhecido o evangelho e trazer o povo do Brasil a submeter-se a Jesus como seu único Salvador e Rei. Em outras palavras, temos em vista evangelizar no Brasil a paz que é o fruto da paixão, morte e intercessão de Jesus Cristo, a fim do que todos os seus habitantes venham a crer nele para a salvação.²¹¹

Poder-se-ia dizer que Simonton expressou tais opiniões há cerca de um século e meio atrás, e que elas, portanto, não seriam relevantes, a não ser do ponto de vista histórico. Mas ocorre que tais posturas estritamente conversionistas e proselitistas não apenas cristalizaram-se no ambiente da Teologia Reformada da IPB, como em muitos casos recrudesceram-se, como nos demonstra Shaull:

Também o Calvinismo trazido por Simonton não estava preparado para tomar forma dentro das estruturas do mundo, e o modelo da vida cristã logo se degenerou em legalismo, tornando-se um peso, mais que um evangelho para muitos (...) o problema maior com relação ao momento inicial do presbiterianismo foi que os que vieram depois de Simonton não foram capazes de perceber esses problemas e regrediram, ao invés de prosseguir em sua compreensão.

²¹⁰ Id., citando Richard Shaull em "Palestras em um Seminário sobre Calvinismo" In Suplemento Teológico d'O CAOS, Seminário Presbiteriano de Campinas, 1º semestre de 1960.

²¹¹ Alderi Souza de MATOS (organizador). *O Diário de Simonton 1852-1866*, p.179, Apêndice II.

Não se deve fechar os olhos a essas questões, embora não se possa julgar Simonton e seus seguidores.²¹²

Richard Shaull passa então a propor algumas bases para uma eclesiologia que resgatasse a essência do calvinismo, mas aplicada à realidade que percebia no Brasil, com suas "rápidas transformações sociais".

3.3 Reforma Protestante e Teologia da Revolução: resgate da eclesiologia calvinista?

É bastante importante salientar que Richard Shaull trouxe dos E.U.A. consigo boa parte das idéias já expressadas quando aqui chegou, em 1952. Ele foi muito influenciado pelo *evangelho social* norte americano, em decadência nos E.U.A., originado através do pensamento de Walter Rauschenbusch²¹³, com a forte diferença de que o pensamento de Shaull era embasado no socialismo marxista.²¹⁴ Já em 1953, Shaull apresenta uma palestra num encontro de líderes em Curitiba, num momento que ele próprio caracteriza como "pré-revolucionário".²¹⁵ O que se quer frisar é que, a despeito da mínima atenção que aqueles que têm escrito a História da Teologia na América Latina dão a este fato, com raras exceções, a Teologia da

²¹² Eduardo Galasso FARIA. *Fé e Compromisso: Richard Shaull e a Teologia no Brasil*, p. 179.

²¹³ Walter Rauschenbusch (1861-1918). Líder religioso protestante, nascido em Rochester, New York, E.U.A. Filho de um clérigo e imigrante alemão, estudou na Alemanha e retornou para graduar-se no Rochester Theological Seminary, em 1887. Sua experiência como pastor de uma paróquia de imigrantes alemães empobrecidos na cidade de New York o voltou para o movimento do Evangelho Social, do qual ele se tornou um dos líderes. Em 1897, ele deixou o trabalho na Igreja para tornar-se professor no Rochester Seminary. Seu livro *A Theology for the Social Gospel* surge em 1917.

²¹⁴ Hêlerson SILVA, *O Evangelho Social: De Ritschl, Rauschenbusch a Richard Shaull*, p. 60 - 64.

²¹⁵ Richard SHAULL, *Alternativa ao desespero*, p. 8 e 9.

Libertação surge como idéia cristalina também no meio protestante, e possivelmente antes de surgir no meio católico, embora depois, pela própria força e dimensão da Igreja e da Teologia Católica na América Latina, este movimento seja quase que totalmente identificado com ela. Uma das exceções mencionadas é José Miguez Bonino, que reconhece:

En el protestantismo, los nombres de Valdo Galland, Jorge César Mota, *Richard Shaul* [grifo meu], Emilio Castro, José Miguez Bonino y otros abren el camino que Rubem Alves, Julio de Santa Ana, Gonzallo Castillo, Jether Ramalho, Raúl Macín y otros, de diversas maneras y con matices diferentes, intentaram desarrollar. Del conjunto de estas líneas - y desarrollos análogos en el catolicismo - nasce hacia fines de la década de 1960 la llamada "Teología de la liberación"²¹⁶.

Para Shaul a Teologia da Libertação surge como uma redescoberta da Reforma Protestante do século XVI, após ter se envolvido naquilo que cria ser uma nova Reforma que ocorria nos seus dias, particularmente na América Latina: a tão falada revolução social (Teologia da Revolução). Mas após concluir que era justamente sua sólida tradição calvinista que lhe possibilitava esta visão, conclui que a igreja que lhe concedeu a visão não parecia disposta a vivê-la.²¹⁷

Assim, ele valoriza seu contato com as Comunidades Eclesiais de Base e o desenvolvimento que nelas se dá da Teologia da Libertação, sem, no entanto, deixar de compreender que, sendo a Reforma Protestante do século XVI um dos mais importantes movimentos revolucionários e libertadores da história, esta haveria de ter muito a contribuir com o atual movimento, inclusive inserindo as igrejas herdeiras daquele a este novo movimento:

²¹⁶ José Miguez BONINO, *Rostros del Protestantismo Latinoamericano*, p. 29.

²¹⁷ Richard SHAULL, *A reforma Protestante e a Teologia da Libertação*, p. 15.

Percebi que a herança pela qual vivi estava sendo renovada e transformada, fornecendo assim maiores recursos em meu diálogo com a teologia da libertação. Comecei então a imaginar que um diálogo contínuo entre a herança da Reforma e a obra do Espírito Santo, na Nova Reforma de hoje, poderia contribuir para as igrejas nascidas daquele movimento anterior do Espírito, igrejas da tradição Reformada.²¹⁸

Em sua pesquisa que não focará uma confissão particular, Shaull alinhava similaridades com a época passada e a atual, convergindo para a coincidência de rápidas transformações sociais, e a experiência profundamente libertadora de Lutero, fazendo eco às palavras de Leonardo Boff.²¹⁹ A redescoberta da graça é vista como libertadora da prisão do eu, a busca de uma nova fonte de autoridade que residia na consciência de cada homem em relação a Deus e sua vontade, expressa em sua Palavra. Este desafio à autoridade secular e religiosa da Europa do século XVI, tem, segundo Shaull, afetado movimentos libertários até hoje, possibilitando o questionamento de forças demoníacas e o suporte a lutas revolucionárias.²²⁰ Calvino iria mais tarde produzir o fundamento teológico desta posição com a ênfase na soberania de Deus e o chamado que os cristãos têm para obedecê-lo acima de tudo e de todos.

Com o sacerdócio universal dos crentes, tornou-se impossível qualquer idéia de superioridade ou inferioridade, enquanto que o encontro radical com a Bíblia propiciou a convicção de que a mensagem que defendiam e pregavam era a verdade do evangelho, pois "esta verdade os alcançou enquanto liam a Bíblia",²²¹ que os orientava diante da nova situação, abrindo novos horizontes para o futuro, pois o Deus da Bíblia é um Deus

²¹⁸ Id., p.16.

²¹⁹ Id., p. 38.

²²⁰ Id., p. 44.

²²¹ Id., p. 59.

presente e ativo na história, um Deus que quer a redenção do mundo. Os reformadores, em particular Calvino, com sua volta à Bíblia reacenderam idéias e doutrinas de teólogos do passado:

...João Calvino, em sua Instituição da Religião Cristã, procedeu a uma reconstrução sistemática da doutrina cristã valendo-se da Bíblia para repensar e reelaborar as doutrinas fundamentais desenvolvidas em 1500 anos de história cristã. Fazendo assim, ao invés de diminuir a influências dos antigos teólogos, ele despertou novo interesse por seu pensamento e estabeleceu os novos termos para uma interação com eles, especialmente Agostinho e outros dos quatro primeiros séculos.²²²

Este apego à Palavra revitalizou e libertou a teologia da Idade Média, que se encontrava restrita a um pequeno grupo que se apegava a processos altamente abstratos que se transformam em fins em si mesmos, distantes das lutas do dia-a-dia do povo. Tudo isto foi questionado, com a finalidade de entender o que a Palavra bíblica significava e de que forma poderia se aplicar à vida diária. Também estavam os reformadores convencidos de que a Bíblia deveria ser a fonte de toda a Teologia e base para todos os conceitos teológicos:

A Instituição da Religião Cristã de Calvino tornou-se o modelo clássico deste tipo de teologia sistemática. Nesta obra, quase todas as páginas estão cheias de referências ao Antigo e Novo Testamentos, e a validade de cada afirmação doutrinária depende de sua fidelidade ao testemunho bíblico. Com base neste fundamento, Calvino pôde articular a fé cristã com clareza, simplicidade e poder. Além do mais, esta reflexão teológica, baseada na Bíblia, tratava, claramente, de questões vitais, permeadas de convicção religiosa e de emoção. Como resultado, no dizer de um erudito moderno, a palavra humana é elevada e vivificada pela palavra de Deus. Por esta razão, a Instituição de Calvino produziu o maior impacto, não somente no século dezesseis e através da Europa, mas também na mente moderna.²²³

²²² Id., p. 62.

²²³ Id., p. 67 -68.

A partir disto, Shaull vai enfatizar o princípio que crê ser o coração da Reforma, uma vez que para ele este movimento não se constitui de doutrinas, mas "uma maneira de ser o mundo, um novo conceito do que significa ser igreja, que tem implicações revolucionárias para todas as instituições da sociedade".²²⁴ E este princípio fundamental deve ser a capacidade e a idéia de sempre estar se reformando, numa constante adequação às realidades e aos questionamentos que uma sociedade em rápida transformação como a nossa pode apresentar. "*Eclésia Reformata Semper Reformanda*". É bastante fácil constatar que as igrejas Reformadas em Geral não têm se destacado ultimamente por sua fidelidade a este princípio central, e aquilo que deveria ser o maior processo revolucionário contínuo se fosse seguido à risca, tem se transformado em fonte de estagnação, anacronismo e inadequação. Tudo isto tem se devido ao fato de que igreja, ao invés de prosseguir de onde Lutero e Calvino pararam, cristalizaram e sacramentalizaram de tal forma seus escritos, que os mesmos muitas vezes têm perdido o dinamismo que lhes era inerente. Muitas vezes, a Reforma do século XVI, seus idealizadores e suas idéias tornaram-se para a maioria dos reformados mais um ícone ou fetiche do que um princípio e modo de ser no mundo, como eram no início.

Segundo Shaull, o que poderá nos livrar desta estagnação na igreja Reformada será o exame atento da origem e do significado da descoberta dos reformadores acerca da necessidade premente de constante reforma:

A chave desta revolucionária perspectiva está na resposta que Martinho Lutero e João Calvino descobriram na Bíblia para a pergunta que os obcecava: Quem é Deus? Lutero, como já vimos, encontrou-se com um Deus que vem até nós diretamente, tomando a iniciativa de nos oferecer perdão, justificando-nos e nos dando o dom da vida. Calvino conheceu Deus, o grande Criador e Redentor, como

²²⁴

Id., p. 87.

um Deus soberano, agindo na história com um propósito, um Deus que chama homens e mulheres para participar do grande drama da redenção. Talvez possamos ter uma idéia mais clara da radicalidade da descoberta que fizeram, se considerarmos que o catolicismo medieval concebia Deus relacionado primordialmente com o espaço, enquanto Lutero e Calvino o compreendiam relacionado primordialmente com o tempo.²²⁵

Shaul também observa que havia uma compreensão teológica até então influenciada pelo pensamento grego, daquilo que ele chama de Cadeia do Ser, que considerava Deus como divinamente supremo, no topo de uma espécie de escada de seres, obedecendo a uma hierarquia natural, onde os mais distantes do topo possuíam menos de Deus, sendo, portanto, inferiores. Ao se crer que a ordem de coisas estabelecidas na sociedade possuía algo de divino, estas não poderiam ser alteradas. Calvino, segundo Shaul, rompe com esta estrutura, ou melhor, descobre que Deus rompe com ela:

Através de sua leitura da Bíblia, Calvino descobriu um Deus que rompeu com esta cadeia de seres e abriu caminho para uma transformação radical da igreja e do mundo. Este Deus é o criador de todas as coisas, que por sua vez pertencem a uma ordem diferente da do próprio Deus. Esta descoberta estabelece uma clara descontinuidade entre o reino divino do domínio sobre os outros.²²⁶

Ficando claro que Deus não suporta nem tolera intermediário, segundo Shaul, Ele está ativo e presente em cada detalhe da história, transformando e revolucionando, não através de algum agente divino numa cadeia de seres, mas com aqueles a quem Deus chama, vocaciona e concede um mandato, sendo que geralmente tais pessoas não são dotadas de qualquer "status" social, e segundo Calvino, usualmente são aqueles e aquelas que estão "na periferia da sociedade, quase sempre pessoas

²²⁵ Id., p. 88.

²²⁶ Id., p. 89.

desligadas e errantes, livres para responder a este chamado e se tornarem peregrinas".²²⁷ Com seu mandato e chamado, Deus as liberta e elas poderão vir a libertar a sociedade em que estão inseridas, como instrumentos do único e soberano Deus e Senhor da história.

3.4 A influência de Richard Shaull na cultura teológica brasileira

O impacto que Richard Shaull teve sobre a Teologia da América Latina certamente projeta-se até hoje. E esta dissertação é a prova de que ainda há relevância e atualidade em coisas que este teólogo disse há quase quarenta anos atrás. Aliás, a atualidade e o senso de tempo e oportunidade de Richard Shaull são sua grande marca registrada. Ele parece ter sempre uma palavra concreta e altamente pragmática e densa de significados para trabalhar as realidades que o cercam, por mais aparentemente inesperadas que estas pareçam ser. Devido ao senso agudíssimo da realidade que possuem, pessoas como Shaull parecem não se surpreender totalmente jamais, como demonstra o ensaio produzido após os atentados de 11 de Setembro de 2001 nos E.U.A.²²⁸

²²⁷ Id., p. 91.

²²⁸ **UMA ABERTURA PRECÁRIA A UM FUTURO NOVO**

Enquanto buscamos qualquer significado perante os inimagináveis e devastadores atos de 11 de setembro, muitos estão se voltando para a religião querendo consolação e também procurando uma resposta à questão: onde se encontra Deus em tudo isto? Nesta situação, nós, que somos cristãos, confrontamo-nos com um tremendo desafio.

No centro de nossa fé está a convicção de que o Deus que criou este mundo deu aos seres humanos uma liberdade extraordinária para criarem condições para uma vida abundante para todos ou para explorar esta liberdade na destruição da vida humana e da sociedade. Deus nos deu esta escolha. Ele não viola esta liberdade nem a tira de nós, mesmo que seja explorada por gente desesperada.

Nossa herança de fé declara também que Deus está presente neste mundo de forma ativa. Deus está presente como aquele que ouve os

Sua influência principia interagindo com a juventude cristã, para cujas lideranças, ele já proferia palestras poucos meses após sua chegada ao Brasil:

Não se pode pensar em juventude cristã nas décadas de 50 e 60 sem mencionar a figura polêmica de Richard Shaull. Ele foi o divisor de águas não só para a mocidade, mas também

clamores dos povos pobres e abandonados da terra. Deus os acompanha em sofrimento, convoca-nos a que os acompanhem e oferece vida, a nós e a eles, enquanto respondemos ao seu choro. Se nós confiamos na presença deste Deus, nossa percepção acerca da situação em que nós nos encontramos pode mudar gradualmente. Nós repudiamos a destruição de vidas inocentes e nos solidarizamos com nossa nação em sua determinação de encontrar os perpetradores desta destruição e de que sejam julgados. Mas podemos também nos descobrir indo para mais além disto em nossa compreensão tanto do que aconteceu como de nossa resposta a isto. Não podemos deixar de nos perguntar: Como poderia isto nos ter acontecido? Ou como Claude Lewis, colunista do The Philadelphia Inquirer o fez: "Que agravo teria sido tão sério que haja levado homens em terras estrangeiras a planejar o seu próprio suicídio com dois ou três anos de antecipação - apenas para assassinar americanos?"

Depois de passar a maior parte de minha vida adulta vivendo e trabalhando em países do "Terceiro Mundo" penso que não precisamos procurar muito longe para descobrir uma resposta.

Nós, na América do Norte, temos nos contentado em desenvolver em nosso benefício e até os seus limites um sistema econômico que produz riqueza para nós - que somos uma mui pequena proporção dos povos criados por Deus - e que desenvolve as mais avançadas tecnologias para nos enriquecer ainda mais a nós mesmos e aumentar o nosso poder. Temos feito muito para pouco transformar esta ordem e servir às mais urgentes necessidades de centenas de milhões de povos pobres e excluídos.

Temos nos permitido apoiar uma política externa que pouco tem feito para contrapor a agressão dos poderosos contra suas vítimas. Muito freqüentemente usamos também nosso poderio militar e econômico para sustentar aqueles que exploram o seu povo e solapam os esforços dos que lutam em prol da justiça.

Precisamos reconhecer que nossos tremendos desenvolvimentos tecnológicos nos trouxeram a um ponto tal em que uns poucos homens, prontos a morrer por sua causa, podem fazer com que nossa mais recente tecnologia se volte contra si mesma. O potencial que esta possui para a destruição é quase ilimitado. Como uma nação e como um povo, somos agora vulneráveis. Todo o nosso poderio militar e nosso poder econômico não podem mudar isto.

Podemos responder dedicando ainda mais de nossas energias e de nossa riqueza àquelas coisas que nos falharam e que continuarão a fazê-lo. Podemos, perante nossa vulnerabilidade e insegurança, dar lugar ao desespero sem qualquer esperança para o futuro. Ou, podemos ousar crer que nisto, e por meio disto tudo, Deus está presente, oferecendo-nos a possibilidade de criar um novo futuro. Tomar parte nisso exige uma conversão radical.

Uma decisão de dedicar nossas energias - com uma paixão comparável à dos bombardeadores suicidas - à descoberta de como

foi responsável pela renovação do pensamento teológico brasileiro e da prática cristã²²⁹

Este "arejamento" que Shaul parece ter trazido ao meio protestante brasileiro, em particular presbiteriano, não possui muitos precedentes. Talvez Erasmo Braga (1877-1932) tenha sido o último reformado de pensamento ecumênico e reconhecido mesmo fora do Brasil, senão o

usar nossa riqueza material, nossa inteligência e nossos avanços tecnológicos para responder ao desesperado sofrimento dos povos dominados e abandonados. Caso contrário, podemos estar certos de que o crescente número dos que não vêem esperança de mudança atacam enraivecidos, nova e freqüentemente, os que têm a riqueza e o poder.

O reconhecimento de que não mais podemos tomar em nossas mãos a responsabilidade de impor ordem ao mundo, usando nosso poderio militar e poder político para monitorar e dominar o mundo. Não podemos mais marcar passo perante os amargos conflitos entre os povos, geradores da violência e do desespero, especialmente aqueles que ajudamos a criar. Podemos discernir que somente a constante colaboração e interação com outras nações e povos podem levar o mundo à segurança e à paz.

Esta pode parecer uma tarefa esmagadora. Em atitude de fé nós a empreendemos sem exigir uma garantia de que seremos bem sucedidos. Mas ela é - estou convencido - o caminho para uma vida significativa para nos e uma fonte de esperança para outros. E ela oferece a possibilidade de desafiar uma nova geração com uma visão que oriente suas vidas. Assim fui grandemente encorajado ao ouvir estas palavras de uma voz jovem, John Silson, um graduando do Haverford Collège: "Este pode ser um evento central na história. Talvez ele incite uma cultura de terror. Mas talvez seja um catalisador para espalhar a paz e a justiça".

Quem quer que sejamos, podemos agora aproveitar a oportunidade para convocar umas poucas outras pessoas para juntos discutirmos modos pelos quais nossas perspectivas, nosso estilo de vida e nossas lutas políticas possam ajudar nossa nação ao longo do caminho para uma nova vida.

Se nossa nação voltar suas costas a esta oportunidade dada por Deus, colocar sua confiança somente em respostas militares e contribuir, direta ou indiretamente, para a morte de um crescente número de crianças, mulheres e homens inocentes, então este testemunho de pequenas comunidades de fé será igualmente importante. Pois nossa recusa em aproveitar esta oportunidade tornará quase inevitável o ressurgimento do terrorismo em uma dimensão que agora nem podemos imaginar. Ele poderia soprar sobre as chamas do ressentimento que agora existem contra nosso poder e nossa riqueza e contra o uso que deles fazemos. E nossa nação poderia acabar contribuindo para uma espiral descendente da civilização para uma nova idade da barbárie. Neste contexto, revitalizadas comunidades de fé - orientadas na direção de um futuro diferente e vivendo no poder do Espírito - sustentarão esta visão e manterão viva a esperança.

Richard SHAULL. *Uma abertura precária a um novo futuro.* Disponível na internet. http://www.iep.edu.br/pastoral/mensagem_derichardshaul.doc. 11 de Julho de 2002.

único.²³⁰ A nacionalidade americana de Shaul1 não lhe conferia empecilhos para a sua luta pelo engajamento da igreja em questões políticas e sociais, pois desde a Colômbia, Shaul1 parece ter nutrido um saboroso caso de amor com a América Latina como um todo e em particular com suas rápidas transformações sociais que produziriam a teologia da qual ele teve o privilégio de ser um dos precursores. Ainda hoje, ao pensar em suas memórias, o Brasil e as experiências empolgantes e amargas que aqui experimentou no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil e fora dela parecem bem vivas em sua mente:

Eu acabei de escrever uma propícia e longa memória acerca de minha vida e trabalho inicial no Brasil. Ela está sendo traduzida para o português por Waldo César e espero e confio que será aceita para publicação na VOZES brevemente.²³¹

Algumas pessoas jamais foram as mesmas depois do contato renovador e libertador com Shaul1. Ele abriu novos horizontes por onde passou:

Foi ele quem introduziu no Seminário de Campinas o pensamento da escola teológica "neo-ortodoxa" de Karl Barth, Emil Brunner, Rudolph Bultmann, C. H. Dodd, D. T. Niles, Reinhold Niebuhr, Richard Niebuhr, Miguez Bonino, Gutierrez Marian, Dietrich Bonhoeffer e outros... Não foi apenas sua teologia que causou furor no Seminário, mas, principalmente seu método pedagógico até então inédito para a realidade brasileira. Da sala de aula, Shaul1 desafiou seus discípulos a aplicarem seus novos conhecimentos teológicos nos bairros pobres, nas

²²⁹ Hêlerson SILVA. *O Evangelho Social: De Ritschl, Rauschenbusch a Richard Shaul1*, p. 60.

²³⁰ Jose Miguez BONINO. *Rostros del Protestantismo Latinoamericano*, p. 61.

²³¹ "I have just finished a rather long Memoir about my life and work primarily In Brazil. It has been translated into Portuguese by Waldo Cesar and hopefully will be accepted by VOZES for publication soon. Shaul1, Richard (dickshaul1@aol.com.br). *Contact*, 12 de Julho de 2002. E-mail para: Marcello Fontes (revmf@ig.com.br). Esta obra a que Shaul1 fez referência estando ainda para sair do prelo, está hoje disponível: Richard SHAULL, *Surpreendido pela graça*, Trad. Waldo Cesar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

faculdades e nas fábricas, a fim de transformá-las pela ética social cristã²³².

Jovelino Ramos, Julio de Sant'Ana, Waldo César, João Dias de Araújo, Áureo Bispo e muitos outros mudaram suas vidas face ao contato pessoal e intelectual com Richard Shaull, e por sua vez mudaram outras vidas com a sua própria influência pessoal daí derivada. O porquê de todos eles terem se tornado dissidentes na IPB possivelmente se deva ao fato de que, após a influência de Shaull, buscariam a reformulação não só de suas vidas mas de sua igreja, e a IPB não estava pronta para isso. Mas certamente nenhuma influência é produto de discipulado foram tão felizes como no caso de Rubem Alves. Daí brotou uma amizade que perdurou até a morte de Shaull²³³. Shaull transformou um fundamentalista caipira num dos maiores teólogos e intelectuais brasileiros. Alves assim descreve seu encontro com Shaull:

Chegamos juntos ao mesmo seminário, Campinas, no mesmo ano de 1953. Eu era calouro e estava cheio de certezas. O Shaull era professor e vinha cheio de perguntas. Claro que eu não suspeitava que em breve minhas certezas cairiam por terra, senão eu teria fugido. Uma das ilusões de quem tem certezas é precisamente esta: que as idéias não mudarão nunca, por serem verdadeiras e estarem destinadas à eternidade. Além disto eu havia aprendido que a dúvida é sinal de impiedade, que para se ser salvo é preciso ter idéias firmes, e que, portanto, a fé sempre se manifesta como certeza. Eu ali estava eu, convicto das minhas verdades e disposto a preservá-las a qualquer custo. Era um fundamentalista.²³⁴

²³² Hêlerson SILVA. *O Evangelho Social: De Ritschl, Rauschenbusch a Richard Shaull*. In Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul. Ano LVII, nº 44. Campinas, Agosto de 1996, p. 61.

²³³ Richard Shaull faleceu em 25 de Outubro de 2002, vítima de câncer, em sua casa em Ardmores, Pensilvânia, nos E.U.A., no transcurso da produção desta dissertação.

²³⁴ Richard SHAULL. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*, p. 20.

Mais tarde, debaixo de perseguição e luta, Rubem Alves vai estudar no mesmo lugar onde Simonton e Shaul estudaram. Parece que o Princeton Theological Seminary está inegavelmente ligado ao presbiterianismo no Brasil. Lá, elabora sua tese, fruto da reflexão iniciada quando calouro em Campinas com Shaul, que por pouco não é o primeiro livro incluindo o nome da teologia com na qual ele e Shaul se encontraram e juntos ajudaram a construir:

E assim eu batizei esta tese/filha: *Towards a theology of liberation*, nome que se encontra lá no original e no registro de direitos autorais. A defesa foi uma batalha. Compreendo. Por decisão própria escrevi o que quis. Pecado de 'superbia'. O texto deve ter ofendido gostos acostumados a teologias mais gentis. Alguma punição deveria ser imposta. Desejava-se ou a reprovação ou que eu escrevesse tudo de novo. Meu amigo R. Shaul, entretanto, deixou claro que eu nunca faria isto. Não suportaria um ano a mais nos jardins suspensos de Babilônia. Passaram-me com a nota mais baixa possível. Não sabia que aquele era um primeiro afluente, quase sem água e sem nome, de um grande rio: teologia da libertação... Um editor católico se interessou pelo meu texto. Ele fez uma reserva apenas. O nome do livro era meio esquisito: libertação, nome sem respeitabilidade teológica, sobre que ninguém falava. O que estava na crista da onda era a teologia da esperança. E ele me sugeriu mudar o título, para entrar no debate. É sempre mais fácil pegar um trem que já está correndo que fazer um outro novo, a partir de nada... E assim ficou: "A theology of human hope" (Washington, Corpus Books, 1969). E, com isto, o nome 'teologia da libertação' me escapou...²³⁵

Rubem Alves veio a se tornar, além de PhD em Teologia, pedagogo, psicanalista e ultimamente escritor de livros infantis. Sua contribuição para o pensamento teológico e intelectual em geral no Brasil e na América Latina, bem como em outras partes do mundo, é inestimável. E tudo começou com um encontro com Richard Shaul:

Algo de comum nos unia. Dizíamos o mesmo nome, falávamos em Deus.²³⁶

²³⁵ Rubem ALVES. *Da Esperança*. Prefácio: Sobre Deuses e caquis, p. 41.

3.5 Conclusão: será possível voltar a Calvino?

A Igreja e a Teologia Reformada no Brasil, após iniciar-se sob a égide de uma teologia comum, fruto dos avivamentos dos séculos XVIII e XIX, prosseguiu pelo século XX sem uma identidade muito clara. Esta questão de identidade, aliada à falta de memória e tradição, acentuada pelo problema do pluralismo da sociedade contemporânea, além do problema das denominações, que não foram claramente estabelecidas no Brasil a não ser com limites dogmáticos e sacramentais mínimos, dificulta falarmos em tradição reformada no Brasil. Alie-se a isto o fato de que as igrejas, em tese, reformadas do Brasil, seguiram praticamente todas uma linha evangelical fundamentalista, muito distante da ortodoxia reformada. A teologia produzida por estas igrejas sempre foi profundamente inconsistente, no geral. Por último, muitas têm sucumbido ao fenômeno pentecostal, que no Brasil assume contornos incríveis, e tem adaptado suas liturgias e cultos que já eram anti-litúrgicos e desorganizados ao formato emotivo pentecostal, com simplificações que por vezes distorcem o real sentido de sacramentos e da própria mensagem. Indivíduos vão aos seminários, que até têm se fortalecido em nível docente, como se enfrentassem uma provação, e têm por objetivo sair dali sem levar nenhum "ranço do tradicionalismo". O que querem realmente é ser pastores pentecostais. Entre a mensagem do pastor no domingo e o livro da editora fundamentalista ou pentecostal e a mensagem neopentecostal da Televisão e do rádio, o crente fica com todas, menos a primeira.

²³⁶

Richard SHAULL. *De dentro do furacão: Richard Shaul e os primórdios da Teologia da Libertação*, p. 21.

Por isto tudo, precisamos refletir se faz sentido pensarmos nas igrejas de origem reformada no Brasil como realmente herdeiras da reforma. Quanto a voltar a Calvino, fica difícil voltar para um lugar de onde nunca se veio: seria preciso descobri-lo. Ao que tudo indica, seria necessário reinventar a tradição reformada no Brasil:

A reinvenção da tradição teria de superar alguns obstáculos muito enraizados na tradição presbiteriana brasileira, como por exemplo, o dogmatismo e a intolerância resultantes da fraqueza de identidade, a educação teológica deficiente por causa da pressão exercida sobre os seminários pelas mesmas razões e a abertura, em nome do pluralismo e do falso diálogo, a outras formas de ver a fé cristã. Os meios de comunicação invadem os lares e as mentes das pessoas que as aceitam porque estão vazias de convicções.

É possível viver como presbiterianos neste mundo pós-moderno? De que maneira? Teríamos que encetar um longo e difícil caminho a fim de respondermos a essas questões. Teríamos de repensar os três principais veículos de transmissão da tradição: a formação teológica, o púlpito e a educação cristã, a fim de tornar nítidos os pontos básicos da Tradição reformada e sua universalidade. E, por fim, relacioná-los com a vida e ao lado de outros cristãos, vivermos como presbiterianos.²³⁷

Se isto poderá vir a ocorrer, só o tempo dirá. Que os ideais e sinais de Shaul possam ter validade para novas gerações que o estão agora descobrindo. Olhemos não para o seu dedo, mas para onde ele aponta, como ele queria.

²³⁷

Antônio Gouvêa MENDONÇA. *A Identidade Religiosa e as Transformações Sociais*, p. 34 .

Capítulo 4: Como se constrói a atual Teologia Reformada Brasileira?

4.1 Introdução

O presente capítulo, diante de tudo o que até aqui se apresentou, buscará lançar luzes sobre como se têm construído a Teologia Reformada Brasileira, visto que se postulou, desde o início deste trabalho, que ela existe, mesmo que por vezes confusa e difusa. E principiaremos por compreender o que o fundamentalismo de fato representa para ela, e desde quando.

A partir daí, buscaremos compreender o receio da Teologia Reformada quanto à sua possível brasilidade, que certamente serviria como elemento revitalizador de sua influência e relevância, bem como para retirá-la do patamar de "corpo estranho" dentro da sociedade brasileira.

A eclesiologia que é concebida pelos "neopuritanos" esbarra na eclesiologia de Calvino e mesmo na de seus tão caros inspiradores puritanos. O caminho de pistas que apresentem uma eclesiologia que possa realmente produzir relações de compreensão e tolerância para uma vivência eclesiástica madura passa necessariamente pela re-interpretação dos processos de pertencimento à igreja, tornando-os mais inclusivos, como, ao que tudo indica, Calvino queria.

A cultura não pode mais ficar afastada da vivência da Teologia Reformada brasileira. A bagagem que se busca no passado, seja em Calvino, seja nos puritanos, deve dar a ela condições de efetivar uma contribuição significativa, não apenas com memórias e esforços proselitistas.

4.2 A relação com o fundamentalismo viria já do puritanismo?

Abordar a temática do fundamentalismo exige cuidado, pois o termo hoje se tornou excessivamente abrangente. Tem conotações religiosas, sociais, econômicas, políticas e até mesmo psicológicas. Como diz Dreher:

Quem se ocupa com a temática do fundamentalismo avança por um território escorregadio. Quanto mais cresce o caudal da literatura acerca do fundamentalismo, tanto mais difusos se tornam os contornos do conceito e da própria questão.²³⁸

É evidente que começamos a observar um uso abusivo do termo, por vezes de forma enviesada e totalmente inadequada, naquilo que Dreher chama de uso inflacionário:

Há um uso realmente inflacionário do conceito, e este vai sendo usado de forma mais ampla. Em decorrência, questões de política secular também passaram a ser caracterizadas de fundamentalismo. Penso nas posturas dos Partidos Verdes. Além disso, todas as formas de conservadorismo passaram a ser caracterizadas de fundamentalismo, tenham elas sido políticas ou religiosas. Nos meios universitários tem acontecido que a pessoa que defende sua posição com entusiasmo e veemência é caracterizada de "fundamentalista".²³⁹

Nosso objetivo aqui será abordar o fundamentalismo como movimento religioso, em especial dentro do cristianismo. Como ele surge? "O conceito fundamentalista tem sua origem na palavra fundamento",²⁴⁰ segundo Dreher. Seria derivado da idéia de fundação ou alicerce, sem o que

²³⁸ Martin Norberto DREHER. *Para entender o fundamentalismo*, p. 79.

²³⁹ Id. *Ibidem*.

²⁴⁰ Id., p. 10.

nenhuma estrutura permanecerá de pé. Se os fundamentos forem abalados, toda a construção, seja ela qual for, estará irremediavelmente comprometida. Para Flickinger, que inclusive cita Weber²⁴¹:

(...) as diversas correntes fundamentalistas - religiosas, políticas, intelectuais - representariam, antes de mais nada, a volta ao passado, ou seja, o desejo de poder re-enraizar a consciência humana em princípios e valores tradicionais, perdidos ao longo do processo de desencantamento do mundo moderno.²⁴²

Seria o fundamentalismo um movimento que surge no seio da modernidade, inconformado com seus rumos. Dreher concorda, e vai traçar sua origem no conflito entre ilustrados e pietistas que remontam ao séc. XVII e XVIII:

Duas formas de pensamento nos moldaram no Ocidente mais do que podemos imaginar e fizeram com que alguns se considerassem piedosos, enquanto julgavam os outros ilustrados, e os outros, os ilustrados, considerassem os demais pietistas.²⁴³

Já Armstrong voltará até o séc. XVI, concluindo que o movimento da Reforma Protestante foi, ao mesmo tempo, revolucionário e reacionário, pois se houve ruptura e mudanças, estas eram calcadas numa pretensa volta ao passado, deixando, contudo, clara a atualidade histórica

²⁴¹ Max Weber (1864-1920), sociólogo alemão, economista, e cientista político. Em vários momentos ensinou em Berlim, Freiburg, Munique e Heidelberg. Weber enfatizou o papel de valores religiosos, ideologias, e os líderes carismáticos amoldando sociedades. Em "Ética Protestante e o espírito do capitalismo" (1904/5-1920) ele desenvolveu uma tese relativa à conexão íntima entre o ideal ascético nutrido pelo Calvinismo e a ascensão de instituições capitalistas. Um observador agudo da política do seu próprio tempo, ele também foi influente usando sociologia e estatística no estudo de política econômica.

²⁴² Hans-Georg Flickinger apud Luis Alberto de BONI (org.). *Fundamentalismo*, p. 7, Apresentação. Hans-Georg Flickinger, Doutor em Filosofia, da Universidade de Kassel (Alemanha), este atuando no Brasil desde 1983, hoje na PUCRS.

²⁴³ Martin Norberto DREHER. *Para entender o fundamentalismo*, p. 12.

dos reformadores, e seu papel numa época marcada pela transição:

...os reformadores protestantes se voltaram para o passado na tentativa de encontrar uma nova solução para uma época de mudança. Martinho Lutero (1483-1556), João Calvino (1509-64) e Huldrych Zwingli (1484-1531) reportaram-se às fontes da tradição cristã. Ibn Taymiyyah rejeitou a teologia e a fiqh medievais para poder retornar ao islamismo puro do Alcorão e da Suna; Lutero também atacou os teólogos escolásticos medievais e procurou retornar ao cristianismo puro da Bíblia e dos Padres da igreja. Os reformadores protestantes eram, pois, revolucionários e reacionários, como os reformadores muçulmanos conservadores. Não pertenciam ainda ao mundo novo que despontava, pois ainda estavam arraigados no passado.

No entanto eram homens de seu tempo e esse era um tempo de transição.²⁴⁴

Esta compreensão do ideal da Reforma como sendo mais medieval do que moderno vai ficar um pouco contraditória quando a própria Armstrong começa a relacionar reformadores como Calvino com as idéias iluministas.

Voltando ao nosso tempo, desde quando se verifica o uso deste termo? É interessante ressaltar que hoje o termo fundamentalista é agressivo, pejorativo, e geralmente destinado para o outro, nunca para mim, o que não se dava quando o termo surge pela primeira vez, com conotação revolucionária, reformista e autêntica, como relata Dreher:

A isso devemos acrescentar, ainda, o fato mencionado antes, de que o conceito sempre é usado em relação ao outro: sempre são os outros que são fundamentalistas.

No início do uso do conceito, porém, a situação era outra. Grupos de cristãos protestantes conservadores deram a si mesmos essa designação no início do século XX, nos Estados Unidos da América do Norte. Entre 1909 e 1915, foi publicada nos Estados Unidos uma série de textos, com edição superior a três milhões de exemplares sob o título "The Fundamentals - a Testimonium to the Truth" (Os fundamentais - um testemunho em favor da verdade). Do título desta série saiu o nome de um movimento, formado no

²⁴⁴

Karen ARMSTRONG. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, p. 84 e 85.

último terço do século XIX por grupos de cristãos conservadores evangélicos.²⁴⁵

A grande preocupação dos fundamentalistas e seu principal baluarte eram contra-atacar o liberalismo teológico e a concepção moderna da história e da ciência. A metodologia que utilizaram para isso foi eleger elementos dogmáticos considerados intocáveis, que não poderiam ser alvo de qualquer crítica ou discussão, por mais plausível ou pertinente que fosse. Armstrong vai nos elucidar estes pontos e demonstrar como o presbiterianismo já cruza o caminho do movimento fundamentalista, ou vice e versa:

Em 1910 os presbiterianos de Princeton, que haviam formulado a doutrina da infalibilidade das Escrituras, publicaram uma lista dos cinco dogmas que consideravam essenciais: (1) a infalibilidade das Escrituras; (2) o nascimento virginal de Jesus; (3) a remissão de nossos pecados pela Crucifixão; (4) a ressurreição da carne e (5) a realidade objetiva dos milagres de Cristo. (Mais tarde este último dogma cederia lugar aos ensinamentos do pré-milenarismo)²⁴⁶

Alguns destes pontos merecem ser melhor destacados, como por exemplo o primeiro, que Dreher classifica como "a inspiração verbal, literal, da Bíblia"²⁴⁷, assim o tipificando:

Desenvolve-se entre muitos protestantes, contra a leitura histórica e crítica dos textos bíblicos, a convicção de que cada palavra, cada letra do texto bíblico foi "inspirada", ditada pelo Espírito Santo a seus autores. Daí também muitos afirmarem a "inerrância" do texto bíblico: a Bíblia não ensina nada que seja cientificamente inexato. Se em Gênesis, por exemplo, a criação se deu em sete dias, estes sete dias são, realmente, sete dias de 24 horas. Nesse caso, os fósseis que encontramos foram criados por Deus e por ele colocados

²⁴⁵ Martin Norberto DREHER. *Para entender o fundamentalismo*, p. 80.

²⁴⁶ Karen ARMSTRONG. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, p. 199.

²⁴⁷ Martin Norberto DREHER. *Para entender o fundamentalismo*, p. 81.

na terra. Eles não provam períodos maiores para a criação, muito menos a evolução das espécies.²⁴⁸

Também dois outros pontos importantes são destacados por Dreher, sendo que o último demonstra como perceber um dos maiores sintomas trágicos do fundamentalismo: a ausência de diálogo, associado à tremenda dificuldade em se conviver com aqueles que porventura não pensem identicamente:

Negativa de aceitação dos resultados da ciência moderna, quando não correspondiam ao que designavam de "fé bíblica"; exclusão do status de verdadeiros cristãos de todos aqueles que não aceitavam este fundamentalismo.²⁴⁹

Quanto à negação da ciência, é famoso o "Caso Scopes", logo após os estados americanos da Flórida, do Mississippi, da Louisiana e de Arkansas proporem projetos de lei proibindo o ensino da teoria darwiniana:

No Tennessee a legislação, particularmente severa, foi posta à prova pelo jovem professor John Scopes, da pequena cidade de Dayton, que confessou ter infringido a lei numa aula de biologia - e acabou lavrando um tento simbólico em favor da liberdade de expressão e da Primeira Emenda. Em julho de 1925 Scopes foi levado a julgamento, e em seu auxílio, a recém-criada American Civil Liberties Union (ACLU) enviou uma equipe de advogados encabeçada pelo racionalista Clarence Darrow (1857-1938). A pedido de Riley e de outros líderes fundamentalistas, William Jennings Bryan concordou em defender a lei. Com o envolvimento de Darrow e Bryan, o julgamento extrapolou o âmbito das liberdades civis e assumiu a dimensão de um embate entre Deus e a ciência.²⁵⁰

Uma vez que queremos compreender o fundamentalismo em meio à Teologia Reformada, será inevitável avaliarmos sua relação com o puritanismo:

²⁴⁸ Id. Ibidem.

²⁴⁹ Id., p. 82.

²⁵⁰ Karen ARMSTRONG. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, p. 205.

Um movimento de reforma, frouxamente organizado, que se originou durante a Reforma Inglesa do século XVI. O nome surgiu dos esforços para "purificar" a igreja da Inglaterra, realizados por aqueles que achavam que a reforma ainda não tinha sido completada. Posteriormente, os puritanos também passaram a buscar a purificação de si mesmos e da sociedade.²⁵¹

São consideráveis as relações que podem ser traçadas entre o puritanismo e o fundamentalismo, como veremos. Como tendência religiosa, o puritanismo relacionava-se à religiosidade pessoal e pública dos fiéis. Sua teologia valorizava o individualismo, o que Max Weber chama de isolamento espiritual, as responsabilidades também individuais, a experiência da eleição divina para salvação e, de certa forma, mas em menor grau, também a "conversão". A Confissão de Fé de Westminster é o documento teológico que confirma estas tendências. O puritanismo é calvinista, mas trata-se de um "calvinismo tardio", com certas características peculiares, como a expiação limitada e a chamada ineficaz, já apresentadas no capítulo 2.

E quais seriam as principais convicções do puritanismo?

O puritanismo de modo geral, estendeu o pensamento da reforma inglesa, com ênfases distintivas dadas a quatro convicções: (1) que a salvação pessoal vinha inteiramente de Deus, (2) que a Bíblia era o guia indispensável para a vida, (3) que a igreja devia refletir o ensino específico das Escrituras e (4) que a sociedade era um todo unificado.²⁵²

Segundo Mendonça, "a teologia do puritanismo está expressa, em seus termos mais radicais, nas obras de Milton (Paraíso perdido, 1667) e de Bunyan (O Peregrino, 1678)".²⁵³ Na teologia, Bunyan, por exemplo, claramente se

²⁵¹ Walter A ELWELL (Editor). *PURITANISMO* In Enciclopédia Histórico - Teológica da igreja Crista, vol. 3, p. 208 e 209.

²⁵² Id., p. 209.

²⁵³ Antônio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste porvir*, p. 37.

afastava de Calvino em alguns pontos. A soteriologia é um exemplo: o céu tem que ser conquistado na luta. Sobre isto, diz-nos Campos, citando Max Weber e o próprio John Bunyan:

Weber, analisando algumas denominações protestantes e seu ascetismo, inclusive, ou principalmente, o calvinismo presbiteriano, diz que o livro *O Peregrino* é indiscutivelmente o livro mais lido de toda a literatura puritana. E, depois da afirmação, estatisticamente importante, porém, de difícil comprovação, passa a narrar um pouco da história do livro, que conta a história de Cristão, que é o nome próprio do peregrino, no momento em que este compreende estar vivendo na "cidade da Destruição", que representa o "mundo" e suas relações, e recebe o chamado para peregrinar rumo à cidade celestial". Pra ilustrar a força da ideologia religiosa apresentada pelo autor, Weber destaca a seguinte passagem do texto: "Cristão começou a correr. Ainda estava perto de casa quando sua esposa e seus filhos notaram-no e passaram a chamá-lo insistentemente para que voltasse. Mas Cristão tapou os ouvidos com as mãos e continuou a correr, clamando: - Vida, vida, vida eterna!"²⁵⁴

Além da análise do livro "*O Peregrino*", Rubem Alves também considerará interessante a análise do quadro "*Os Dois Caminhos*" ou "*O Caminho Largo e o Estreito*", a fim de se entender o espectro da vida puritana dos protestantes calvinistas. Este quadro, freqüentemente encontrado em igrejas e nas casas de protestantes, mostra o plano individual e o coletivo na escatologia cristã, constituindo-se em típico exemplo de uma visão maniqueísta da história. Assim Rubem Alves descreve o quadro, numa tentativa assumida de apresentar mais uma vez a estrutura do "mundo protestante":

[O propósito do quadro] não é representar o divino. É verdade que o divino ali está presente, mas representado de uma forma a mais ascética possível, na combinação de uma figura geométrica, o triângulo, símbolo da Trindade, o três em um. E dentro dele, um grande olho, símbolo da onisciência divina. Mas este não é o centro da tela. Não é dele que surge a sua dinâmica e movimento. Deus não é ator. Grande olho, sem face, sem braços, sem corpo, flutuando no azul do firmamento. Não age. Apenas contempla silenciosamente. Os atores são os homens. O tema da tela é o seu destino. Há dois caminhos. Ao lado esquerdo, o caminho largo. No seu portão, uma estátua de Baco e outra de Vênus. Vinho e amor simbolizam o prazer, a prioridade do instinto, a voz do corpo. Eles marcam a entrada da

254

Breno Martins CAMPOS. *Protestantismo e poder: uma análise da ética puritana e do discurso fundamentalista na Igreja Presbiteriana do Brasil*, p. 85.

perdição. Na realidade, não se trata de um caminho, mas de uma rua larga. O cenário é urbano. As roupas dos caminhantes revelam serem eles pessoas abastadas. O desejo do prazer e as riquezas caminham juntos. Examinando suas atitudes, nota-se que eles não têm consciência de estarem a caminho. Não se preocupam com o destino que os espera. Movem-se de um lado para outro da rua, de um prazer para outro, preocupados apenas com o presente. Buscam aquilo que o "mundo" pode oferecer: a bebida, a dança, o jogo, o sexo. Numa versão modernizada da tela, encontramos aí também o fumo. Entretanto, a única coisa que é realmente importante, o destino do caminho, é ignorada por aqueles que por ele vão: um abismo de labaredas infernais, onde os homens mergulham para sempre. À direita, entretanto, a cena é totalmente diferente. A porta é pequena. É anunciado por um pregador. Inicia-se com o conhecimento. Além da porta está um mundo bucólico, rural, com árvores, prados e riachos. Sob um grande crucifixo jorra uma fonte de água, a água da vida. Não se vêem casas de prazer em lugar algum. Ao invés de cassinos e tavernas, há tendas e igrejas.²⁵⁵

Conclui-se que, se antropologicamente o homem é peregrino em terra estranha, o protestantismo, em seu modelo puritano, é o mapa que conduz o fiel ao seu verdadeiro lar. Assim, o ideal puritano assemelha-se cada vez mais ao fundamentalismo moderno, ou vice e versa, considerando-se portador de dogmas inquestionáveis e únicos possibilitadores de tornar alguém genuinamente cristão. O segundo ponto apresentado como parte da convicção puritana é muitíssimo semelhante ao primeiro item dos Fundamentos publicados pelo Seminário de Princeton em 1910. Elwell vai nos revelar a polêmica que havia entre os próprios puritanos e entre eles e seus opositores quanto a este ponto:

Como os primeiros reformadores ingleses, os puritanos acreditavam, em segundo lugar, na autoridade suprema da Bíblia. O modo de usar as Escrituras, no entanto, logo se tornou uma grande causa de discórdia entre os puritanos e seus oponentes anglicanos, e até mesmo entre os próprios puritanos. Tanto os puritanos como os anglicanos, bem como grupos intermediários, acreditavam na autoridade final da Bíblia. Os puritanos, no entanto, chegaram a argumentar que os cristãos deviam fazer somente aquilo que a Bíblia ordenava. Os anglicanos retrucaram

²⁵⁵

Rubem ALVES. *Protestantismo e repressão*, p. 132.

que, pelo contrário, os cristãos não deviam fazer o que a Bíblia proibia. A diferença era sutil, porém profunda. Entre os puritanos acabaram surgindo muitas diferenças com relação àquilo que as Escrituras realmente exigiam, especialmente nas questões que diziam respeito à igreja.²⁵⁶

Percebe-se aqui o germe claro do fervor e da sanha literalista e não crítica que caracteriza os fundamentalistas quanto à sua análise das Escrituras. Fundamentalistas modernos chegam a sacralizar um fragmento de texto como sendo o único válido, pelas razões mais estapafúrdias possíveis, como faz a Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, em relação à versão Almeida Corrigida e Fiel e ao "Textus Receptus". Acerca disso, nos dirá Cunha:

(...) não aceito o fundamentalismo-puritânico que defende a inerrância desta ou daquela tradução porque se decidiu "eleger estes ou aqueles fragmentos de manuscritos". Defender a inerrância de uma tradução é obscurantismo e nós somos a "luz do mundo".²⁵⁷

Mas é na quarta convicção básica dos puritanos que vamos encontrar inequivocamente seu papel de precursor do fundamentalismo, naquilo que ele possui de mais perigoso e letal: a intolerância para com o diferente e a obrigatoriedade de ver todos pensando de forma igual ao seu padrão para que sejam aceitos, e mais, o sentimento de que a sociedade deveria ser governada segundo estes padrões:

A razão porque as crenças dos puritanos a respeito da salvação, das Escrituras e da igreja criaram um estremecimento tão grande foi a sua quarta convicção básica, de que Deus tinha sancionado a solidariedade da sociedade. A maioria dos puritanos acreditava que um único grupo coordenado de autoridades devia governar a vida na

²⁵⁶ Walter A ELWELL (Editor). *PURITANISMO* In *Enciclopédia Histórico - Teológica da igreja Cristã*, vol. 3, p. 210.

²⁵⁷ Guilhermino CUNHA. *Os herdeiros de Carl McIntire* In *Fides Reformata et semper reformanda est*, V, VI, n° 1, p. 14.

sociedade. O resultado foi que os puritanos não buscavam nada menos do que tornar puritana a totalidade da Inglaterra. Somente nos tempos posteriores da República Puritana é que surgiram idéias de tolerância e daquilo que hoje é chamado pluralismo mas essas idéias eram combatidas pela maioria dos próprios puritanos e foram silenciadas firmemente para outra geração pela restauração de Carlos II.²⁵⁸

Assim, seria possível relacionar a origem do fundamentalismo com o puritanismo, como nos diz Campos:

A origem deste fundamentalismo remete-se à Inglaterra e mormente aos Estados Unidos em fins do século XIX, período em que muitos missionários presbiterianos, seguidores da geração dos pioneiros, chegavam ao Brasil, imbuídos de seus ideais - espalhar para todas a América o sonho americano de um novo mundo, protestante, justo e igualitário - trazendo consigo toda a força do fundamentalismo, que para eles representava a verdade, a única verdadeira interpretação correta e fidedigna da Bíblia, como palavra de Deus.

Na verdade, pode-se dizer, sem correr o risco de simplificar a questão, que o fundamentalismo foi um movimento histórico de longa gestação até o momento de seu nascimento e crescimento. Assim, não foram poucos os anos que o germe fundamentalista levou, desenvolvendo-se em várias etapas, para vir à luz.²⁵⁹

No entanto, a relação com a ciência, abordada no capítulo 2, desmente essa interpretação. O fato é que um movimento tão amplo e complexo como o dos puritanos tem muitas facetas e na maioria das vezes, fica-se com apenas uma delas. Seria bom se os "neopuritanos" da IPB buscassem mais do puritanismo que valoriza a cultura e não vê na ciência uma inimiga e deixasse de lado as perseguições e intransigências quanto a idéias divergentes, que acabam lembrando o episódio Scope. Os mesmos que querem destituir de cargos quem foge do literalismo²⁶⁰, auto-intitulam-se admiradores do puritanismo.

²⁵⁸ Walter A ELWELL. *PURITANISMO* In *Enciclopédia Histórico - Teológica da igreja Cristã*, v. 3, p. 211,.

²⁵⁹ Breno Martins CAMPOS. *Protestantismo e poder: uma análise da ética puritana e do discurso fundamentalista na Igreja Presbiteriana do Brasil*, p. 96.

²⁶⁰ Ver Nota 161.

Por ora, parece que este puritanismo ainda não foi descoberto pela Teologia Reformada da IPB.

4.3 O grande receio da Teologia Reformada quanto à sua brasilidade: medo da cultura?

Antonio Houaiss, em seu Dicionário da Língua Portuguesa, assim define brasilidade:

- 1 caráter ou qualidade peculiar, individualizadora, do que ou de quem é brasileiro; brasileirismo, brasilianismo, brasilismo;
- 2 sentimento de afinidade ou de amor pelo Brasil; brasileirismo, brasilianismo, brasilismo.²⁶¹

Tais sentimentos de difícil verificação e mesmo aceitação em meio a Teologia Reformada brasileira, que insiste em não se aceitar como tal, necessitam ser assim melhor esclarecidos. Trabalhar-se-á esta questão principalmente a partir das concepções de Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil*, onde todo o caráter brasileiro busca ser deslindado, desde a matriz lusa, demonstrando suas características diversas do restante da Europa não-ibérica, e mesmo dentro da península ibérica, em relação ao espanhol (semeador versus ladrilhador), para tentar construir alguns princípios elucidativos do caráter brasileiro, que se acentuam na cordialidade e aversão ao ritualismo, ganhando um âmbito todo especial na esfera religiosa:

Essa aptidão para o social está longe de constituir um fator apreciável de ordem coletiva. Por isso mesmo que

²⁶¹ Antonio HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, p. 508.

relutamos em aceitar um princípio superindividual de organização e que o próprio culto religioso se torna entre nós excessivamente humano e terreno, toda a nossa conduta ordinária denuncia, com freqüência, um apego singular aos valores da personalidade configurada pelo recinto doméstico. Cada indivíduo, nesse caso, afirma-se ante os seus semelhantes indiferente à lei geral, onde esta lei contrarie suas afinidades emotivas, e atento apenas ao que o distingue dos demais, do resto do mundo”.²⁶²

Estas características marcantes, retiradas principalmente da obra citada, são o que, no presente trabalho, se entenderão por aspectos de brasilidade.

O homem cordial: traço definitivo do caráter brasileiro, baseado em traços ancestrais do convívio. A cordialidade aqui é a criação de uma categoria. O que Sérgio Buarque de Holanda quer dizer com cordial? Não é um conceito ético ou apologético, mas ligado aos sentimentos íntimos, familiares, particulares, privados enfim. Pertence ao domínio daquilo que em Sociologia é designado “Grupos Primários”. Não é necessariamente ligado apenas à concórdia. Pode-se contender “cordialmente”. O esquema a seguir ajuda na compreensão do que se pretende com essa categoria, obviamente fugindo de considerações semânticas lexicográficas e filológicas:

Âmbito privado	Âmbito Público
Amizade	Benevolência
Inimizade	Hostilidade

O brasileiro é avesso a ritualizações. Forma de convívio social oposta à “polidez”. A polidez seria a máscara, a defesa do indivíduo ante o social, o coletivo. Um rito que é uma mímica da natural reação do cordial, que por isso não precisa da polidez. Ele prefere a fuga de qualquer individualidade mais profunda. Não quer estar sozinho consigo mesmo, abstraindo o que quer que seja.

²⁶²

Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*, p. 155.

Quer transformar a sociedade em uma grande "família", do qual ele passa a ser uma parte no todo. Verifica-se um gosto pela homogeneização.

Constituem manifestações emblemáticas disto tudo: dificuldade em reverências prolongadas, busca obsessiva da intimidade (vista como prêmio e privilégio, em muitos casos), incompreensão da impessoalidade sob qualquer aspecto. Tendência lingüística ao uso do diminutivo, como forma de "aproximar pessoas e objetos do coração", fazê-los mais íntimos, mesmo quando não são. Omissão voluntária de nomes de família e títulos. Rejeição de qualquer forma de convívio que não tenha uma "ética de fundo emotivo". Exemplo dado por comerciante estrangeiro do séc. XIX: o freguês só é conquistado após tornar-se "amigo" do comerciante.

Será também interessante observar as considerações de Roberto DaMatta, que entende ser o Brasil melhor entendido a partir de mais de uma chave. Ou seja, não se pode entender o que é brasilidade, o que faz o Brasil Brasil apenas pela chave das relações pessoais e familiares. proposta por Sergio Buarque de Hollanda, dentre outros. Nem tampouco a partir apenas a uma chave estatística e demográfica, além de econômica. Mas é enfática a conclusão de DaMatta quanto ao caráter relacional que forma a lógica da própria brasilidade:

... a sociedade brasileira não poderia ser entendida de modo unitário, na base de uma só causa ou de um só princípio social. Ao contrário, dos domínios que tomamos para estudo e investigação, todos se revelaram como que possuídos por uma lógica comum. Uma lógica que chamei de relacional e que na política aparece com o nome de negociação e conciliação. Que no mundo econômico surge na curiosa combinação de uma economia altamente estatizada com uma iniciativa privada vigorosa e ainda importante. Que na religião aparece com a intrigante mistura de catolicismo com religiões afro-populares. E que na cosmologia em geral - e aqui estou pensando na literatura popular e erudita do Brasil - aparece sob uma certa ânsia de criar personagens intermediários, gente que pode

permitir a conciliação de tudo o que a sociedade mantém irremediavelmente dividido por um movimento inconsciente.²⁶³

Será preciso ter tais questões em mente quando tratamos da difícil e mesmo temerária relação da Teologia Reformada brasileira da IPB com a sua necessária e coerente "brasilidade", a fim de que se caminhe rumo a uma teologia que possa identificar-se com o Brasil e os brasileiros, como queriam Simonton e José Manoel da Conceição.

A implantação do presbiterianismo no Brasil, de forma missionária e conversionista, sempre revelou sérias dificuldades com praticamente toda forma de expressão cultural brasileira. A cultura brasileira era e é vista como exageradamente ligada ao catolicismo e outras expressões religiosas populares com as quais o evangelho não poderia misturar-se, sob risco de perder sua autenticidade e mensagem²⁶⁴:

O protestantismo constituía um "modo de vida", e aceitá-lo nos seus princípios de crença implicava em mudanças de padrões de cultura.²⁶⁵

Assim, a doutrina da graça comum é solenemente ignorada, no que tange a uma compreensão de que o próprio Deus inspirou formas culturais também brasileiras. O jeito de ser do brasileiro incomodou os missionários desde o princípio. Seus valores culturais e sociais, sua forma de vida, nada disso era aceitável para o missionário reformado. Teria de ser mudado, ou não se poderia confiar no efeito do evangelho sobre o povo e a Nação, como se pode constatar neste emblemático relato de Simonton:

Passei a maior parte do tempo no sítio de João Carlos Nogueira. Achei a família extremamente hospitaleira e acolhedora. Tive a satisfação de me sentir bem-vindo, e a mesa era excelente, embora servida muito informalmente.

²⁶³ Roberto DaMATTÁ. *O que faz o Brasil, Brasil?* P.119-120.

²⁶⁴ Antonio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*, p. 81,83.

²⁶⁵ Id., p. 96.

Porém, a casa era tão desmazelada, suja, sem assoalhos, janelas e portas, com porcos e galinhas, cães, vacas, cavalos e mulas entrando, enquanto pelo piso da terra engatilhavam crianças brancas e pretas, que tornava-se difícil apreciar a hospitalidade. Nunca vi família tão excelente, com tais recursos ao seu dispor, viver de modo tão deplorável. Escravos por toda a parte, uns atrapalhando os outros, tábuas abandonadas na serraria a cem jardas de distância; não consigo entender tanto descaso e negligência. Dia após dia eu observava e me admirava da maneira como se dirigia a fazenda. Ao ver *João Carlos, um dos brasileiros de coração mais bem formado, em outros aspectos um homem de bom-senso, viver daquele modo, minha confiança no Brasil e nos brasileiros diminuiu [grifo meu].*²⁶⁶

Estabelece-se, segundo Rubem Alves, uma dualidade de caminhos naquilo que ele classifica como Protestantismo da Reta Doutrina. As manifestações artísticas e culturais são, via de regra, para esta espécie de protestantismo, presente empiricamente na Teologia Reformada da IPB, parte do caminho largo, ou seja, ligadas aos prazeres e costumes "do mundo", que não convém aos crentes. Pode-se comprovar isso com a iconoclastia presente nas igrejas que representam a Teologia Reformada brasileira, em particular a IPB. Mas, ainda segundo Rubem Alves, esta não é uma característica da Teologia Reformada brasileira, mas do mundo protestante em geral, pelo menos o representado pelo Protestantismo da Reta Doutrina:

O Protestantismo acolheu e produziu a arte de maneira seletiva. À pujança de sua música, representada por Bach, contrapõe-se um imenso vazio no setor das artes plásticas. Basta que se entre numa igreja protestante para que isto se torne evidente. Não há quadros, não há representações do divino. Os templos se parecem mais com salas de aulas. O seu centro é o púlpito: o lugar de onde se fala. O Protestantismo privilegia a palavra em oposição à contemplação. Isto não é acidental. Tem raízes teológicas. Em contraposição aos católicos, que enfatizam a dimensão contemplativa e visual da experiência religiosa, os protestantes viram no segundo mandamento um interdito que lhes impôs um rigoroso ascetismo artístico. "Não farás para ti imagem de escultura": o divino não pode ser representado. Representar o divino é idolatria.

²⁶⁶ Alderi Souza de MATOS (organizador). *O Diário de Simonton (1852-1866)*, p. 146.

Já que o divino não pode ser representado pela forma, pela cor e pelo movimento, restou ao Protestantismo indicá-lo por meio da linguagem. Esta é a razão que o meio por excelência pelo qual os protestantes vivem a religião é a linguagem: eles pregam, eles ouvem, eles cantam.²⁶⁷

Já demonstramos no capítulo 2 as dificuldades que a Teologia Reformada brasileira apresenta com relação a manifestações culturais brasileiras, como a dança e a música. Mas é também no campo eclesiológico que a Teologia Reformada demonstra seu receio quanto à brasilidade. Simonton, com toda bagagem cultural e religiosa que trouxe, chegou a perceber que precisaria ao menos cogitar mudanças em seus costumes puritanos e americanos para que o povo brasileiro compreendesse sua mensagem. O que se observa, entretanto, é que tais cogitações sequer foram aventadas pelos continuadores de sua obra, acomodando a Teologia Reformada brasileira a formas alheias a sua própria cultura, num prejuízo que persiste até hoje:

Para Shaul, entretanto, era preciso relacionar a vida e atuação desse importante missionário com a obra reformada no Brasil de hoje, onde a igreja sofre a ameaça de se tornar irrelevante, se falhar em responder aos novos desafios. Uma das questões a serem observadas é a luta dos brasileiros pela descoberta de sua identidade, revelando um forte sentimento nacionalista. O que se pode notar é que o protestantismo tradicional se acomodou com formas importadas, ao invés de buscar formas próprias para expressar o evangelho em sua cultura. Simonton percebeu essa questão ao registrar em seu diário um fato quase corriqueiro. Não estaria ele errado ao rejeitar o vinho que lhe fora oferecido em um país em que essa bebida não era utilizada para embriagar? Notou também que alguma literatura que pretendia utilizar na Escola Dominical - no caso, *O Peregrino*, de Bunyan - não era compreendida e não tinha o mesmo efeito que em países de cultura anglo-saxã.²⁶⁸

Até hoje, a Teologia Reformada presente na IPB tem um profundo receio de tudo aquilo que de alguma maneira

²⁶⁷ Rubem ALVES, *Protestantismo e Repressão*, p.131,132.

²⁶⁸ Eduardo Galasso FARIA, *Fé e Compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*, p. 167.

esteja ligada a algo "não evangélico", dentro das formulações culturais de nosso país. Ao surgirem tentativas de aproximar as expressões litúrgicas e teológicas de qualquer formatação que demonstre brasilidade, surgem hostis reações:

CE-93-118 - Doc. XLIII - Quanto aos Docs. 24, 64, 84, sobre publicações no "Brasil Presbiteriano", a CE-SC/IPB resolve: 1) Lamentar que artigos tais como "Brasil Presbiteriano entrevista Jesus Cristo" e "Natal em tom brasileiro" tenham sido publicados pelo Brasil Presbiteriano, com a agravante de ser um deles uma proposta litúrgica para o culto de Natal, quando na verdade trata-se de músicas profanas usadas para invocação de espíritos, em terreiros de macumba; 2) Recomendar ao Conselho de Imprensa que redobre a vigilância quanto ao conteúdo das matérias a serem publicadas, considerando tratar-se de um órgão confessional que deve refletir o pensamento e a posição oficial da IPB; 3) Publicar no Brasil Presbiteriano esta resolução, determinando ao Sínodo que trate junto ao Presbitério que jurisdiciona o Rev. Carlos Alberto Rodrigues Alves que o oriente quanto à sua posição.²⁶⁹

O culto produzido pela Teologia Reformada brasileira também reflete esta aversão à cultura local. O pensamento oficial da IPB considera que, pelo contrário, nenhuma influência cultural deve influenciar o culto, sob risco do mesmo perder sua pureza:

Não há indicação na Escritura de que o culto deva variar de Igreja para Igreja ou que o sabor estético, musical ou cultural do crente deva ter qualquer influência sobre o culto. O culto do Novo Testamento é culto espiritual e, como tal, assim como o culto na sinagoga, é despido de sinais, símbolos e cerimônias (exceto aquelas instituídas por nosso Senhor, o batismo e a Santa Ceia); é o culto no qual as diferenças culturais são minimizadas ao circunstancial e não são permitidas sua introdução na substância do culto. Assim é errado esperar ilhar o culto num gueto cultural. Enquanto coisas externas como vestimentas (vestes litúrgicas não significam nada e não entram na substância do culto), tipos de edifícios e assentos (havendo ou não assentos), e hora do encontro são circunstâncias e variam de lugar para lugar, de tempo para tempo, a substância do culto deve ser tal que os Cristãos de qualquer tempo ou lugar devam se sentir

²⁶⁹

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto presbiteriano 1993 - 1997*, p. 34, 35.

imediatamente em casa - e não devem encontrar nada que possa surpreendê-los. Aqueles que apelam para as expressões das diferenças da cultura geralmente o fazem porque também apelam para inclusão no culto de práticas que Deus não mandou e pela sua própria natureza são culturalmente orientadas. A liberdade do evangelho no culto é tal que as barreiras culturais são minimizadas: restringindo nosso culto simplesmente àquilo que Deus tem mandado realizar nele. Ênfase em diferentes estilos e nas diferenças culturais separam os Cristãos, tanto um do outro como de Deus.²⁷⁰

Segue-se que a Teologia Reformada continua sendo um corpo estranho dentro da cultura brasileira. Na verdade, estranhíssimo. Era de se esperar que, por fazer o catolicismo realmente parte integrante da cultura brasileira, o protestantismo não alcançaria a sua expressão. Mas, o que vemos é uma situação de quase nulidade em termos de impacto cultural:

Embora sejam muitos raros os momentos em que, de algum modo, a presença protestante no Brasil se faça sentir na sociedade brasileira, existe um protestantismo no Brasil. O protestante não aparece, não se apresenta, não se insere de modo sensível na política, na cultura. Não há um impacto protestante na sociedade brasileira.²⁷¹

O "neopuritanismo" da Teologia Reformada brasileira, com suas formulações desprovidas de qualquer preocupação com tal inserção na cultura em nada colabora para uma busca de uma identidade cultural. Os reformados brasileiros continuam com medo da sua brasilidade.

A brasilidade acaba relacionada com sincretismo. Assim, perde-se a possibilidade de interagir através de uma linguagem compreensível ao povo brasileiro, pelo medo de que tal concessão leve à apostasia. Um dos caminhos mais urgentes para a Teologia Reformada brasileira é

²⁷⁰ Ludgero Bonilha de MORAES. *A Liberdade Cristã e o culto*. Disponível na Internet. http://www.executivaipb.com.br/Conviccoes_Liberdade.htm. 29 de Janeiro de 2004. O autor é o atual Secretário Executivo do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

²⁷¹ Antonio Gouvêa MENDONÇA. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*, p. 15.

buscar uma saída para que apareça o rosto brasileiro do protestantismo reformado, valorizando a tradição reformada brasileira, ainda que com suas idiossincrasias e peculiaridades, buscando um orgulho não xenófobo de ser reformado brasileiro. Ainda que alguns digam que Teologia Reformada brasileira é um contra-senso, à luz dos descaminhos históricos de Calvino até Simonton, essa é uma expressão que guarda o seu quinhão de apego à literalidade nem sempre possível dos fatos, pois, a seguir-se radicalmente por este critério, tradição reformada autêntica só em Genebra, e durante a vida de Calvino. Waldyr Carvalho Luz, tradutor da única versão das Institutas da Religião Cristã de João Calvino para o português, parece reclamar também por algo originariamente brasileiro na Teologia Reformada, embora creia, devido a isso, na inexistência de uma Teologia Reformada brasileira:

A rigor, não há falar-se de Teologia Reformada brasileira, visto que no cenário pátrio ninguém tem adentrado como teólogo reformado, com alguma originalidade e criatividade. Temos tido divulgadores da Teologia Reformada, dita calvinista, especialmente professores da matéria nos nossos seminários, que não fogem ao que ensinam os compêndios adotados (Strong, Hodge, Berkhof), mesmo porque têm de seguir à risca a linha doutrinária da igreja. Nesse caso, dir-se-á apenas que há cultores da Teologia Reformada no Brasil, o que não a faz brasileira.²⁷²

Será preciso aprender a experimentar as possibilidades que esta tradição pode ter no Brasil, onde já se desacreditou que ela vingasse:

(...) nota o Pastor Kidder, "quem deseje encontrar, já não digo estímulo, mas ao menos lugar para um culto mais espiritual, precisará ser singularmente fervoroso". Outro visitante, de meados do século passado, manifesta profundas dúvidas sobre a possibilidade de se implantarem algum dia, no Brasil, formas mais rigoristas de culto.

²⁷² Waldyr Carvalho LUZ. *Carta ao autor da dissertação*, datada de 30 de Setembro de 2003, procedente de Campinas - SP.

Conta-se que os próprios protestantes logo degeneram aqui, exclama. E acrescenta: "É que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou o puritanismo jamais florescerão nos trópicos".²⁷³

O grande problema de tentarmos fugir de nossa brasilidade será justamente tentarmos ser quem não somos. Somos brasileiros cordiais, amantes da informalidade e improvisado²⁷⁴. Olhar para as catedrais européias e americanas com suspiros lamentosos e com uma "inveja santa" dos seus centros difusores de teologia porque não se é tão eficaz e imponente não vai conduzir a Teologia Reformada brasileira a um rumo próprio. É preciso assumir a brasilidade para apresentar-se definitivamente à sociedade, não mais como um corpo estranho, mas como uma expressão que já caminha com ela há quase 150 anos.

4.4 O "neopuritanismo" da Teologia Reformada Brasileira: que tipo de eclesiologia tem produzido?

Temos designado "neopuritanos" aqueles reformados brasileiros que têm assumido a designação de puritanos, com profundo orgulho e convicção.

Existem no Brasil organizações, editoras e simpósios com o nome "puritano", numa tendência que encontra paralelo nos E.U.A. e em parte da Inglaterra, como já vimos na conclusão do capítulo 2.

Tais grupos preocupam-se em identificar-se de forma o mais isenta possível²⁷⁵, numa busca pela valorização

²⁷³ Sergio Buarque de HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 151.

²⁷⁴ Id., p. 145-150.

²⁷⁵ **Objetivos**

Divulgar as origens e raízes protestantes, nossa identidade.

Apresentar um referencial de vida cristã autêntica.

Propor um referencial de avivamento bíblico, equilibrado, mas sem apagar o Espírito Santo de Deus, Soberano.

daquilo que alguns tem chamado de "grande momento". O ideal puritano teria complementado o que faltava no pensamento de João Calvino e demais calvinistas que o sucederam, e até hoje pode lançar luzes aqui no Brasil sobre nossa forma de culto e de ser igreja.

Os "neopuritanos" não aceitam qualquer manifestação cultural no meio da sua igreja. Apregoam uma eclesiologia que deve buscar padrões fora da cultura local ou mesmo externa: só a Bíblia tem validade para direcionar o modelo eclesiológico. No espírito do biblicismo e do literalismo já tratados no capítulo 2, o que não está escrito "não vale".

As escolhas criativas e culturalmente mais elaboradas são sempre vistas como perigosas. Mesmo a dedicação ao estudo deve ser restrita. Feita com todo o cuidado, pois pode perverter a igreja. Enveredar-se por caminhos mais ligados à ciência para uma ajuda no próprio ministério eclesiástico pode gerar celeuma e manifestações contrariadas:

Divulgar uma literatura sã, reformada, selecionada, bíblica, crendo ser necessária para os nossos dias.
Realizar simpósios sobre OS PURITANOS, quem foram, e sua importância para os nossos dias.
Editar o Jornal "OS PURITANOS" - nosso meio de comunicação e divulgação da fé reformada.

Esclarecimento

Não temos nenhuma pretensão, e, longe de nós, o propósito de estabelecer uma nova denominação, ou implantar em pleno século XX, em solo brasileiro, os usos e costumes da Inglaterra do século XVII, nem exaltar e idolatrar os expoentes do Puritanismo (idolatria era o que eles mais detestavam). Pelo contrário, aprender com eles que Deus é Soberano e que sua Graça nos alcançou; que somos peregrinos numa jornada até o céu. Jornada que passa pelo mundo e não uma fuga dele. Porém sempre uma atitude de NÃO CONFORMISMO em relação a atual situação espiritual em que vive o nosso povo evangélico, o povo de Deus. Não temos nenhum objetivo político que venha favorecer outros interesses que não sejam o de enfatizar a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada, como única REGRA DE FÉ E PRÁTICA - ela é o nosso maior referencial. Disponível na Internet. *Os puritanos: quem são?* <http://www.ospuritanos.com.br>. 29 de Janeiro de 2004.

SC-IPB/99E - Doc. XX, quanto ao doc. 77, consulta da 1ª Igreja Presbiteriana de Vitória sobre ministro fazer curso de psicanálise freudiana, aprova-se nos seguintes termos: Considerando-se que: 1. Não é atribuição da Igreja Presbiteriana do Brasil estabelecer juízo sobre entidades e cursos na área secular que seus Ministros venham a fazer; 2. Que o problema de um Ministro ser ou não influenciado pelas leituras que faz durante um curso, não está no curso em si, mas nas convicções da própria pessoa; O SC-IPB RESOLVE: 1. Destacar o zelo e preocupação da I Igreja Presbiteriana de Vitória com o exercício do Sagrado Ministério, cuja missão deve ser encarada como a primeira neste mundo; 2. Recomendar aos Ministros do PCES e da IPB em geral que não confundam nem misturem o exercício pastoral com outras atividades profissionais, inclusive a de psicanálise.²⁷⁶

Até mesmo as manifestações culturais ocorridas em instituições que não são propriamente a igreja,²⁷⁷ mas levam o seu nome, são duramente combatidas, mesmo que a finalidade das mesmas seja justamente promover e produzir cultura:

SC-IPB/98 - DOC. LXII - Quanto ao Doc. N.º 47, Do Presbitério Piratininga - Proposta de apuração da responsabilidade de autorização de pessoas que ocupam o auditório Rui Barbosa e verificação se é caso de denunciar o comodato. O SC/IPB-98, em sua XXXIV Reunião Ordinária, Considerando: 1. Que a programação referida pelo Presbitério de Piratininga foi uma iniciativa do Diretório Acadêmico de Direito da Universidade. 2. Que os atos acontecidos nesta programação provocaram da parte da Reitoria e da Administração do INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE medidas cabíveis para que feitos como estes não mais aconteçam. 3. O atual estágio do relacionamento entre a IPB e o INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE como um todo, num franco diálogo. 4. As informações prestadas pelos representantes do INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE: Resolve: 1. Lamentar o ocorrido: 2. Informar ao Presbitério de Piratininga que ao fato em pauta não cabe a denúncia do Comodato. 3. Dar ciência ao Presbitério de que a Administração do INSTITUTO

²⁷⁶ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1998 - 1999*, p. 128.

²⁷⁷ Exposição e Palestra "Terra - Sebastião Salgado". Estiveram presentes o compositor Chico Buarque de Holanda e o escritor José Saramago, Nobel de Literatura em 1998. Iniciativa dos Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Arquitetura (DAFAM), Comunicação e Artes (DACAM) e Direito (DAJMJ) <http://www.mackenzie.com.br/50anos/cronologia3.htm>

PRESBITERIANO MACKENZIE está atenta à vida da Instituição com o fim de que seja preservada a "conduta evangélica reformada". 4. Informar, também, que a administração do INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE determinou que os eventos a terem lugar no Campus serão autorizados pela Reitoria, mediante solicitação à administração geral para cessão do espaço físico.²⁷⁸

Ultimamente, a temática da dança, já tão abordada em seu aspecto cultural na sociedade, tem voltado à tona, agora com a possibilidade de seu uso litúrgico. O que seria uma manifestação cultural e eclesiológica natural num país como o Brasil, tem gerado enorme polêmica no seio da IPB.

Ludgero Bonilha de Moraes, valendo-se de um biblicismo invejável, assinala a suposta origem da mera expressão dança já como impeditivo de qualquer cogitação para o seu uso em quaisquer circunstâncias, especialmente litúrgicas:

O vocábulo "dança" é uma das possíveis traduções do palavra grega paizo e seus correlatos, bem como da palavra shireh da língua hebraica. São elas comumente traduzidas por "agir como criança", "brincar", "dançar", "gesticular", "zombar", "imitar". É relacionada com o substantivo paidía e paidiá, trazendo sempre a idéia de "jogos eróticos". Paizo tal como foi usada pelos gregos, muito comumente denota este verbo "falta de seriedade com alguma coisa em termos de atitude ou conduta". Significa também "saga levemente tratada ou inventada", "gesticular", "zombar", "ridicularizar", "lascívia", "libertinagem", "licenciosidade", "tolice" e "estupidez".²⁷⁹

E assim, segue-se num raciocínio literalista e inflexível:

²⁷⁸ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1998 - 1999*, P. 86, 87.

²⁷⁹ Ludgero Bonilha de MORAES. *Dança litúrgica*. Disponível na Internet. http://www.executivaipb.com.br/Controversias_Danca.htm. 12/12/2003.

Concluimos, afirmando que, não há uma referência sequer que no culto do Novo Testamento tenha havido manifestação da dança cùltica. Nem mesmo na igreja dos Pais Apostólicos, e nem ainda na Reforma Protestante do Século XVI.²⁸⁰

Se não encontramos justificativas bíblicas literais, proíba-se a dança:

SC-IPB/98 - DOC. CXIII - Quanto ao Doc. N.º 180 - do Presbitério de Magé, Sínodo Leste Fluminense, referente ao "bater palmas" e "forte expressão corporal" nos cultos, O SC/IPB-98, em Sua XXXIV Reunião Ordinária, Considerando: **1)** Que os Princípios de Liturgia da IPB prescrevem no Capítulo III, Arts. 7 e 8, que "O Culto público é um ato religioso, através do qual o povo de Deus adora o Senhor, entrando em comunhão com Ele, fazendo-lhe confissão de pecados e buscando pela mediação de Jesus Cristo, o perdão, a santificação da vida e o crescimento espiritual....", constando "ordinariamente de leitura da Palavra de Deus, pregação, cânticos sagrados, orações e ofertas...."; **2)** Que a vida cristã em todas as suas facetas é integral, e o culto a Deus como manifestação responsiva do seu povo, envolve a emoção, a vontade e a razão; **3)** Que dentro da compreensão Reformada do Novo Testamento, no culto além da sinceridade do adorador e obediência aos preceitos bíblicos, no que concerne ao participante deve predominar a inteligibilidade da adoração (Rm 12.1-2); **4)** Que "... O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer outra maneira não prescrita na Santa Escritura." (Confissão de Westminster, 21.1). **5)** Que o Culto é a nossa mais nobre atividade, colocando o espírito humano em comunicação com Deus eterno. **6)** Que a ênfase acentuada no movimento

²⁸⁰

Id., Ibidem.

físico durante o culto, além de não se constituir em praxe presbiteriana, não contribui para a sua inteligibilidade, antes, propicia desvios do sentido mais profundamente bíblico da adoração cristã. **7)** A urgência de um posicionamento da igreja no que se refere às variadas e até mesmo contraditórias manifestações litúrgicas em nossa igreja. Resolve: **1** - Lembrar que entre as funções privativas do Pastor, está: "orientar e supervisionar a liturgia na igreja de que é pastor" (CI/IPB. Art 31, "d"), tendo este no ato de sua Ordenação ao Sagrado Ministério reafirmado "sua crença nas Escrituras Sagradas como a Palavra de Deus, bem como a sua lealdade à Confissão de Fé, aos Catecismos e à Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil". (Princípios de Liturgia, Cap. XIV, Art 33). **2** - Determinar que os Sínodos e Presbitérios cumpram o que prescrevem os Princípios de Liturgia/IPB, Cap. III, Arts. 7 e 8, e zelem para que façam o mesmo os Pastores e igrejas por eles jurisdicionadas, **3** - Recomendar que os Sínodos e Presbitérios promovam simpósios regionais sobre os Princípios Bíblicos-Reformados da Adoração Cristã.²⁸¹

Assim têm sido os "neopuritanos". Mas e os puritanos? Dariam realmente lugar para tais interpretações? Não é o que parece:

Devemos imaginar estes puritanos como o extremo oposto daqueles que se dizem puritanos hoje; imaginemo-los jovens, intensamente fortes intelectuais, progressistas e muito atuais. Eles não eram avessos a bebidas com álcool: mesmo à cerveja, mas os bispos eram a sua aversão. Os puritanos fumavam (na época não sabiam dos efeitos danosos do fumo). Bebiam (com moderação). Caçavam, praticavam esportes, usavam roupas coloridas, faziam amor com suas esposas, tudo isto para a glória de Deus, o qual os colocou em posição de liberdade.²⁸²

²⁸¹ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1998 - 1999*, P. 99, 100.

²⁸² Franklin FERREIRA. *O movimento puritano e João Calvino*, p. 36.

Assim, percebe-se que o problema da recepção permanece. Não é João Calvino, nem são os calvinistas, nem são os puritanos quem, cada um ao seu modo e segundo a sua época, fugindo de anacronismo e buscando sempre a relevância, devem ser julgados pelas dificuldades eclesiológicas e culturais da Teologia Reformada brasileira. Aqueles que hoje tomam suas palavras e seus nomes é que devem responder por seus atos.

Chegando às últimas palavras deixemos falar uma vez mais José Manuel da Conceição²⁸³ e Ashbel Green Simonton, interpretados por Shaul, que "não desejavam uma igreja transplantada de outra cultura, com outra tradição, mas um movimento profundo de reforma, que permitisse a criação de um cristianismo brasileiro":

Essas preocupações tanto de Conceição como de Simonton praticamente desapareceram com os outros missionários. Adaptações foram feitas na mensagem protestante para o povo brasileiro, mas a abertura para a necessidade de uma indigenização não aconteceu. Como observou Shaul: Se isso tivesse acontecido, poderia ter sido possível evitar o desenvolvimento de um certo calvinismo racionalista no meio de um povo fortemente emocional ou de um rígido puritanismo, cuja tendência era antes reprimir que liberar e transformar a vitalidade da alma brasileira. Teria sido possível levantar mais cedo as questões relacionadas com uma Teologia Brasileira,

²⁸³

O Rev. José Manoel da Conceição (1822-1873), foi o primeiro pastor presbiteriano brasileiro, ordenado em 1865. Era ex-padre, e mesmo quando padre era conhecido como "padre protestante", devido às suas tendências favoráveis a certas doutrinas reformadas mesmo enquanto era padre. Foi muito influenciado pelos luteranos e reformados suecos e alemães que vieram trabalhar na fundição de aço localizada na Fazenda Ipanema, município de Iperó com quem conviveu na juventude por algum tempo. Foi ordenado em , passando a exercer um ministério de pregação itinerante e solitário, visitando incansavelmente dezenas de vilas e cidades no interior de São Paulo, Vale do Paraíba e sul de Minas Gerais. Aveso aos padrões eclesiásticos do presbiterianismo instalado no Brasil, nunca pastoreou uma Igreja, nem batizou nenhum converso, e raramente ia às reuniões do presbitério. Apresentava um comportamento depressivo e era obcecado pela pregação da Palavra. Era homem de grande cultura e erudição, dominando diversos idiomas. Morreu sozinho, num local à beira da estrada por onde viajava, em uma de suas inúmeras "andanças". Fonte: Boanerges Ribeiro. *O padre protestante*.

utilizar a rica tradição musical do Brasil para os hinos protestantes e fazer a adaptação das estruturas da igreja e padrões de vida congregacional à realidade brasileira. Tudo isso teria tornado muito menos aguda a situação em que nos encontramos hoje.²⁸⁴

Uma expressão que causa calafrios nos "neopuritanos" é inclusão. Desde os primórdios da Igreja Presbiteriana do Brasil encontramos exemplos de como a eclesiologia aqui desenvolvida tinha dificuldades em lidar com os menos ascetas.²⁸⁵ Poder-se-ia dizer que esta é uma autêntica herança das dificuldades de João Calvino com o partido dos libertinos de Genebra.²⁸⁶ Mas as inflexões históricas são bastante diferentes: Calvino deixa claro nas Institutas da Religião Cristã (Livro IV) que na Igreja visível sempre haverá joio e trigo. Com seu silogismo prático, os "neopuritanos" brasileiros por vezes querem realizar a tarefa divina desta separação, valorizando mais o aspecto da disciplina, que tem sido elevada à condição de "marca" da verdadeira igreja,²⁸⁷ patamar no qual Calvino nunca colocou, embora a tenha enfatizado e praticado, do que os *Princípios de Unidade* que são tão elucidativos da aversão de Calvino por perfeccionistas e ascetas radicais.²⁸⁸

As marcas da verdadeira igreja para Calvino são apenas duas, como já apresentado no Capítulo 1: pregação sincera da Palavra de Deus e Ministração correta dos Sacramentos. As listas de marcas requeridas pelos calvinistas, puritanos e "neopuritanos" certamente são mais longas, ainda que muitas vezes não as explicitem. É neste ponto que se pode aprender de Calvino que inclusão não precisa ser sinônimo de desvirtuamento, mas de confiança na soberania de Deus sobre a Igreja Invisível. A

²⁸⁴ Id., p. 168.

²⁸⁵ Boanerges RIBEIRO. *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 43-45.

²⁸⁶ Carter LINDBERG. *As Reformas na Europa*, p. 316.

²⁸⁷ Louis BERKHOF. *Teologia Sistemática*, p. 530.

²⁸⁸ Juan CALVINO. *Inst. IV,1,12* p. 814-815.

Teologia Reformada brasileira carece de uma eclesiologia que tenha mais prazer na inclusão do que na exclusão, e que viabilize a ação efetiva da igreja em meio a um povo que carece de solidariedade sincera por suas mazelas, tanto espirituais quanto sociais, e que sejam vistos antes como próximos, conterrâneos sofridos, gente que precisa ser amada, do que possíveis prosélitos ou convertidos em potencial. Quando passar a caminhar neste rumo, possivelmente a Teologia Reformada esposada pela IPB terá adquirido a relevância e o carinho de poder ser considerada realmente brasileira, pensada e gestada para o Brasil.

5. Bibliografia

- ALVES Rubem A. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.
- ALVES, Rubem A. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Editora Ática, 1979.
- AMARAL, Epaminondas Melo do. *O Protestantismo e a Reforma*. São Paulo: Livraria Sal e Luz, 1962
- ANGLADA, Paulo R. B. *A Confissão de Fé de Westminster é realmente calvinista?* In *Fides Reformata* Vol II, número 2, 1998.
- ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras (Vinte anos de História da Igreja Presbiteriana do Brasil: 1954-1974)*. Rio de Janeiro: ISER, 1985.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BATTLES, Ford Lewis. *Interpreting John Calvin*. Grand Rapids: Baker Books, 1996.
- BAUSWEIN, Jean-Jacques; VISCHER, Lukas (Eds.). *The Reformed Family Worldwide. A Survey of Reformed Churches, Theological Schools, and International Organizations*. Grand Rapids; Cambridge : Eerdmans, 1999.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.
- BONI, Luis Alberto de. (Org.) *FUNDAMENTALISMO*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995
- BONINO, Jose Miguez. *Rostros del Protestantismo Latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995.
- CALVINO, Juan. *Institucion de La Religion Cristiana. Traducida e Publicada por Cipriano de Valera em 1597. Reeditada por Luis de Usoz Y Río em 1858. Nueva Edición Revisada em 1967. Cuarta Edición Inalterada 1994 (Dos Volúmenes)*. Rijswijk: Felire, 1994.
- CAMPOS, Breno Martins. *Protestantismo e poder: uma análise da ética puritana e do discurso fundamentalista na Igreja Presbiteriana do Brasil*. Dissertação de

- Mestrado. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 2000.
- CHRISTO, Carlos Alberto Libânio. *A ótica míope do fundamentalismo*. Disponível na internet. <http://www.ateufeliz.hpg.ig.com.br/AOpticaMiopeDoFundamentalismo.htm>. 19 de Dezembro de 2002.
- COTTRET, Bernard. *Calvin: A Biography*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.
- CUNHA, Guilhermino. *Os herdeiros de Carl McIntire* In: *Fides Reformata et semper reformanda est*, 5, vol. 6, nº 1, São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper, 2000.
- DREHER, Martin Norberto. *Para entender o fundamentalismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- ELWELL, Walter A. (Org.) *Enciclopédia Histórico - Teológica da igreja Crista*. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso: Richard Shaul e a Teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002.
- FERREIRA, Franklin. *O Movimento Puritano e João Calvino* In: *Fides Reformata*, Vol. IV, número 1, 1999.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil vol 1*. 2ª Edição. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
-
- vol 2. 2ª Edição. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- HILL, Chistopher. *Puritanism and Revolution. Studies in Interpretation of the English Revolution of the 17th Century*. New York: Shocken Books, 1964.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HOOYKAAS, R. *A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna*. São Paulo: Polis, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- HOUAISS, Antônio (Org.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUNTER, A. Mitchell. *The teaching of Calvin. A Modern Interpretation*. Westwood: Fleming H. Revell Company, 1950.
- IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Digesto Presbiteriano 1951 - 1960*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- _____. *Digesto Presbiteriano 1985 - 1992*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- _____. *Digesto Presbiteriano 1993 - 1997*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- _____. *Digesto Presbiteriano 1998 - 1999*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- _____. *Digesto Presbiteriano 1996 - 2000*. Disponível na Internet. <http://www.executivaipb.com.br/Documentos/Digesto/Digesto%2096-2000.doc>. 29/01/2004.
- _____. *Digesto Presbiteriano 2001 - 2003*. Disponível na Internet. <http://www.executivaipb.com.br/Documentos/Digesto/Digesto%202001-2003.doc>. 29/01/2004.
- KENDALL, R. T. *Calvin and English Calvinism to 1649*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- _____. A modificação puritana do Calvinismo In REID, W. Stanford (editor) *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- LACERDA, Gerson Correia de. *O Presbiterianismo brasileiro* In LEITH, John H., *A tradição Reformada*, p. 87, Apêndice B.
- LEITH, John H. *A Tradição Reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social*. São Paulo: ASTE, 1950.
- LESSA, Vicente Themudo. *Calvino 1509 - 1564: Sua vida e sua obra*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, sem data indicada de publicação.

- LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Origem e História do Fundamentalismo*. *Jornal O Mediador*. São Paulo, Novembro de 2002.
- LUZ, Waldyr Carvalho Carta ao autor da dissertação, datada de 30 de Setembro de 2003, procedente de Campinas - SP.
- DaMATTA, Roberto. *O que faz do Brasil, Brasil*. 12^a Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- MATOS, Alderi de Souza. *Resgatando os aspectos essenciais da identidade reformada*. Disponível na Internet. <http://www.academiocalvinia.com.br/Arquivos/IdentReformada.htm> . 29/11/2003
- _____. (organizador). *O Diário de Simonton 1852-1866*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- _____. *Simonton e as bases do presbiterianismo no Brasil*. Disponível na Internet. <http://www.academiocalvinia.com.br/Arquivos/Simonton.htm>. 30/11/2003.
- McGRATH, Alister E. *A Life of John Calvin*. Oxford: Blakwell Publishers, 1990.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES Filho, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste porvir*. São Paulo: Aste, Pendão Real e Edims, 1995.
- _____. *A Identidade Religiosa e as Transformações Sociais*. *Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul*. Volume 59, N° 48. Campinas, Janeiro/Abril de 1998.
- MORAES, Ludgero Bonilha de, *Dança litúrgica*. Disponível na Internet. http://www.executivaipb.com.br/Controversias_Danca.htm. 12/12/2003.
- _____. *A Liberdade Cristã e o culto*. Disponível na Internet. http://www.executivaipb.com.br/Conviccoes_Liberdade.htm. 29 de Janeiro de 2004.

REID, W. Stanford (editor) *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira: Aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

_____. *O padre protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1950.

RIETH, Ricardo Willy. João Calvino (1509-1564) e seu conceito de um governo teocrático. Texto revisto e ampliado de conferência apresentada no Simpósio Nacional sobre os Fundamentos Políticos da Educação em Tempos Modernos (20-21/11/2000, Maringá, PR), promovido pela Universidade Estadual de Maringá - Programa de Pós-Graduação em Educação, sob a coordenação do Prof. Dr. Peter Johann Mainka.

SENARCLENS, Jacques de. *Herdeiros da Reforma*. São Paulo: ASTE, 1970.

SHAULL, Richard. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Sagarana; CEDI; CLAI; Progr. Ec. de Pós-Grad. Em Ciências da Relig., 1985.

_____. *A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação*. São Paulo: Pendão Real, 1993.

_____. *Heralds of a New Reformation*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1984.

_____. *Alternativa ao desespero*. 2ª Ed. [S l.]: Imprensa Metodista, 1963. [Publicação do Setor da Confederação Evangélica do Brasil e da União Cristã de Estudantes do Brasil]

_____. *O Cristianismo e a Revolução Social*. Trad. por Aureliano Lino Pires. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.

_____. *As transformações profundas à luz de uma Teologia Evangélica*. Coleção Questões Abertas, vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1967.

_____. *Uma abertura precária a um novo futuro*. Disponível na internet. http://www._____

iep.edu.br/pastoral/mensagem_derichardshaull.doc . 11 de Julho de 2002.

_____. (dickshaull@aol.com.br) *Contact*, 12 de Julho de 2002. E-mail para: Marcello Fontes (revmf@ig.com.br).

da SILVA, Hélerson. *A Era do Furacão: História Contemporânea da Igreja Presbiteriana do Brasil (1959 - 1966)*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996.

_____. O Evangelho Social: De Ritschl, Rauschenbusch a Richard Shaull. *Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul*. Ano LVII, nº 44. Campinas, Agosto de 1996.